



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**ELA TÁ SE ACHANDO O MÁXIMO: UM ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÕES DE
ATRIBUIÇÃO COM OS VERBOS *ACHAR*, *SENTIR* E *QUERER***

Débora Cristina Ribeiro dos Santos

2024

**ELA TÁ SE ACHANDO O MÁXIMO: UM ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÕES DE
ATRIBUIÇÃO COM OS VERBOS *ACHAR*, *SENTIR* E *QUERER***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a.Dr^a Karen Sampaio Braga Alonso

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2024

CIP - Catalogação na Publicação

S287e Santos, Débora Cristina Ribeiro dos
ELA TÁ SE ACHANDO O MÁXIMO: UM ESTUDO SOBRE
CONSTRUÇÕES DE ATRIBUIÇÃO COM OS VERBOS ACHAR,
SENTIR E QUERER / Débora Cristina Ribeiro dos
Santos. -- Rio de Janeiro, 2024.
129 f.

Orientadora: Karen Sampaio Braga Alonso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2024.

1. funcionalismo. 2. gramática de construções. 3.
construções idiomáticas. 4. achar. 5. sentir. I.
Alonso, Karen Sampaio Braga, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

**ELA TÁ SE ACHANDO O MÁXIMO: UM ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÕES DE
ATRIBUIÇÃO COM OS VERBOS *ACHAR, SENTIR E QUERER***

Débora Cristina Ribeiro dos Santos

Orientadora: Prof^a Dr^a Karen Sampaio Braga Alonso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Data de aprovação: 19/03/2024

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Karen Sampaio Braga Alonso — Presidente da Banca Examinadora Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Maria Maura da Conceição Cezario
Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Monclar Guimarães Lopes
Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
Março de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me fez quem eu sou e me abençoou com oportunidades e condições para chegar ao mestrado.

Em segundo lugar, aos meus pais, que sempre foram os maiores incentivadores dos meus estudos: minha mãe, me incentivando a seguir cada vez mais longe e me apoiando, e meu pai, que apesar de não estar aqui para ver essa conquista, sempre exigiu excelência dos meus estudos e foi o único dos 14 filhos que chegaram à fase adulta a ter tido as condições e oportunidades necessárias para ingressar numa universidade.

Aos meus amigos, que sempre me incentivam, comemoram comigo minhas alegrias e fornecem suporte emocional nos momentos difíceis (como não posso citar todos, mencionarei os três que caminham comigo há mais tempo): Aimy Kanno, Renata Leite e Davi Balmant. Eu amo vocês, obrigada por tudo. Eu fico toda me sentindo com amizades tão incríveis assim.

À minha orientadora Karen, por quem tenho grande admiração, que teve paciência comigo em todo o tempo e exigiu de mim o que acreditava que eu fosse capaz.

E um obrigada especial aos meus amigos do mestrado Thiago Moreira e Gleyson Ribeiro, que me acompanharam durante todo esse processo, com paciência e muitas piadas.

“O temor ao Senhor é o princípio de toda sabedoria”

– Provérbios 9.10

RESUMO

SANTOS, Débora Cristina Ribeiro. **Ela tá se achando o máximo: um estudo sobre construções de atribuição com os verbos *achar*, *sentir* e *querer***. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

Neste trabalho são analisadas quali-quantitativamente as construções anafóricas de atribuição explícita, tais como em *Pedro tá se achando o gostosão* e *Maria tá se sentindo excluída*; as construções intensivas de atribuição implícita, como em *Larissa tá se achando* e *Carlos tá se sentindo*; e a construção intensiva de atribuição transitiva, como em *Enzo veio todo se querendo*. O objetivo do trabalho é descrever seus usos, seus aspectos semântico-pragmáticos e seus aspectos formais, bem como explicar como essas construções se relacionam na rede construcional do português brasileiro. Foram utilizados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2016; GOLDBERG, 1995) e o modelo de gramática de construções (DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 2019). Foram analisados 200 dados com o verbo *achar*, sendo 116 referentes à construção anafórica de atribuição explícita (*Pedro tá se achando o gostosão*) e 84 referentes à construção intensivas de atribuição implícita (*Larissa tá se achando*); 200 dados com o verbo *sentir*, sendo 190 referentes à construção anafórica de atribuição explícita (*Maria tá se sentindo excluída*) e 10 referentes à construção intensiva de atribuição implícita (*Carlos tá se sentindo*); e 168 dados da construção intensiva de atribuição transitiva, com o verbo *querer* (*Enzo veio todo se querendo*). Quanto às construções anafóricas de atribuição explícita, destacaram-se os fatores contextos de im/polidez (BROWN; LEVINSON, 1987), natureza dos qualificadores (sendo positivos ou negativos) combinados à construção e a intensividade desses qualificadores, estas expressam uma opinião do enunciador acerca daquilo que acredita ser um pensamento que o sujeito sintático possui sobre si e se dividem em duas: a construção reflexiva de atribuição explícita (com o verbo *achar*), tendendo a ser utilizada em contextos impolidos e a se combinar com qualificadores positivos (+) intensivos, e a construção média-cognitiva de atribuição explícita (com o verbo *sentir*), tendendo a ser utilizada em contextos de polidez e a se combinar com qualificadores negativos não marcados quanto à intensividade. Elas podem ser representadas formalmente como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF], respectivamente. A construção intensiva de atribuição implícita (*Larissa tá se achando*) herda diferentes propriedades da construção reflexiva de atribuição explícita (*Pedro tá se achando o gostosão*) a partir de um link de

subparte, como sua forma e os atributos positivo e (+) intensivo, expressando um sujeito que pensa ou sente algo muito positivo em relação a si próprio. Sua forma pode ser notada como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO]. Havendo expansão da classe hospedeira da construção intensiva de atribuição implícita, seu uso passa a ser licenciado também com o verbo *sentir*, gerando casos como *Carlos tá se sentindo*, cuja representação formal é [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO]. Por sua vez, a construção intensiva de atribuição transitiva (*Enzo veio todo se querendo*), formalmente representada como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO], por analogia de forma herda as características (+) intensivo e positivo das construções intensivas de atribuição implícita, estando as três ligadas à forma [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}]. A construção intensiva de atribuição transitiva se diferencia por semanticamente remeter à conotação sexual.

Palavras-chave: funcionalismo; gramática de construções; construções idiomáticas; achar; sentir; querer.

ABSTRACT

In this work are analyzed qualitatively-quantitatively the anaphoric constructions of explicit attribution, such as *Pedro tá se achando o gostosão* (*Pedro's finding himself the hottest*) and *Maria tá se sentindo excluída* (*Maria's feeling excluded*); constructions of implicit attribution, as in *Larissa tá se achando* (*Larissa's finding herself*) and *Carlos tá se sentindo* (*Carlos' feeling himself*); and intensive construction of transitive attribution, as in *Enzo veio todo se querendo* (*Enzo came all wanting himself*). The objective of this work is to describe their uses, their semantic, pragmatic and formal aspects, as well as to explain how these constructions are related in the constructional network of Brazilian Portuguese. We used the theoretical assumptions of Usage-Centered Functional Linguistics (BYBEE, 2016; GOLDBERG, 1995) and the Construction Grammar model (DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 2019). We analyzed 200 data with the verb *achar* (*to find*), 116 referring to the anaphoric construction of explicit attribution *Pedro tá se achando o gostosão* (*Pedro's finding himself the hottest*) and 84 referring to the intensive construction of implicit attribution *Larissa tá se achando* (*Larissa's finding herself*); 200 data with the verb *sentir* (*to feel*), being 190 referring to the anaphoric construction of explicit attribution *Maria tá se sentindo excluída* (*Maria's feeling excluded*) and 10 referring to the intensive construction of implicit attribution *Carlos tá se sentindo* (*Carlos' feeling himself*); and 168 data from the intensive construction of transitive attribution, with the verb *querer* (*to want*) *Enzo veio todo se querendo* (*Enzo came all wanting himself*). As for the anaphoric constructions of explicit attribution, the factors context of im/politeness (BROWN; LEVINSON, 1987), nature of the qualifiers (being positive or negative) combined with the construction and the intensity of these qualifiers presented to be the most relevant, these construction express an opinion of a enunciator about what he believes to be a thought that the syntactic subject has about himself/herself and are divided into two: the reflexive construction of explicit attribution (with the verb *achar*), tending to be used in contexts of impoliteness and combined with positive (+) intensive qualifiers, and the medium-cognitive construction of explicit attribution (with the verb *sentir*), tending to be used in contexts of politeness and to be combined with negative qualifiers not marked for intensity. They can be formally represented as [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] and [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF], respectively. The intensive construction of implicit attribution (*Larissa tá se achando*) inherits different properties of the reflective construction of explicit attribution (*Pedro tá se achando o gostosão*) from a subpart link, as its form and the attributes positive and (+) intensive, expressing a subject who thinks

or feels something very positive about him or herself. Its shape can be noted as [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO]. With the the host class expansion of the intensive construction of implicit attribution, its use is also licensed with the verb *sentir*, generating cases as *Carlos tá se sentindo*, whose formal representation is [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO]. In turn, the intensive construction of transitive attribution (*Enzo veio todo se querendo*), formally represented as [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO], by analogy in a way inherits the intensive and positive (+) characteristics of the implicit intensive constructions of implicit attribution, the three are linked to the form [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}]. The intensive construction of transitive attribution differs by semantically referring to the sexual connotation.

Keywords: functionalism; construction grammar; idiomatic constructions; to find; to feel; to want.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação de uma construção, segundo Croft (2001).....	26
Figura 2 – Construção segundo Langacker.....	27
Figura 3 – Atos ameaçadores de face (<i>Face Threatening Acts</i>).....	38
Figura 4 – Conjunto de acepções semânticas <i>achar</i>.....	59
Figura 5 – Herança da construção intensiva de atribuição transitiva.....	112
Figura 6 – Rede construcional (construção anafórica de atribuição explícita).....	116
Figura 7 – Relações de herança (construções intensivas de atribuição implícita).....	118
Figura 8 – Analogia entre as construções.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – percurso de <i>sentir</i>	49
Quadro 2 – definições de <i>achar</i> segundo Galvão.....	55
Quadro 3 – proposta do caminho de gramaticalização de <i>querer</i>	61
Quadro 4 – percurso de <i>querer</i>	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Presença de QUALIF para <i>se achando</i>	82
Tabela 2 – Presença de QUALIF para <i>se sentindo</i>	82
Tabela 3 – Gênero do falante na construção reflexiva de atribuição explícita.....	84
Tabela 4 – Gênero do sujeito na construção reflexiva de atribuição explícita.....	85
Tabela 5 – Simetria na construção reflexiva de atribuição explícita.....	86
Tabela 6 – Polidez para a construção reflexiva de atribuição explícita.....	88
Tabela 7 – Qualificadores na construção reflexiva de atribuição explícita.....	90
Tabela 8 – Intensividade na construção reflexiva de atribuição explícita.....	93
Tabela 9 – Intensividade-positividade na construção reflexiva de atribuição explícita...	94
Tabela 10 – Gênero do falante na construção média-cognitiva de atribuição explícita...	96
Tabela 11 – Gênero do sujeito na construção média-cognitiva de atribuição explícita....	97
Tabela 12 – Simetria na construção média-cognitiva de atribuição explícita.....	99
Tabela 13 – Polidez para a construção média-cognitiva de atribuição implícita.....	100
Tabela 14 – Qualificadores na construção média-cognitiva de atribuição explícita.....	102
Tabela 15 – Intensividade na construção média-cognitiva de atribuição explícita.....	103
Tabela 16 – Polidez na construção anafórica de atribuição explícita.....	104
Tabela 17 – Qualificador na construção anafórica de atribuição explícita.....	105
Tabela 18 – Intensividade na construção anafórica de atribuição explícita.....	106
Tabela 19 – Regressão logística binomial.....	106
Tabela 20 – Polidez para a construção intensiva de atribuição implícita (<i>achar</i>).....	109
Tabela 21 – Polidez para a construção intensiva de atribuição implícita (<i>sentir</i>).....	110
Tabela 22 – Polidez para a construção intensiva de atribuição transitiva.....	115

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

API – *Application Programming Service*/ Interface de Programação de Aplicação

CSA – Construções subjetivas avaliativas

FTA – Face-threatening act

GC – Gramática de Construções

LC – Linguística Cognitiva

LP – Língua Portuguesa

LFCU – Linguística Funcional Centrada no Uso

NA – não se aplica

PB – Portugues Brasileiro

SA – Sistema Avaliativo

SN – Sintagma Nominal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	22
2.1 Linguística Baseada no Uso.....	22
2.1.1 Categorização.....	24
2.1.2 Chunking.....	24
2.1.3 Analogia.....	25
2.1.4 Generalização.....	25
2.2 Gramática de Construções.....	26
2.2.1 Esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções gramaticais.....	28
2.2.1.1 Esquematicidade.....	28
2.2.1.2 Produtividade.....	29
2.2.1.3 Composicionalidade.....	30
2.2.2 Links intra e interconstrucionais.....	31
2.2.3 Links de herança entre construções.....	33
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	37
3.1 Polidez.....	37
3.1.1 Faces.....	37
3.1.2 Atos ameaçadores de face (<i>face-threatening acts – FTA</i>).....	38
3.1.2.1 Tipos de atos de ameaça à face.....	41
3.2 Construções avaliativas.....	43
3.4 Gerúndio.....	45
3.5 O verbo <i>sentir</i>.....	47
3.6 O verbo <i>achar</i>.....	54
3.7 O verbo <i>querer</i>.....	59
3.8 <i>Todo</i> como intensificador.....	63
3.9 O clítico <i>se</i>.....	69
4. METODOLOGIA.....	74
5. ANÁLISE DE DADOS.....	82
5.1 Apreciação inicial dos dados coletados.....	82
5.2 Construções anafóricas de atribuição explícita.....	83
5.2.1 Construção reflexiva de atribuição explícita.....	83
5.2.1.1 Gênero do falante.....	84
5.2.1.2 Gênero do sujeito.....	85
5.2.1.3 Simetria.....	86
5.2.1.4 Atos de fala polido e impolido.....	87
5.2.1.5 Qualificadores positivos e negativos.....	90
5.2.1.6 Qualificadores mais ou menos intensivos.....	93
5.2.1.7 Qualificadores positivos ou negativos X Intensividade.....	94

5.2.2 Construção média-cognitiva de atribuição explícita.....	96
5.2.2.1 Gênero do falante.....	96
5.2.2.2 Gênero do sujeito.....	97
5.2.2.3 Simetria.....	99
5.2.2.4 Atos de fala polido e impolido.....	100
5.2.2.5 Qualificadores positivos e negativos.....	101
5.2.2.6 Qualificadores mais ou menos intensivos.....	103
5.2.3 Relações entre as construções anafóricas de atribuição explícita.....	104
5.2.3.1 Regressão logística binominal.....	106
5.3 Construções intensivas de atribuição implícita.....	107
5.3.1 [SUJ _{EXP} (V _{FIN}) SE ACHANDO].....	108
5.3.2 [SUJ _{EXP} (V _{FIN}) SE SENTINDO].....	109
5.4 Construção intensiva de atribuição transitiva.....	111
5.5 A rede construcional: links entre as construções estudadas.....	115
6. CONCLUSÃO.....	122
8. REFERÊNCIAS:.....	126

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como finalidade descrever as construções atributivas, tais como a construção anafórica de atribuição explícita; a construção intensiva de atribuição implícita; e a construção intensiva de atribuição transitiva nos usos do português brasileiro (PB). Para tanto, a pesquisa será baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

Considerando os três tipos de construções focalizadas nesta pesquisa, temos que:

- (a) construção anafórica de atribuição explícita: essa construção, no escopo da presente pesquisa, caracteriza-se por ser formada por um sujeito experienciador + um verbo na forma finita (que pode estar presente ou não) + um clítico anafórico + um verbo no gerúndio + um qualificador. Pode ser observada em exemplos como *Pedro está se achando o máximo*, com o clítico reflexivo, e notada como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF]; ou, ainda, em exemplos como *Maria está se sentindo estranha*, com o clítico médio-cognitivo, sendo notada como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF]. O nome atribuído a essa construção pode ser justificado pela presença do *se*, que em ambos os casos é anafórico, e por explicitamente atribuir um qualificador ao sujeito sintático. Na presente pesquisa, a construção anafórica de atribuição explícita foi dividida em dois subtipos: um com o verbo *achar*, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF], recebendo o nome de construção reflexiva de atribuição explícita, e outro com o verbo *sentir*, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF], sendo nomeada como construção média-cognitiva de atribuição explícita;
- (b) construção intensiva de atribuição implícita: essa construção se caracteriza pela combinação de um sujeito experienciador + um verbo na forma finita (que pode aparecer ou não) + SE + um verbo no gerúndio. Tal nomenclatura se dá por essa construção atribuir implicitamente – sem a presença de um qualificador – a ideia de intensividade ao sujeito sintático, como será melhor desenvolvido e explicado ao longo do trabalho. Ela pode ser observada em exemplos como *Ana está se achando* e é notada da seguinte forma: [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO]. Nessa segunda construção, mais idiomática, o SE é entendido como um resquício formal do processo de herança e, portanto, é inespecífico para a categoria gramatical.
- (c) construção intensiva de atribuição transitiva: essa construção se caracteriza pela combinação de um sujeito experienciador + um verbo na forma finita (que pode

aparecer ou não) + SE + o verbo *querer* no gerúndio. Esse nome foi atribuído à construção por denotar intensividade ao sujeito sintático, e por existir uma relação de transferência de energia volitiva devido a *querer* ser um verbo volitivo. Ela pode ser observada em exemplos como *Joana está se querendo* e é notada da seguinte forma: [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO]. Assim como na construção anterior, essa é uma construção mais idiomática, e o SE é entendido como um resquício formal do processo de herança e, portanto, é inespecífico para a categoria gramatical.

De modo geral, tendo em vista essas três construções, o presente estudo pretende demonstrar como a construção anafórica de atribuição explícita descrita em (a) motiva diferentes propriedades da construção intensiva de atribuição implícita descrita em (b), a qual, por sua vez, é motivadora da emergência da construção intensiva de atribuição transitiva apresentada em (c).

Apesar de reconhecermos a existência de construções semelhantes às aqui estudadas com pronomes anafóricos em outras pessoas gramaticais, como *me* ou *nos*, na primeira pessoa, – *eu tô toda me querendo, nós estamos nos sentindo com essa notícia* –, ou outro, neste trabalho nos limitamos a estudar as ocorrências com o clítico *se*, devido a esse uso ser o mais frequente; além de construções com clíticos em outras pessoas gramaticais demonstrarem possuir um comportamento bastante distinto e inúmeras peculiaridades, tendo sido necessário um recorte do tema para que o trabalho fosse desenvolvido.

Para compreender um pouco melhor as construções descritas anteriormente, vejamos os exemplos a seguir:

(1) *a torcida do flamengo ta se achando os machões*

O dado (1) exemplifica a construção reflexiva de atribuição explícita – *a torcida do flamengo ta se achando os machões* –, composta por um sujeito experienciador – representado por *a torcida do flamengo* –, um verbo finito – representado por *ta*, grafia com marca de oralidade para *está*, verbo *estar* conjugado no presente do indicativo –, o clítico reflexivo *se* e um qualificador – expresso por *os machões*. O falante expressa que *a torcida do flamengo* pensa que eles próprios sejam *os machões* – e essa opinião não é compartilhada pelo falante, vide o caráter crítico da fala apresentada, reforçado por *torcida*, diminutivo de “torcida” utilizado de forma pejorativa.

(2) *o Tadeu tá se sentindo pressionado*

Em (2), temos um exemplo da construção média-cognitiva de atribuição explícita – *o Tadeu tá se sentindo pressionado* –, composto por um sujeito experienciador – expresso por *o Tadeu* –, um verbo finito – representado por *tá*, mais uma vez a grafia do verbo *estar* no presente do indicativo, com marca de oralidade –, o clítico médio cognitivo *se* e um qualificador – representado por *pressionado*. O falante expressa que o sujeito *o Tadeu* sente uma determinada pressão, o que o faz se sentir *pressionado*.

(3) *A gata tá se achando já*

Em (3), exemplo da construção intensiva de atribuição implícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *A gata tá se achando já* –, temos um sujeito experienciador – manifesto por *a gata* –, um verbo finito – representado por *ta*, mais uma vez o verbo *estar* no presente do indicativo – e *SE* e o verbo *achar* no gerúndio – *achando*. O falante expressa que *a gata* possui um pensamento demasiadamente bom acerca de si própria, sugerindo que isso seja algo ruim devido ao teor de deboche do uso da palavra *gata* reforçado por *já*.

(4) é literalmente só *uma menina/mulher se sentindo* pela representatividade de cada uma da foto

No exemplo (4) temos outro exemplo da construção intensiva de atribuição implícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO], dessa vez com o verbo *sentir*. Há *uma menina/mulher* como sujeito experienciador, um *slot* de verbo finito vazio, *SE* e o verbo *sentir* no gerúndio – *sentindo*. Neste exemplo, o falante afirma que a *menina/mulher* possui um sentimento muito bom, como alegria, felicidade ou satisfação.

(5) *A gae de luvas brilhosas se querendo* ao som de Vixe

E, por fim, em (5), temos um exemplo da construção intensiva de atribuição transitiva [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *A gae de luvas brilhosas se querendo* –, havendo um sujeito experienciador – manifesto por *a gae de luvas brilhosas* –, um *slot* de verbo finito vazio, em seguida *SE* e o verbo *querer*, volitivo, no gerúndio – *querendo*. Neste último caso o

falante expressa que *a gae de luvas brilhosas* acredita ser atraente e se considera apta para despertar desejo no outro.

Tomando as construções descritas anteriormente, entendemos que:

- (a) a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando um máximo* – se relaciona de forma horizontal com a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*. Ambas se relacionam verticalmente na rede com a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{anaf} V_{GER} QUALIF].
- (b) A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando um máximo* – motiva diferentes propriedades da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando*. Assim, essa última herda as propriedades tipicamente associadas à construção dominante (motivadora).
- (c) A partir daí, há um aumento de classe hospedeira, e a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] passa a se relacionar horizontalmente com a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*. Por coerção, o verbo *sentir*, que é um verbo de percepção, passa a ser usado como um verbo cognitivo. Consequentemente, por analogia e categorização, emerge a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], que passa a se relacionar verticalmente com as duas anteriores.
- (d) A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] é frequentemente usada quando o falante quer criticar um sujeito que pensa muito bem sobre si, expressando que esse pensamento é inadequado. Na dinâmica da língua e considerando a reorganização de formas do sistema, a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* –, por outro lado, também é a manifestação de um falante acerca de um sujeito que pensa muito bem sobre si, mas não figura tanto em contextos impolidos, que envolvem ameaça à face.
- (e) A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], construção mais geral que reúne as duas construções descritas em (d), motiva as propriedades de uma nova construção, qual seja, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo*.
- (f) A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] apresenta um sujeito que experiencia a sensação de ser muito atraente, dado o seu potencial para despertar o desejo alheio. É uma construção diferente da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], que se materializa tanto com o verbo *achar* (*Pedro está se achando*) quanto com o verbo *sentir* (*Marcos está se sentindo*), embora herde propriedades semânticas e formais de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}].

(g) Quanto à sua semântica, a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] apresenta um sujeito que aparenta se considerar muito atraente por ter potencial de despertar o desejo alheio. É uma relação de uma transferência de energia volitiva da qual o sujeito se beneficia e que interfere na percepção que ele faz de si mesmo. Quanto à sua forma, não se trata de um verbo cognitivo, como se viu nos casos de *achar* ou *sentir* (acomodado semanticamente por coerção). O verbo *querer*, volitivo, não prevê inicialmente um qualificador, mas um *sujeito que deseja algo ou alguém*; porém, via analogia, a forma [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] da construção intensiva de atribuição implícita motiva a forma [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] da construção intensiva de atribuição transitiva. Diferentemente da anterior, não se trata de um link de subparte, mas de uma relação analógica.

Vale comentar ainda sobre os contextos de uso dessas construções. As redes sociais muitas vezes se mostram um ambiente propício para críticas, sendo comum que se poste um conteúdo voltado para alguém sem que o autor do post se dirija diretamente a esse alguém. Para explicar essa proposta, nos baseamos na Teoria da Polidez, teorizadas por Brown; Levinson (1987), que a utilizam para explicar o uso da gramática na manutenção das relações sociais. É de extrema relevância comentar que a Teoria da Polidez tem como um de seus objetivos compreender o que o falante *quer dizer*, além de *o que foi dito*.

As construções apresentadas, apesar de serem de uso comum no PB, especialmente em situações nas quais a fala é informal, são pouco exploradas pela literatura linguística. De fato, não foram encontrados estudos acerca das construções [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *ela está e achando* –, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo*. Assim, este trabalho colaborará para a descrição de construções recentemente cunhadas na língua e, conseqüentemente, para a descrição da Língua Portuguesa, além de dar se associar a estudos já existentes sobre construções idiomáticas do PB e de descrever o uso linguístico em situações reais de comunicação.

Dado isso, o objetivo deste trabalho é descrever o uso das construções estudadas, bem como suas propriedades semântico-pragmáticas e como elas se relacionam na rede construcional do PB à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (BARLOW e KEMMER, 2000; BYBEE, 2010; PEREK, 2015). Essa abordagem pressupõe uma retroalimentação entre gramática e discurso e compreende que a linguagem humana é fruto da cognição e experiência do falante com dados de natureza linguística e não linguística. O

modelo de gramática abordado é a Gramática de Construções , doravante GC, tal qual se vê em CROFT, 2001; DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 1997; HILPERT 2014, que assume a construção como unidade básica da gramática – um pareamento de forma e sentido –, estando ela organizada numa rede na qual unidades linguísticas simbólicas se combinam entre si, formando unidades linguísticas mais complexas. Para a realização da pesquisa, entendendo que essas construções são tipicamente utilizadas em contextos mais informais e marcado para a oralidade, optamos por coletar dados de redes sociais. No caso, os dados coletados foram recolhidos na rede social *X*, antigo *Twitter*, por meio da ferramenta de busca *Netlytic*.

O trabalho estará dividido da seguinte maneira: após a introdução, haverá uma seção dedicada aos Pressupostos Teóricos-Metodológicos, a fim de descrever todos os conceitos básicos necessários para a fundamentação desta pesquisa; em seguida, será apresentada a seção referente à Revisão da Literatura, que apresentará um resumo sobre alguns estudos de diferentes aspectos de relevância para a construção estudada que nos ajudaram a compreendê-la, tais quais a Teoria da Polidez, construções avaliativas, subjetividade, gerúndio, os verbos *querer*, *sentir* e *achar*, o quantificador *todo* e o clítico *se*; depois constará a seção de Metodologia, na qual esclareceremos como obtivemos os dados investigados, montando um corpus próprio totalmente a partir de produções reais na rede *X* (antigo *Twitter*); posteriormente a seção referente à Análise de Dados, parte que consistirá em apresentar a análise quali-quantitativa dos dados; uma seção destinada às Considerações Finais da nossa pesquisa; e, por fim, as Referências.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). No presente capítulo apresentaremos noções pertinentes para a fundamentação teórica, enfatizando pontos importantes dessa abordagem para a pesquisa, tais como os processos cognitivos do domínio geral, a definição de construção e suas características, o conceito de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, os tipos de links existentes nas construções, links de herança e construções idiomáticas.

2.1 Linguística Baseada no Uso

A principal premissa da Linguística Baseada no Uso é a de que a representação cognitiva da linguagem tanto emerge como é moldada pelo uso da Língua (PEREK, 2015). Essa nomenclatura engloba diversas correntes nas quais a gramática é concebida como um sistema dinâmico de estruturas fluidas e restrições flexíveis, formado pelos mecanismos gerais da comunicação, memória e processamento (DIESSEL, 2019), sendo toda a gramática do indivíduo baseada na sua experiência linguística (BYBEE, 2010). Uma de suas assunções básicas é a de que o conhecimento linguístico é organizado em uma rede associativa. A língua é tida como um “sistema adaptativo complexo” (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019) que se desenvolveu para a finalidade da comunicação e do processamento, emergindo da interação dos mecanismos cognitivos do domínio geral, envolvendo processos cognitivos linguísticos e não linguísticos (DIESSEL, 2019), os quais serão explorados em 2.2.

Ademais, a LFCU assume a existência de uma relação estrita entre estrutura linguística e as instâncias de uso da língua, bem como entre as representações abstratas na mente do falante e os eventos de uso experienciados por ele; nesse sentido, qualquer padrão linguístico possui conteúdo lexical. Parafraseando Rosário; Oliveira (2016), nessa corrente a abordagem holística é destacada. Posto que nenhum item ocorre ou produz sentido de forma isolada, cada relação contextual precisa ser considerada, sendo os usos linguísticos “nesse âmbito, entendidos como produto da experiência, da rotinização e da perspectivização na e pela linguagem, entre outras motivações”. (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016:4). Vale ainda ressaltar que trata-se de um consenso entre os funcionalistas que a função de um elemento linguístico motiva sua forma, ponto de crucial importância para este trabalho.

Sendo assim, o sistema linguístico é construído a partir de instâncias lexicalmente específicas, abstraindo gradualmente representações mais gerais, como fonemas, morfemas e padrões sintáticos, a partir de repetições de instâncias similares de uso. Dessa forma, toda representação geral que emerge da operação do sistema necessariamente está amarrada em instâncias específicas desse padrão (BARLOW; KEMMER, 2000). Os eventos de uso linguísticos possuem duplo papel no sistema, pois ao mesmo tempo em que são produtos do sistema linguístico, eles moldam esse mesmo sistema, visto que são produto da experiência do falante e input para o sistema do ouvinte, simultaneamente.

Seres humanos compreendem e organizam o mundo com base no contato com o outro somado às suas experiências individuais e suas capacidades cognitivas; desse modo, a experiência e a cognição são interdependentes, sendo a última capaz de alterar a estrutura física do cérebro, pois gera conexões neurais (LANGACKER, 2008).

O termo “cognição” diz respeito aos processos mentais envolvidos na obtenção de conhecimento e compreensão, o que inclui os atos de pensar, conhecer, lembrar e outros. Organizam-se os processos cognitivos em três domínios: (a) a cognição social, (b) a conceptualização e (c) a memória (DIESSEL, 2019; BYBEE, 2010):

- (a) Em relação à cognição social, na situação comunicativa falante e ouvinte focam sua atenção na experiência compartilhada. É preciso que ambos estejam cientes do conhecimento comum entre eles. Assim sendo, o falante busca construir sua sentença de acordo com o que acredita que é necessário ser dito para que seu ouvinte o compreenda, enquanto o ouvinte toma uma das várias interpretações possíveis como “a correta”.
- (b) A conceptualização refere-se à construção de significado; no caso da LFCU, o significado é moldado pela conceptualização, que é a estruturação cognitiva de experiências ou conteúdo semântico. Ela inclui metáfora, metonímia, reificação e outros. As convenções semânticas emergem de conceptualizações recorrentes de experiências semelhantes que associam-se por lexemas ou construções particulares. Dessa forma, compreende-se que esse processo é de extrema importância não apenas para a construção de significado, mas também para o desenvolvimento da gramática.
- (c) Memória diz respeito a um conjunto de processos cognitivos relacionados ao processamento e à organização de conhecimento, envolvendo mecanismos de atenção

e percepção sensorial. É nela que a experiência se organiza para ser utilizada no momento presente, podendo as novas experiências adquiridas afetar e reformular memórias já formadas, pois possuem a capacidade de alterar a estrutura neural. Geralmente a memória é classificada em três tipos: sensorial, a curto prazo e a longo prazo. A sensorial trata daquilo que é capturado pelos cinco sentidos, sendo bastante curta, já a de curto prazo abrange um número limitado de informações por vez, retendo-as por um breve período de tempo, e a memória de longo prazo rete as informações por um período de tempo maior. Toda vez que o cérebro humano recebe uma informação nova, o cérebro processa a novidade e a cada novo estímulo mais conexões são geradas.

No âmbito desses três domínios, destacamos os seguintes processos: categorização, chunking (agrupamento), analogia e generalização.

2.1.1 Categorização

A categorização refere-se à capacidade de agrupar entidades que possuem alguma semelhança entre si em classes específicas, categorias, estando diretamente relacionada à memória. Assim, cada categoria é composta por itens os quais compartilham um conjunto de traços semelhantes (DIESEL, 2019; FERRARI, 2011). Como exemplo, substâncias comestíveis são chamadas de “alimento”, enquanto um tipo de acessório utilizado para se acomodar sobre a cabeça denominamos “chapéu”. Quanto ao nosso objeto de estudo, podemos dizer que construções intensivas de atribuição implícita abarcam usos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* – e de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE/ME_{MED-COG} SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*.

2.1.2 Chunking

O termo *Chunking* (agrupamento) foi originado no campo da psicologia para explicar que o agrupamento de informação torna possível que processemos uma maior quantidade de dados ao mesmo tempo do que seria processado caso tal agrupamento não ocorresse. Esse processo permite que unidades linguísticas sequenciais se combinem no intuito de formar uma única unidade mais complexa. Sequências de palavras que frequentemente são utilizadas juntas passam a ser acomodadas pela cognição como algo único e por consequência passam a

ser acessadas como uma unidade simples (BYBEE, 2010). Dessa forma, dados linguísticos são divididos em blocos para que a língua seja compreendida, processada e produzida mais facilmente. Ademais, essa habilidade cognitiva auxilia o reconhecimento de padrões e similaridades, que gradativamente são automatizados ao passo que à certa altura tornam-se previsíveis pela mente devido à frequência de ocorrência. A frequência de ocorrência possui um papel central para o processamento da linguagem, podendo gerar efeitos a longo prazo na gramática (DIESSEL, 2019). Quanto mais uma unidade linguística, ou uma sequência de unidades, é utilizada, ela se fortalece na memória, facilitando a ativação e o processamento dessas determinadas palavras.

O *chunking* é de grande importância para nós, visto que a construção gramatical emerge de sequências sintagmáticas que ocorrem frequentemente e resultam em chunks. Por exemplo, o frequente uso da sequência *sujeito experienciador + verbo finito + clítico médio-cognitivo + achando* resulta em um chunk, entendido aqui como a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando*.

2.1.3 Analogia

Segundo BYBEE (2010), o termo tem sido utilizado para se referir a um novo uso baseado num padrão previamente conhecido. Se uma criança, por exemplo, já ouviu “andou”, como pretérito de “andar” e “dançou”, como pretérito de “dançar”, por analogia ela pode compreender que “cantou” se trata do pretérito de “cantar”, ainda que nunca tenha ouvido essa palavra: conhecendo um padrão, ela estaria aplicando a algo novo, o que demonstra que a partir da própria experiência ela compreendeu o que é pretérito, como ele é utilizado e qual é o seu padrão linguístico. É a analogia que permite a generalização e para que ela seja possível é preciso haver categorização. Este é o processo responsável por associar construções que compartilham semelhança de forma e/ou de sentido, tal como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* – com a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO], observada em *Joana está se querendo*, por exemplo.

2.1.4 Generalização

Há ainda a generalização, que a partir do acúmulo de exemplares memorizados capta dados aspectos como sendo gerais, filtrando as informações que recebe. O indivíduo não necessariamente descarta os exemplares e suas características individuais após a

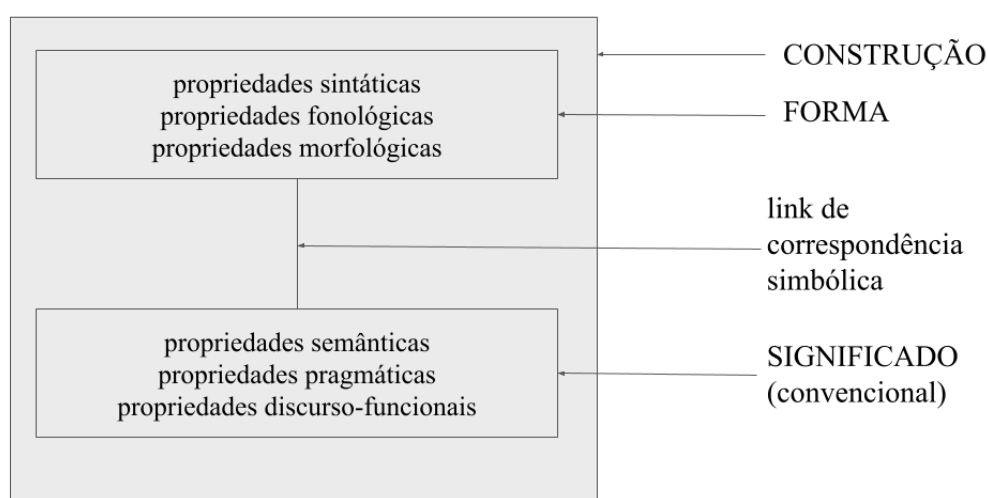
generalização ser feita. É a partir desse processo cognitivo que podemos compreender que todos os verbos da língua portuguesa no infinitivo terminam em *r*, mesmo se conhecer todos os verbos da língua portuguesa. Usos como *Pedro está se achando o máximo*, *Ana está se achando a última bolacha do pacote* e *Vivian está se achando maravilhosa*, por exemplo, podem ser generalizados no padrão formal [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF].

2.2 Gramática de Construções

Como já dito, este trabalho assume o modelo construcionista de gramática, ou seja, a estrutura gramatical é composta por unidades simbólicas chamadas construções, que estão conectadas entre si por diferentes tipos de *links* e nós, formando uma rede, isto é, a rede construcional (DIESSEL, 2019). Na rede, as construções são organizadas em níveis de hierarquia. Segundo o autor, “a arquitetura em rede da gramática é motivada pela organização cognitiva de categorias gramaticais e construções”. (DIESSEL, 2019:10)

Uma construção é um pareamento de forma e sentido (GOLDBERG, 2019). Assim, propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas representam a forma e estão conectadas por um *link* de correspondência simbólica a propriedades semânticas, pragmáticas e funcionais-discursivas – que representam o sentido convencional. A imagem a seguir foi apresentada por Croft (2001:18).

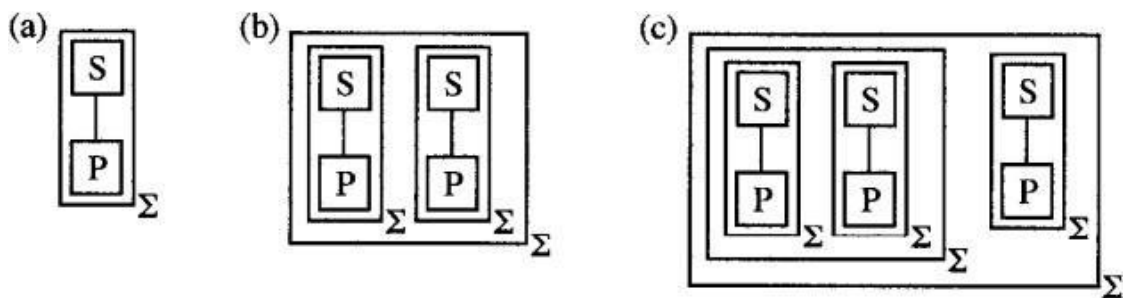
Figura 1 – Representação de uma construção, segundo Croft (2001)



Fonte: Croft (2001:18)

Um atributo da linguagem humana é a formação de estruturas complexas baseada na junção de estruturas mais simples (LANGACKER; 2008). Na figura proposta por Langacker (2008:15), S representa a estrutura semântica, que são conceptualizações dos significados das expressões, e P representa a estrutura fonológica, que abrange sons, gestos e representações ortográficas. Σ representa a estrutura simbólica, o link entre S e P, sendo um capaz de evocar o outro.

Figura 2 – Construção segundo Langacker



Fonte: Langacker 2008:15

Essa imagem representa o processo de simbolização linguística e a formação de *chunks*. Em (c) temos uma construção mais complexa que em (b), o qual é mais complexo que (a). Os sentido e forma da construção gramatical se constroem de maneira gradiente, com certo grau de idiomaticidade, de forma que pelo menos um de seus atributos formais ou funcionais não são previsíveis com base em suas partes componentes (GOLDBERG, 2003). Na GC, a construção é tratada como a unidade básica da gramática.

As construções gramaticais podem ser combinadas entre si em unidades simbólicas cada vez maiores, a apresentar diferentes níveis de complexidade: um morfema, uma palavra, um sintagma ou até uma sentença pode ser compreendida como um pareamento de forma e sentido, além de poderem apresentar diferentes níveis de abstração (GOLDBERG, 1995). Elas são formadas a partir de generalizações de enunciados reais e cada ocorrência de uso afeta a representação cognitiva dessa determinada construção (BYBEE, 2010).

Traugott e Trousdale (2016) afirmam que as construções podem ser divididas por tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito. Em relação ao tamanho, uma construção pode ser atômica ou complexa: as atômicas são monomorfêmicas, enquanto as complexas são unidades analisáveis por *chunks*. Os autores argumentam ainda que nem sempre tais divisões em relação ao tamanho é clara, uma vez que uma sequência sincrônica de construções com o tempo pode se tornar monomorfêmica. A dimensão fonológica diz respeito

ao caso dela ser substantiva, esquemática ou intermediária. Uma construção substantiva é fonologicamente especificada, enquanto uma que não é especificada é considerada esquemática, contudo, esse ponto será melhor abordado em 2.2.1.1. Já a nomenclatura “tipo de conceito” se refere ao fato de a construção possuir conteúdo ou ser procedural, de natureza gramatical. O primeiro engloba palavras referenciais, como nomes, verbos e adjetivos, e o segundo tem sentido abstrato, estabelecendo relações linguísticas, de perspectiva e orientação dêitica.

Padrões de frases podem ser considerados construções se algo em relação à sua forma ou ao seu significado não é estritamente previsível a partir de suas propriedades ou partes componentes ou de outras construções existentes, ou seja, quando seu sentido não é composicional (GOLDBERG, 1995). Cabe comentar que a GC não assume uma divisão estrita entre léxico e sintaxe, construções sintáticas e construções lexicais apenas divergem em sua complexidade, ambas se tratam de um pareamento forma-significado (GOLDBERG, 1995). De maneira análoga, a GC também não concebe uma clara distinção entre semântica e pragmática, informações comumente ligadas ao campo da pragmática são apresentadas junto à informação semântica.

De acordo com TOMASELLO (2003), construções derivam de padrões feitos entre as pessoas a partir de ocasiões particulares de uso. Ao se utilizarem diversas vezes dos mesmos padrões de símbolos linguísticos para formar um padrão em situações semelhantes, o que se desenvolve ao longo do tempo é um padrão linguístico esquematizado na mente dos usuários da língua.

2.2.1 Esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções gramaticais

A construções são comumente descritas em termos de sua esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esses três conceitos, além de serem amplamente abordados pela GC, são de extrema importância para a análise feita na presente pesquisa.

2.2.1.1 Esquematicidade

São chamados de esquemas os padrões de forma e significado representados de maneira abstrata na gramática. Construções podem ser atômicas, quando todas as suas partes componentes são especificadas fonologicamente; parcialmente abstratas, quando apresentam *slots* abertos e elementos fonologicamente especificados; ou totalmente esquemáticas, quando

apresentam apenas *slots* abertos. Construções como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] são exemplos de construções parcialmente esquemáticas. Na abordagem baseada no uso, é comum que os esquemas – construções mais abstratas – estejam ligados a lexemas particulares, em construções que apenas podem ser combinadas a determinadas palavras.

De acordo com TRAUGOTT; TROUSDALE (2016:13), “um esquema é uma generalização taxonômica de categorias”; nesse sentido, esquemas são “essencialmente rotinizados ou cognitivamente intrincados, padrões de experiência” (KEMMER (2003:78) apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2016:14). Falantes fazem abstrações das construções ao perceberem que algumas delas possuem características similares. Sendo assim, as características semelhantes abstraídas dão forma à construção mais esquemática, que são semanticamente gerais. Os esquemas podem possuir diferentes níveis de abstração.

Na ótica de Traugott e Trousdale (2013), a formação de esquemas reflete a sensibilidade dos falantes para generalizar informações – na língua, isso se reflete como a generalização de um padrão linguístico. Vale ressaltar, porém, que a emergência de esquemas construcionais não apagam a memória do falante em relação a um item lexical específico e suas propriedades particulares (DIESSEL, 2019).

2.2.1.2 Produtividade

O conceito de produtividade linguística na abordagem da LFCU pode ser definido como “a extensão de um esquema existente para um novo item” (DIESSEL, 2019:32; (LANGACKER, 2000:26; BYBEE, 2010:94). Trata-se de um fenômeno gradiente, podendo um esquema ser classificado como muito produtivo se for algo frequente na língua e altamente esquemático, ou como pouco produtivo, se for algo produzido com baixa frequência na língua e alto grau de especificidade. Dessa forma, compreende-se que construções utilizadas na língua com uma frequência muito alta tendem a ser mais gerais e esquematicamente abertas, enquanto que as menos frequentes variam em seu grau de especificidade (BARDDAL, 2008). De acordo com Diessel (2019) há dois fatores principais ligados à extensibilidade de um esquema construcional: a força de um esquema particular na memória e a similaridade de expressões lexicais que são licenciadas por aquele esquema, seja essa semelhança relacionada às características dessa construção ou uma similaridade estrutural.

Barddal (2008) resume o conceito de produtividade em três principais definições: (a) generalidade, (b) regularidade e (c) extensibilidade.

- (a) Ao que diz respeito ao primeiro, a generalidade está ligada ao fato de uma construção ser esquematicamente aberta e irrestrita, ter um uso de grande abrangência em relação a outras construções e ser altamente esquemática. É o caso da construção anafórica de atribuição explícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{ANAF} V_{GER} QUALIF], que é mais geral do que a construção reflexiva de atribuição explícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF], a qual se vê em *Ana está se achando maravilhosa*.
- (b) Já a noção de regularidade refere-se à construção ser facilmente combinável com um determinado tipo de padrão linguístico, composicional, funcional e operativo, seguindo um determinado tipo de padrão regular ou regra.
- (c) Por fim, extensibilidade trata-se da capacidade de uma construção desenvolver novas funções, passar a ser combinada com novos itens ou atrair itens já existentes, em outras palavras, a extensibilidade relaciona-se à flexibilidade de uma dada construção. Por exemplo, a construção intensiva de atribuição implícita emerge a partir de combinações com ACHANDO (*Ana está se achando*) e se expande para usos com SENTINDO (*Maria está se sentindo*).

2.2.1.3 Composicionalidade

O conceito de composicionalidade é amplamente tratado como o quão transparente determinada construção é em relação ao seu sentido. Pode-se dizer que uma construção é semanticamente composicional quando a soma do sentido de cada uma das partes individuais permite a decodificação de seu sentido completo. As construções gramaticais variam em termos do grau de composicionalidade que apresentam, variando de mais composicional para menos composicional ou idiomática.

A língua é composta por inúmeras expressões cujos significado e forma não são totalmente previsíveis com base no significado do dicionário ou de acordo com as regras sintáticas provenientes da gramática. Construções que se encaixam nessa definição não são composicionais e são chamadas de construções idiomáticas. É o caso das construções [SUJ_{EXP} V_{FIN} QUERENDO] – *Joana está se querendo* –, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO], – *Ana está se achando* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*. Sequências lexicais

altamente rotinizadas podem desenvolver propriedades idiossincráticas não previsíveis, sendo denominadas *idiomas*. Esse grupo é conhecido por ser composto por expressões irregulares (DIESEL, 2019).

Segundo Hilpert (2014) as expressões idiomáticas não são um fenômeno periférico na linguagem natural, mas que permeia toda a língua. O autor argumenta ainda que tais construções não são meras “cordas amarradas” na mente do falante, como frases completamente memorizadas, mas padrões abstratos que permitem que os usuários da língua identifiquem as características gerais dessas sentenças. Desse modo, esses padrões podem ser compreendidos como esquemas cognitivos, pois captam os traços gerais de cada uma dessas construções. É assim que podemos reconhecer *Carla tá se achando*, *Joana veio se sentindo* e *Aquelas sonsas ficaram se achando* como instâncias da mesma construção. Fillmore (1988:534) comenta que esse tipo de construção “terá de ser forte o suficiente para ser generalizada para estruturas mais familiares, especialmente as representadas por regras estruturais frasais individuais” (apud HILPERT, 2014:8).

Uma outra característica das construções idiomáticas é a produtividade, pois é possível que os falantes inovem a partir delas, formando novas estruturas.

2.2.2 Links intra e interconstrucionais

Diessel (2019) apresenta seis tipos de associações divididos em dois grupos, o primeiro, referente ao próprio signo ser uma rede, consiste nos (a) links simbólicos, (b) links sequenciais e (c) links taxonômicos, enquanto o segundo, que se refere a redes formadas por signos, é composto pelos (d) links lexicais, (e) links construcionais e (f) links de preenchimento de *slot*.

- (a) Os links simbólicos conectam formas de representações linguísticas e interpretações semânticas convencionalizadas – forma e sentido. Essas associações simbólicas são emergentes e gradientes, de modo que tais links surgem de interpretações semânticas recorrentes automatizadas por diversas repetições. Para a LFCU, cada palavra evoca um conceito particular, mas como os conceitos estão interconectados, o sentido de uma palavra deriva do todo de um sistema de conceitos relacionados, levando em conta os aspectos contextuais da situação em que determinada palavra é dita. Esse *link* é o responsável por ao se utilizar a construção *Ana está se achando* num dado contexto, ser evocada a ideia de que *Ana* possui uma opinião muito elevada sobre si

mesma, pois a forma [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] está ligada a essa interpretação semântica convencionalizada através de um link simbólico.

- (b) Os links sequenciais conectam itens linguísticos em sequência, esse é o tipo de link responsável pela formação dos *chunks*. Quanto mais uma dada sequência de itens linguísticos é processada, mais forte é o link sequencial entre eles, formando uma única unidade linguística maior, o *chunk*. Esse tipo de link é determinado pela automatização e pela previsibilidade do elemento seguinte. A automatização de uma sequência linguística afeta não apenas aquela instância de uso, mas também níveis mais esquemáticos daquela construção, facilitando o planejamento de um enunciado e o processamento sequencial. O frequente uso da sequência, *sujeito experienciador + verbo finito + se reflexivo + achando + qualificador* permite que o ouvinte presuma que, durante uma fala, enquanto o falante verbaliza um sujeito experienciador, um verbo finito, um *se reflexivo*, venha em seguida um qualificador, de modo que ele processe mais rapidamente essa sequência, em vista dos links sequenciais que tais palavras possuem na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, por exemplo.
- (c) Os links taxonômicos conectam representações linguísticas em diversos níveis de abstração e estão relacionados à organização hierárquica da gramática. São esses links que conectam um esquema a um subsquema ou a uma construção completamente preenchida com base no reconhecimento de padrões e similaridades. Este é o link responsável por conectar o esquema [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] ao subsquema [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO].
- (d) Os links lexicais referem-se às conexões existentes entre itens semântica ou foneticamente semelhantes. *Querer*, por exemplo, está semanticamente ligado a *desejar* e *esperar*, mas foneticamente associado a *crer*, da mesma forma que [SE ACHANDO] e [SE SENTINDO] estão semanticamente conectados entre si, mas foneticamente se conectam respectivamente a *se rachando* e *se servindo*.
- (e) Os links construcionais dizem respeito às conexões entre as construções. Sendo esquemas padrões linguísticos, eles podem estar relacionados entre si, formando uma rede de padrões esquemáticos interconectados. Os links construcionais, por exemplo,

conectam as construções [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo*.

- (f) Os links de preenchimento de *slot* são conexões associativas entre lexemas individuais e os *slots* de uma determinada construção. Através desse link, *Joana* preenche o *slot* de *sujeito experienciador* na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] e *está* preenche o *slot* de *verbo finito*, formando *Joana está se querendo*.

Um esquema verbal-argumental, segundo Boas (apud DIESSEL, 2019:126) é altamente extensível a outro verbo, se este é semanticamente similar a um ou mais verbos que são repetidamente usados nesse mesmo esquema.

2.2.3 Links de herança entre construções

Um dos conceitos-chave para que se possa compreender a organização em rede da GC é o de herança. Os links de herança tratam da relação entre construções mais abstratas (esquemas), que estão localizadas no topo da rede construcional, e construções mais específicas que se encontram nos níveis mais baixos.

As construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança as quais motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações entre construções enquanto, ao mesmo tempo, permite subregularidades e exceções”. (GOLDBERG, 1995:67)

Sendo assim, cada nó da rede herda as propriedades de seu nó dominante, de modo que as construções podem se interinfluenciar, mesmo quando elas não interagem entre si, por estarem ligadas à mesma construção.

Hierarquias de herança colaboram para a organização de diferentes tipos de generalizações linguísticas, quando as construções compartilham propriedades, admite-se que estas sejam estocadas numa construção que ocupa o nível mais alto dessa cadeia hierárquica, e estas, por sua vez, compartilham tais informações com aquelas que ocupam os níveis de hierarquia mais baixos.

As relações individuais entre as construções também podem ser consideradas como uma motivação, pois podem direcionar o sistema linguístico a um caminho específico, ainda que isoladamente não sejam previsíveis. Ademais, padrões novos são mais facilmente incorporados à língua ao serem interpretados como uma variação de um padrão já existente – novos padrões são automaticamente assimilados a padrões antigos sempre que possível, como uma forma de otimização, produzindo estruturas motivadas.

Goldberg (1995) diferencia dois tipos de herança, sendo eles o “modo normal” e o “modo completo”. O primeiro caso permite subregularidades e exceções, nele as características e informações são herdadas de nós dominantes desde que essas características não sejam conflitantes com nós mais específicos dos graus mais baixos daquela hierarquia. É também uma forma de generalização parcial, ou seja, apenas parte das informações do nó dominante é generalizada. Já no modo completo, todas as informações do nó dominante são herdadas por aquelas que estão a ele conectadas direta ou indiretamente, ocupando lugares mais baixos na cadeia hierárquica.

Cabe tratar nesta seção a respeito das cópias reais e das cópias virtuais, apresentadas por Goldberg (1995), sendo a segunda de maior importância para o trabalho. Na cópia real, a construção dominada possui todas as mesmas informações contidas na construção que a domina, sendo ambas totalmente específicas, mas também redundantes em relação às informações herdadas. Por sua vez, na cópia virtual as construções dominadas são parcialmente específicas, as informações herdadas permanecem estocadas apenas na construção de grau maior na hierarquia. Nesse caso, para detectar as especificidades de uma dada construção, é necessário computar inferências a partir de uma procura na árvore de herança. O sistema da língua é capaz de capturar redundâncias permitindo que informações adquiridas através de herança sejam compartilhadas entre padrões de construções em vez de cada uma delas armazenar as mesmas informações.

Goldberg (1995) reconhece quatro tipos de links de herança:

- (a) links polissêmicos: estes capturam a natureza das relações semânticas entre o sentido particular de uma construção e qualquer extensão desse sentido. Nesse caso, as especificações sintáticas do sentido central são herdadas por suas extensões. A autora alega ainda que se um link polissêmico ocorre com frequência entre construções diferentes, mas que possuem características compartilhadas, esse link será aplicado a construções novas como uma forma de extensão e produtividade.

- (b) links metafóricos: quando duas construções se conectam através de um mapa metafórico, essa conexão ocorre através de um link de extensão metafórica. A maneira que a semântica da construção dominante é mapeada para a semântica da construção dominada é especificada pela metáfora. É possível ainda capturar relações entre sistemas de metáforas e posteriormente relacionar metáforas por uma hierarquia de herança.

- (c) links de subparte: este é o caso de uma construção que funciona de maneira independente, entretanto funciona também como parte de uma outra construção mais complexa. As especificações sintáticas e semânticas da construção dominada são uma subparte das especificações sintáticas e semânticas da construção dominante.

- (d) links de instância: este é o tipo de link responsável pelos casos em que uma construção é um caso mais específico, um caso especial, de uma outra construção. A construção que ocupa a instância mais específica – ocupando também um grau mais baixo da rede hierárquica – herda as propriedades sintáticas e semânticas associadas à sua construção dominante.

Os links de herança são assimétricos, pois uma determinada construção motiva certas propriedades de uma outra construção, que por sua vez possui suas propriedades particulares e estas não afetam a primeira, assegurando que todas as características que não sejam conflitantes sejam compartilhadas entre as construções relacionadas. Ademais, uma construção herda propriedade de várias outras, o que é chamado de herança múltipla. Traugott e Tousdale (2016) afirmam que a herança múltipla acontece no caso de construções intermediárias, utilizando como exemplo a construção de gerúndio, que herda tanto propriedades nominais quanto verbais. Todavia, Goldberg (1995) pondera que através dos links de herança do modo normal é possível surgir informações específicas conflitantes, seja por uma construção dominada herdar traços conflitantes de duas construções dominantes ou por uma construção dominada herdar uma informação de uma construção dominante que é conflitante em relação a uma de suas informações específicas. No segundo caso, o modo normal de herança permite uma herança parcial dessas informações. Já no segundo caso, as regras de resolução de conflitos são necessárias.

A autora explica que os próprios links são um item do sistema construcional, de modo que eles próprios podem herdar traços de outros itens ou terem sua frequência tipo contabilizada. Um determinado link que ocorre múltiplas vezes na rede construcional possui uma alta frequência tipo e pode ser considerado produtivo, tendo alta probabilidade de ser aplicável a novos casos que possuam particularidades semânticas e sintáticas associadas a outros que sejam pré-existentes. Segundo Goldberg (1995), um link motivador que seja altamente recorrente funciona de maneira semelhante a uma regra, pois a existência de uma construção prediz a existência de uma extensão relacionada pelo link de produtividade.

3. REVISÃO DA LITERATURA

A finalidade deste capítulo é revisar aspectos que são de grande relevância para a análise das construções estudadas, contribuindo para a compreensão do seu comportamento. Trataremos inicialmente de aspectos mais gerais da construção para em seguida abordar aspectos mais específicos.

3.1 Polidez

Os estudos acerca da polidez contribuem para a compreensão da função da gramática na manutenção das relações sociais, considerando informações que não podem ser apreendidas somente por meio de aspectos internos à língua, como formas de tratamento, atos de fala indiretos, ironia, pronomes pessoais e afins (CUNHA; OLIVEIRA, 2020). Um dos intuítos dos estudos de polidez é alcançar o que o falante *quer dizer* ao invés de *o que foi dito*. Para organizar melhor as relações estabelecidas entre os interlocutores, é criada a noção de faces, mapeando as necessidades básicas de cada uma das partes.

É de extrema importância comentarmos que Brown e Levinson consideram universais o conhecimento mútuo da autoimagem pública e da face uns dos outros por parte dos interlocutores, bem como a necessidade social de se orientarem numa interação (Brown; Levinson, 1987), ainda que, de acordo com Cunha; Oliveira, isso tenha sido questionado por outros autores posteriormente, ao longo do tempo, tendo em vista as particularidades de cada contexto sócio-cultural.

3.1.1 Faces

As faces representam os “desejos saciáveis apenas através de ações dos outros” (BROWN; LEVINSON, 1987) que cada um dos interlocutores possui, sendo presumido que o falante sabe quais são os desejos do ouvinte e vice-versa, sendo de mútuo interesse manter a própria face e a do outro no ato comunicativo. Além disso, durante a interação, as faces podem ser mantidas, perdidas, investidas ou atendidas (Brown; Levinson, 1987: 61). Vale ressaltar que os autores levam em consideração que os interlocutores são adultos funcionais membros de uma sociedade.

Face é definida por Goffman como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma pela linha que os outros pressupõem que ela seguiu

durante um contato particular” e como “a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967[1955]:5, apud CUNHA; OLIVEIRA, 2020). Os interlocutores possuem uma autoimagem que inclui direitos e limites que tendem a ser preservados e respeitados por ambas as partes. Levinson (1987) divide a noção de face em face positiva e face negativa.

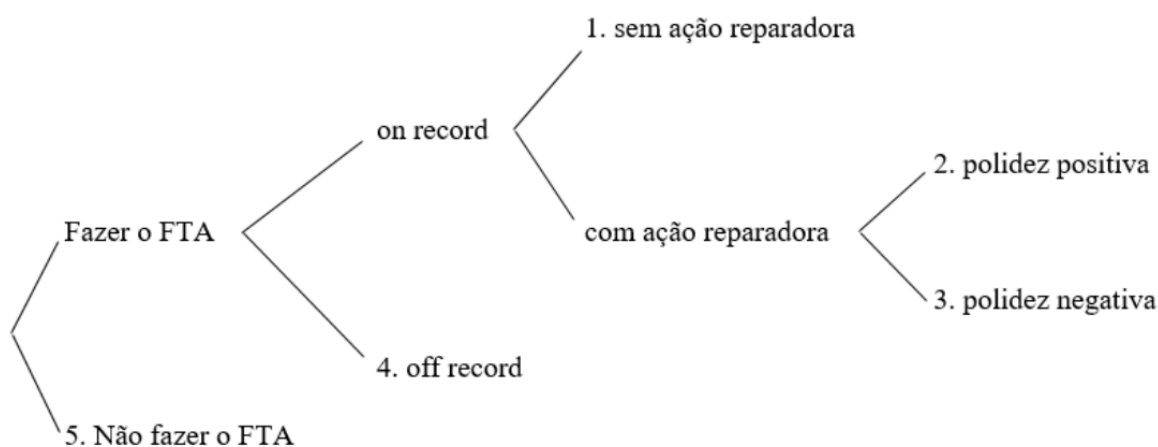
A face negativa abrange a autopreservação e a reivindicação básica de território, englobando os direitos que cada um possui e sua defesa, além da liberdade de ação. Segundo Cunha; Oliveira, “é a necessidade de todo interlocutor de que suas ações não sejam restringidas ou limitadas pelos outros” (Cunha; Oliveira 2020:139). Já a face positiva trata-se da autoimagem do interlocutor, incluindo seu desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada e a necessidade de ser admirado, respeitado e compreendido. Apesar de no geral haver uma cooperação para que as faces um do outro sejam mantidas baseada numa mútua vulnerabilidade de faces, segundo Brown; Levinson (1987), os atos de fala são capazes de ameaçar ao menos uma das quatro faces dos interlocutores – face positiva do falante, face negativa do falante, face positiva do ouvinte ou face negativa do ouvinte. Brown e Levinson compreendem “ato” como algo que pode ser feito pela comunicação verbal ou não verbal (Cunha; Oliveira, 1987: 65).

3.1.2 Atos ameaçadores de face (*face-threatening acts* – FTA)

Como exemplo, um caso em que o falante verbaliza algo que compromete de alguma maneira sua autoimagem, sua face positiva é ameaçada. Por outro lado, quando ele assume dever algo ao ouvinte, a ameaça ocorre à sua face negativa. Se ele compromete a autoimagem do ouvinte, esse ato compõe um ato ameaçador à face positiva de seu interlocutor e, por fim, a face negativa do ouvinte é ameaçada quando o falante tenta fazê-lo cumprir algo que este não deseja.

Entretanto, apesar de os atos de fala ameaçarem uma das quatro faces dos interlocutores, os autores garantem que qualquer agente racional procurará evitar os atos de ameaça à face, ou ao menos se utilizarão de estratégias para amenizar a ameaça. Os atos de ameaça à face são representados da seguinte forma:

Figura 3 – Atos ameaçadores de face (*Face Threatening Acts*)



(Brown; Levinson, 1987:60), (Cunha; Oliveira 2020:140)

Observemos os exemplos a seguir:

(6) Abra a janela! (Cunha; Oliveira2020:140)

(7) A gente tem que pensar antes de agir. (Cunha; Oliveira2020:140)

(8) Por favor, será que você poderia abrir a janela? (Cunha; Oliveira2020:140)

(9) Que vestido bonito!

(10) Você é uma pessoa muito agradável.

Os atos de ameaça à face *on record* abrangem os casos em que o falante opta por prosseguir com o ato de ameaça à face, deixando nítida sua intenção comunicativa, sem ambiguidade, em que fica claro para o ouvinte que uma das faces é ameaçada, como os casos 1, 2 e 3 apresentados no quadro, exemplificados em (6), (7) e (8) respectivamente. Já o *off record* diz respeito aos casos em que o falante segue adiante com o ato de ameaça à face, todavia de maneira indireta, não estando óbvio para o ouvinte qual é a sua intenção, como em 4, e exemplificado em (9) – nesse caso podem ocorrer ambiguidades de interpretação. Já 5, exemplificado em (10), representa os casos em que não há ameaça a nenhuma face.

Nos casos *on record*, há três possibilidades. Sem ação reparadora, como apresentado em 1, refere-se a ocasiões em que uma das faces é ameaçada de maneira direta e objetiva, a intenção comunicativa do falante é extremamente clara para o ouvinte e não há nenhum tipo

de ação reparadora para amenizar essa ameaça – tais ocorrências são denominadas como *baldly* pelos autores e podem ocorrer em contextos de urgência, por exemplo. No exemplo (6), não há dúvidas de que o falante quer que o ouvinte abra a janela, a informação está explícita e objetiva.

Os casos com ação reparadora podem ser de polidez positiva ou de polidez negativa. No primeiro caso, representado por 2 e exemplificado em (7), há uma ameaça à face positiva, havendo alguma estratégia para amenizá-la, como um comentário indireto, o que indica a existência de cordialidade e respeito entre os interlocutores. No exemplo (7), para insinuar que o ouvinte precisa pensar antes de agir, o falante coloca como sujeito *a gente*, uma expressão genérica, sem se dirigir diretamente ao ouvinte.

No segundo, representado por 3 e exemplificado em (8), ocorre uma ameaça à face negativa, também com alguma tentativa de amenizar essa ameaça. No exemplo, essa tentativa de amenizar o pedido feito pelo falante se manifesta através da expressão *por favor*.

Em 4, *off record*, a informação é ambígua, como exemplificado em (9). Uma amiga que elogia o vestido da outra pode estar insinuando que esta deveria emprestá-lo àquela, ou ser um mero elogio – não está claro.

Por fim, em 5, não havendo ameaça à face, o falante faz aquilo que se espera e preserva a face de seu ouvinte. No exemplo (10) há um elogio ao ouvinte, algo que lhe agrada.

A escolha por uma das estratégias apresentadas se dá por consequência de diferentes variáveis sociais, como o grau de proximidade entre o falante e o ouvinte, o tipo de poder que um exerce sobre o outro e o *ranking* de imposições do ato de ameaça à face numa dada cultura.

Afirmam que as máximas de polidez propostas por Lakoff (1975; 1977) – máxima da formalidade, máxima da deferência, máxima da camaradagem– possuem um peso maior do que as máximas conversacionais de Grice (1975) – máxima da quantidade (“não diga o que você acredita ser falso”), máxima da qualidade (“não diga o que você acredita ser falso”), máxima da relevância (“seja relevante para a conversa”), máxima do modo (“Seja breve”) (Cunha; Oliveira, 2020:143). Dessa maneira, os autores utilizam o exemplo de que “se, em dado contexto, o excesso de sinceridade e clareza puder implicar impolidez, o falante optará pela indiretividade, pela mudança de tópico ou mesmo pelo silêncio, a fim de não ser impolido e de que o ouvinte se sinta bem” (Cunha; Oliveira, 2020:143).

3.1.2.1 Tipos de atos de ameaça à face

Além das estratégias do ato de ameaça à face, os tipos de atos de ameaça à face são divididos em dois grandes grupos (Brown; Levinson, 2020): os que afetam a face negativa do ouvinte e os que afetam a face positiva. Limitamo-nos a falar sobre o segundo grupo, uma vez que é de maior importância para o presente trabalho.

Os atos que ameaçam as vontades da face positiva do ouvinte são fortes indicadores de que o falante não estima os desejos ou sentimentos do seu interlocutor. Os casos abordados são (Brown; Levinson, 2020:66-67):

1. Quando o falante avalia negativamente a face positiva do ouvinte, expressando desaprovação, crítica, insultos, acusações, exposição ao ridículo e outros, e os casos em que o falante discorda do ouvinte ou o desafia.
2. Quando o falante expressa não se importar ou ser indiferente à face positiva do ouvinte, como expressando emoções violentas, sendo irreverente, abordando aspectos negativos da vida do ouvinte, trazendo para a conversa assuntos polêmicos ou emocionalmente sensíveis, não cooperando para a boa-convivência do grupo e se dirigindo ao ouvinte de maneira indevida.

Em suma, a polidez positiva está voltada para a face positiva do ouvinte, se tratando da autoimagem positiva que ele declara possuir. O falante indica que, de certo modo, ele possui os mesmos desejos que o ouvinte. Aqui, há a implicação de que o falante não deseja de forma alguma avaliar negativamente a face do ouvinte. Por outro lado, a polidez negativa volta-se para a satisfação parcial – ou seja, a reparação – da face negativa do ouvinte. Ela está baseada na realização de estratégias que garantam que o falante reconhece e respeita a face negativa do ouvinte, não tendo intenções de interferir na sua liberdade de ação.

Brown; Levinson (1987) afirmam a existência de uma “convencionalização do indireto”, de maneira que, se existe um mecanismo linguístico para se expressar uma fala indireta que é altamente convencionalizado, o ato de ameaça à face deixa de ser *off record*.

Quanto às construções aqui estudadas, acreditamos que elas podem se tratar de uma maneira de ameaçar a face do interlocutor:

(11) @EOSLDO @AAABCD @XWDFH o que impede de tu ter filha e cortar p dois lados? tá se sentindo mt em paizão

(12) @ASODMF Ta se achando mto

O exemplo (11) encontra-se num contexto no qual dois homens discutiam e discordavam entre si. Observemos a conversa:

@EOSLDO Jun 24, 2022 ...
[REDACTED] lançou um novo corte em homenagem a comunidade LGBT.



165 402 7.3K

@AAABCD Jun 24, 2022 ...
Já achava que ele cortava pro outro lado, agora eu tenho é certeza

7 1 26

@XWDFH Jun 25, 2022 ...
Qual problema ? E você corta para os dois ? Ou tá com medo de sair do armário também ?

2 18

@AAABCD Jun 25, 2022 ...
Tá se doendo pq mano ? Falei nada demais. Só comentei que eu ACHAVA que ele era gay mas agora eu tenho certeza. O mundo tá cheio de gente chata, vtnc

3 4

@XWDFH Jun 25, 2022 ...
Gay é você no painel de branca de neve, eu só comentei que eu ACHEI, mas agora eu tenho certeza . Vai tomar no cu você, tem medo de dar e doer, ou não tá sabendo pedir pica , seu fdp, sai do armário .

2 4

@AAABCD Jun 25, 2022 ...
Olhou minha foto ? Viu que era minha filha ? Pense antes de falar merda, seu comédia

3 4

@ERDFCV ...
o que impede de tu ter filha e cortar p dois lados? tá se sentindo mt em paizão

[Translate post](#)

Em (11), a construção *se sentindo* é utilizada pelo autor do tuíte a fim de criticar o seu interlocutor e expressar a discordância quanto à sua atitude e às suas opiniões. A expressão *tá se sentindo mt* é utilizada logo após o autor questionar o seu interlocutor.

No segundo exemplo, um homem posta que está com saudades de alguém e uma menina responde esse tuíte. Não é possível acessar o tuíte da menina, pois ele foi deletado, como pode ser constatado a seguir:



Em resposta ao tuíte deletado, temos o exemplo (12), no qual o autor diz que a menina *Ta se achando mto*. Nesse segundo exemplo, apesar de não ser possível obter o conteúdo da postagem anterior, compreendemos que o falante se utiliza da expressão para diminuir um pensamento elevado que a interlocutora possui acerca de si, tratando-se também de uma discordância direta entre os dois.

Tanto em (11) como em (12) temos casos em que o falante ameaça diretamente a face do ouvinte, aparentemente discordando de uma opinião que esse ouvinte possui acerca de si próprio no intuito de diminuí-lo.

3.2 Construções avaliativas

Nesta seção apresentaremos um estudo acerca de construções avaliativas, com base no livro *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes* (BRAGA et al, 2017).

BARROSO; BRAGA (2017) apontam que uma construção subjetiva avaliativa (CSA) prototípica é caracterizada por um adjetivo avaliativo, o verbo *ser* e uma oração completiva subjetiva, respectivamente. As autoras chamam de oração completiva o que a gramática tradicional denomina oração subordinada substantiva subjetiva. Algumas características das

CSA prototípicas são a unipessoalidade e a atemporalidade, utilizada pelo locutário para falar sua opinião ou expressar seu pensamento como se fosse uma verdade objetiva.

Apesar de não haver um adjetivo em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* –, compreendemos que *se querendo* descreve o julgamento de um enunciador sobre o estado no qual um sujeito se encontra, emitindo um juízo sobre um substantivo e sobre um participante. Observemos os seguintes exemplos:

(13) Ela tá *bonita* hoje.

(14) Joana tá *se querendo* hoje.

(15) Ela é muito *bonita*.

(16) Ela é muito *se querendo*.*

Isso mostra que *se querendo* atesta um estado, mas não uma maneira de ser. Outra característica que difere nosso objeto de estudo das CSA prototípicas é o caráter temporal da construção aqui estudada. *Se querendo* fala sobre o estado do sujeito num momento ou condição específica, como prova o exemplo exemplo (14).

Dias e Braga apresentam a noção de subjetividade segundo Lyons (1996), sendo a manifestação de crenças dos locucionários no enunciado. Junto à agentividade do locutor, a subjetividade da consciência sugere um intercâmbio entre a linguagem e a cognição, relacionando-se aos recursos da semântica e da pragmática.

Para definir avaliatividade, as autoras adotam a visão de Neves (2000), na qual os adjetivos avaliativos integram o grupo dos adjetivos qualificadores, sendo gradativos e intensificáveis. Eles podem expressar o valor semântico de (a) modalização deontica e epistêmica ou de (b) avaliação ou avaliação psicológica. Além disso, a avaliação pode exprimir qualidades indicadas para o positivo, chamadas de eufóricas, ou para o negativo, chamadas de disfóricas. *Se querendo*, apesar de não ser um adjetivo, se encaixa no grupo (b) e pode ter caráter eufórico ou disfórico a depender do contexto e da intenção do falante.

Vejamos as características das CSAs segundo Braga e Dias:

Consideramos, neste capítulo: a) que as CSAs realizam-se como uma oração matriz mais um sujeito oracional preferencialmente posposto; b) que, morfossintaticamente, a oração matriz se caracteriza pela unipessoalidade do verbo ser em 3ª pessoa do singular, a não pessoa; c) que o adjetivo avaliativo, aparecendo não marcadamente em segunda posição na

construção, reflete o posicionamento do falante; d) que, do ponto de vista semântico-discursivo, a referida construção é usada como um recurso para escamotear a expressão da subjetividade, crenças, valores do locutário; e) que, por fim, a construção em pauta contrasta seu valor semântico geral, impessoal, ao do entorno linguístico, que se caracteriza pela explicitação das experiências pessoais do falante. (CEZARIO; OLIVEIRA 2017:2010)

Já sabemos que, por mais que se trate de construções com caráter avaliativo, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO/SENTINDO] não possuem a mesma estrutura da construção denominada por Barroso e Braga como CSA e nem como uma construção avaliativa prototípica. Contudo, por ambas expressarem uma avaliação, podemos perceber algumas semelhanças entre elas como o fato de a construção avaliativa estudada refletir o ponto de vista do falante, como diz em c), ser um recurso utilizado para escamotear a expressão da subjetividade, crenças, valores do locutário, que geralmente enuncia a frase como se ela se tratasse de uma verdade absoluta e não de um julgamento da sua parte, como expresso em d), e algo que se manifesta a partir de uma experiência por parte do falante, que percebeu o comportamento de alguém e o julgou, como dito em e). Sendo assim, é possível afirmar que nosso objeto de estudo e as CSA diferem entre si no que diz respeito à morfossintaxe, mas que possuem propriedades semânticas semelhantes.

3.4 Gerúndio

De acordo com a gramática tradicional (BECHARA, 2019), o gerúndio pode valer por um advérbio ou por um adjetivo e podem ser aplicadas sobre ele desinências nominais como as dos nomes, como as de gênero e de número.

No trabalho *As construções de gerúndio no português do Brasil*, são apresentadas diferentes funções do gerúndio no PB (BRAGA; CORIOLANO, 2007). Cabe trazer um comentário de Taylor (1992 apud BRAGA; CORIOLANO, 2007:176), que “ressalta que as categorias da estrutura linguística, sejam elas morfológicas, morfossintáticas, sintáticas e mesmo prosódicas, podem exibir um conjunto de significados relacionados, precisando, portanto, ser explicados como ocorrências de polissemia”, uma vez que as estruturas são motivadas.

As construções de gerúndio, segundo as autoras, possuem diferentes graus de gramaticalidade. Algumas, denominadas “desgarradas”, não são ligadas a outra oração com a qual se articulam e podem ser parafraseadas por orações independentes ou adjetivas.

No caso das orações gerundivas que são parte de uma oração complexa, essas foram divididas em três subgrupos, de acordo com suas possíveis paráfrases: a) por oração coordenada, b) por oração adverbial e c) por oração adjetiva.

Outra possibilidade é a forma verbal no gerúndio ocupar a posição de V2 de uma perífrase verbal, sendo o V1 um verbo funcional – caso de *ficar* –, um verbo aspectualizador ou um verbo auxiliar – caso de *estar*.

Quanto ao uso de verbos no gerúndio em posição de oração subordinada, Brandão (1933, apud Simões, 2007:85) reconhece a existência de três tipos: o gerúndio apositivo, o gerúndio predicativo e o gerúndio atributivo, além dos casos de perífrase de gerúndio, nos quais o morfema *-ndo* se relaciona com a noção de aspecto. Destes, o que mais nos importa é o segundo.

O gerúndio predicativo possui funções adjetivas em relação a um nome expresso na oração matriz, tal como o gerúndio atributivo. Vale ressaltar que Brandão (1933, apud Simões, 2007) pontua que o gerúndio predicativo deriva do particípio presente do latim, uma vez que este é utilizado para explicar as funções daquele no português brasileiro, segundo o autor, “quando predicativo do sujeito, o gerúndio ora se confunde com um adjunto adverbial de modo, ora com uma oração relativa” (Brandão, 1933, apud Simões, 2007:94).

De acordo com Simões (2007), “os gerúndios com valor ligado ao *sujeito* da oração matriz muitas vezes completam o sentido de determinados tipos de verbos expressos na apódose” (SIMÕES, 2007:94). Esses verbos são chamados de “transobjetivos”, uma vez que projetam um complemento de objeto e um complemento de qualidade atribuída a esse objeto: um predicativo. Como verbos dominantes, o autor apresenta como principais possibilidade os verbos *ir, vir, entrar, sair, nascer, morrer, viver, estar, seguir*, dentre outros. Ele chama atenção ainda para o fato de que “muitos desses verbos... atribuem alguma noção de aspecto específica e poderiam formar verdadeiras perífrases, se aparecessem em posição imediatamente anterior ao verbo no gerúndio” (SIMÕES, 2007:97). Todavia, os exemplos encontrados por ele se assemelham a (17).

(17) em derredor do leito *estavam* moços pequenos mui fortemente ***chorando***.
(SIMÕES, 2007:95)

Diante disso, afirma-se que o gerúndio compartilhar seu sujeito com uma oração matriz não pode ser uma condição válida para ser considerado predicativo do sujeito, pois também pode ser o caso do gerúndio apositivo. Sendo assim, a posição sintática na qual a

construção gerundial aparece é decisiva para a compreensão do escopo de predicação dos gerúndios. Simões afirma que

a) quanto mais próximo o gerúndio está do sujeito da oração matriz, mais fácil é entendê-lo com *predicativo do sujeito* e b) quanto mais distante ele está do nome compartilhado com a oração matriz, mais difícil fica essa interpretação, pois nesses casos ele parece ressaltar o valor adverbial inerente à tal duplicidade de funções (adjetiva e adverbial ao mesmo tempo). Sendo assim, para os gerúndios ligados ao sujeito da oração matriz, poderíamos pensar em uma categoria realmente ambígua (*fuzzy*) em que o gerúndio simultaneamente tanto pode “apontar” para o verbo da oração matriz como para o sujeito da mesma, ora ressaltando -se mais o seu caráter adjetivo, quando mais próximo do nome, ora o seu caráter adverbial, quando mais distante do nome que empresta como sujeito. (SIMÕES, 2007:96)

Para finalizar, o autor apresenta mais alguns empregos de gerúndio ligados ao SN sujeito, como nas construções que acompanham a sentença matriz, com verbos na voz passiva, pronominal e perifrástica, e verbos reflexivos, como em (18).

(18) sobre aquele ramo... *se véo* pôr um roussinol, docemente ***cantando***. (SIMÕES, 2007:96)

Ou como quando o gerúndio predicativo está ligado a um SN que encabeça uma construção nominalizada, segundo autor, típico de peças teatrais, como em (19).

(19) Fausto, ***entrando*** pela porta do fundo, que deixa aberta, seguido de um grande cão d’água preto... (***voltando-se*** para o cão)... (SIMÕES, 2007:96)

Em suma, a partir dos estudos de Brandão (1933, apud SIMÕES, 2007), é necessário levar em conta a natureza dos verbos da oração matriz, bem como a posição da gerundiva em relação ao sujeito e, por vezes, a relação de tempo estabelecida entre as orações.

3.5 O verbo *sentir*

Nesta seção trataremos algumas reflexões pertinentes sobre os diferentes usos de *sentir* de acordo com BORBA (1991), com Barros (2013), com Ferrari (2004 e 2012) e com

Carvalho (2011), respectivamente. Fizemos um recorte do que é pertinente em alguma medida para a presente pesquisa e se relaciona com nosso objeto de estudo.

O primeiro significado de *sentir* a ser apresentado refere-se a “*experimental sensação física ou não*” (BORBA, 1991:1229).

O segundo diz respeito aos casos em que seu complemento se apresenta como um nome abstrato de qualidade (20), ou, em sua forma pronominal, junto à preposição *com* e a um nome abstrato (21) ou apenas um adjetivo correspondente (22).

(20) *sentiu* coragem (BORBA, 1991:1229)

(21) *sentiu-se* com coragem (BORBA, 1991:1229)

(22) *sentiu-se* corajoso (BORBA, 1991:1229)

Sentir, com um complemento oracional, expressa o mesmo sentido que os verbos *notar* e *perceber* (23).

(23) pude *sentir* que o apelido o magoava.

Barros (2013) traça um panorama dos possíveis significados do verbo *sentir*. O primeiro caso apresentado, o mais recorrente segundo a autora, é aquele que remete à ideia de efeito/resultado, aludindo à ideia de sensação física provocada por algo exterior ao sujeito, como em (24).

(24) Maioria das empresas nacionais *sentiu* a crise, diz consultoria. (BARROS, 2013: 96)

Barros (2013) explica que para que o verbo *sentir* fosse atribuído ao sujeito *empresa*, foi preciso que traços humanos fossem designados a esse substantivo. Por isso, a autora questiona o tipo de sensação que *sentir* remete – se seria de ordem física ou psicológica. Como possível resposta para esse questionamento, mais à frente em seu texto sugere que *sentir* expressa que *um estímulo Y afeta um sujeito X*, visto que a *crise* é algo exterior à empresa e passível de ser *percebido* por meio de fatores verificáveis e que podem ser

perceptíveis através dos sentidos humanos. Sendo assim, *sentir* não deixa de estar associado a sensações físicas.

Em sua publicação, a autora esboça um paralelo entre os verbos *sentir* e *perceber*, utilizando o segundo para nos ajudar a compreender o primeiro. Barros (2013) apresenta contextos em que ambos os verbos são intercambiáveis, como em (27).

(25) *Senti* o prego atravessar o solado do sapato. (BARROS, 2013: 97)

O exemplo (25) explicitamente se trata de um caso em que *sentir* expressa uma sensação física motivada por um elemento exterior independente à vontade ou intuição do sujeito. Aqui, em que *sentir* se refere a algo que entrou em contato diretamente com o corpo, é possível seguir o seguinte percurso:

Quadro 1 – percurso de *sentir*

o prego perfura o sapato → o prego entra em contato direto com o pé → a perfuração do prego causa dor no pé → o contato do prego e a dor no pé levam o sujeito perceber o prego

Assim, (25) pode ser substituído por (26).

(26) *Percebi* o prego entrar pelo solado do calçado. (BARROS, 2013:98)

Em suma, em algumas ocasiões *sentir* pode representar um problema de ordem física existente por si só, enquanto em outras pode representar um estímulo de ordem psicológica, como em (27).

(27) *Sentiu* a indireta? (BARROS, 2013:98)

Dado que no contexto original (27) se refere à fala de um prefeito, a frase pode ser traduzida como “Você *percebeu* a insinuação do prefeito?”. (27) apresenta uma suposição

fundamentada em evidências – captadas por sentidos físicos, no caso, a audição. Desse modo, não se trata de uma percepção intuitiva, uma vez que é baseada em elementos palpáveis.

Todos os casos apresentados até o momento têm em comum um estímulo externo – um estímulo Y afeta um sujeito X – percebido pelo plano físico. Esse estímulo, agente causador, gera uma sensação física ou psíquica acerca de algo que é percebido por um sujeito, que então o interpreta a partir de experiências vividas previamente.

A autora apresenta, ainda, um caso em que *sentir* transmite a sensação de ausência de fatores físicos e temporais de um determinado contexto, como (28).

(28) Eu *sinto* falta do inverno, de como o frio era bom.

A respeito de (28), Barros (2013) explica que a sensação de falta pode ser desencadeada tanto por fatores físicos – tal qual apresentado em (28) – como por fatores psicológicos – como nos casos em que se sente falta de uma pessoa –, ainda que o fator psicológico tenha sido engatilhado por uma lembrança física ou material.

Contudo, é trazido em seu texto um exemplo que parece evidenciar o oposto dos demais apresentados.

(29) Diogo Vilela conta que *sentiu* a presença de Ary Barroso enquanto escrevia peça sobre o compositor. ((BARROS, 2013:100)

Dado que Ary Barroso já é falecido, Barros constata que *sentir* em (29) representa uma intuição, visto que não houve estímulo físico algum para que isso ocorresse. Sendo assim, “trata-se apenas de uma sensação interna desencadeada pelo próprio sujeito enunciador” (BARROS, 2013:101). Para que a presença de Ary seja *sentida*, é necessária uma pressuposição subjetiva.

Mais adiante, Barros (2013) comenta sobre casos nos quais *sentir* pode ter uma semântica próxima ao do verbo *saber*. Em tais contextos, há uma sensação psíquica retratada pela percepção e posteriormente pela compreensão, como expresso em (30).

(30) Nós mesmos *sentimos* que o que estamos fazendo é apenas uma gota no oceano.
(BARROS, 2013:102)

Caminhando para o fim da seção sobre o verbo *sentir* em sua tese, Barros (2013) foca nos usos em que o verbo é acompanhado do pronome oblíquo átono. A autora afirma que o uso desses pronomes “reforçam a sensação vivida pelo sujeito, mas que em nada distinguem dos valores semânticos verificados até então, configurando-se apenas como um modo distinto de organização sintática” (BARROS, 2013:106). Em seguida, traz o seguinte exemplo:

(31) Eu me *sentí* traída pela vida.

Segundo a autora, a utilização do pronome oblíquo em (31) gera a ideia de sensação psíquica ou de autoavaliação como consequência “da atmosfera de introspecção proporcionada pela existência de um estímulo externo causador do sentimento de traição, que, a partir da adoção de uma atitude reflexiva, desencadeia no sujeito enunciador um sentimento de meditação acerca de tudo que o cerca”. Defenderemos aqui que o mesmo ocorre em casos como (32) e (33), retirados da rede X para exemplificar.

(32) Parece uma rapariga se *sentindo* traída

Para Barros, em casos como (31) e (32) infere-se a existência física de algo que desencadeia a sensação expressa na frase, podendo essa existência ser empiricamente verificada através da percepção de suas consequências observáveis, que independem da vontade do sujeito (BARROS, 2013:107). Sendo assim, em (31) algo aconteceu e suas consequências foram percebidas pelo autor do tuíte, de forma que isso lhe causou o sentimento de traição.

Logo, pode-se concluir que, para que um sentimento seja experimentado, é preciso que fatores externos, algo independente ao sujeito, gere um estímulo percebido por esse sujeito e a partir disso uma sensação seja *sentida*.

Para encerrar sua avaliação semântica do verbo sentir, Barros avalia frases em que o verbo não vem acompanhado de um complemento. No primeiro caso apresentado, ela avalia *sentir* como sinônimo de perceber.

(33) A maior torcida do mundo faz a diferença: só nós *sentimos*. (BARROS, 2013:110)

A interpretação de (33) seria algo como “*só nós percebemos*”, uma vez que a sensação de ser a maior torcida do mundo só pode ser percebida por aqueles que fazem parte dela.

FERRARI (2012) explora a evidencialidade expressa por meio de três verbos de percepção: *ver*, *ouvir* e *sentir*. Sua escolha se deu por serem verbos prototípicos na representação dos cinco sentidos. Aqui, nos limitaremos a falar sobre o verbo *sentir*, visto que, dentre esses, é o que importa para o trabalho.

Segundo a autora, a evidência pode ser expressa de forma direta ou indireta. No primeiro caso, “o falante é testemunha direta da informação contida em seu enunciado, ou seja, o falante declara-se fonte da informação e ainda informa que viu, ouviu, ou teve algum contato sensorial com o fato qualificado evidencialmente” (FERRARI, 2012:101). No segundo, o falante reporta ou infere, por meios verbais, um ocorrido. No caso do verbo *sentir*, podem ocorrer as formas direta e indireta inferencial.

Na língua portuguesa os verbos de percepção “são fortes candidatos a assumirem valor evidencial” (FERRARI, 2012:102), uma vez que a língua não possui evidenciais gramaticais. Entretanto, tais verbos necessitam de determinadas características para serem considerados evidenciais, como (a) a dêixis, que, nesse caso, trata-se de uma maneira de o falante se posicionar como “centro dêitico” em relação à percepção do que é veiculado; (b) e estrutura da oração, sendo necessário que haja duas cláusulas para que seja possibilitada uma leitura evidencial.

Além das características já comentadas, é necessário que o verbo de percepção esteja conjugado no presente ou no pretérito do modo indicativo, uma vez que não é possível ter testificado algo que ainda não ocorreu – de modo que é muito raro encontrá-lo no futuro – e na primeira pessoa do singular – como consequência da “natureza dêitica” da evidencialidade –, sendo uma oração declarativa afirmativa.

Em seu trabalho, Ferreira (2011) apresenta três modos de evidencialidade: reportativa, inferida e direta. A evidencialidade reportativa refere-se à retransmissão de uma informação produzida numa ocasião anterior por outro falante e não se aplica aos usos do verbo *sentir*. A evidencialidade inferida é utilizada para apresentar um conteúdo proposicional resultante de uma conjectura “baseada em evidências internas ao falante” (FERRARI, 2012:108), como em (34).

(34) é uma necessidade que a criANça tem... éh::... dela de tê(r) a figura do homem e da mulher pra educá(r) junto...junto educá(r) a criança... éh aí a gente vê né? filho... e aí começa mexê(r) com dro::ga... éh o problema do alcoolis::mo... né?... a gente vê a

FEBEM tão lotada de adolesCENTes... que há e a gente ahm:: eu *sinto*... que é essa falta da família... essa falta do SEio familiar dessa conviVÊN::cia com o pai e com a mãe... ou até mesmo dois irmãos... (AC102, L. 370-378) (FERRARI, 2012:108)

Carvalho (2011) explora o uso gramaticalizado dos verbos *achar*, *ver*, e *sentir* e sua relação com os contextos morfossintáticos. Por gramaticalização, podemos compreender “um processo pelo qual itens lexicais assumem, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (CARVALHO, 2011).

Vale comentar que o processo de gramaticalização ocorre aos poucos, por etapas, e de uma função menos gramatical para uma função mais gramatical. A autora defende que o tipo de contexto morfossintático influencia a forma gramaticalizada, citando como exemplo os verbos *ver*, *achar* e *sentir* em contextos de primeira pessoa do singular, que possibilitou a reanálise desses modalizadores de opinião – *eu vejo que*, *eu acho que* e *eu sinto que* – de modo que, nessas circunstâncias, tais verbos marcam um ponto de vista pessoal que preserva a face do falante.

Carvalho (2011) chama a atenção para o fato de que “diferentes contextos morfossintáticos também podem ser mobilizados para a expressão de uma mesma função discursiva” (CARVALHO, 2011:86). Ao que diz respeito aos verbos *sentir* e *achar*, seus usos gramaticalizados se instanciam em contextos morfossintáticos específicos. “Nesse uso, essa restrição de pessoa gramatical e tempo verbal constitui um caso de decategorização do verbo *sentir*. Segundo esse princípio, formas gramaticalizadas tendem a perder ou neutralizar certas características morfossintáticas da sua forma fonte” (HOPPER, 1991:22, apud CARVALHO, 2011:88). A autora acrescenta que o mesmo se aplica ao verbo *achar*, que além desse uso funciona também como marcador de dúvida ou parentético epistêmico.

Em sua tese de doutorado, Carvalho afirma que “Os verbos perceptivos subcategorizam cláusulas cujo conteúdo semântico indica algo que resultou da percepção do referente-sujeito da matriz” (CARVALHO, 2011:166), seja essa percepção sensorial ou intelectual. Em sua dissertação são apresentados dois domínios semânticos principais para essa classe de verbos: evidência direta, quando o sujeito capta através de um dos seus sentidos o evento descrito na cláusula encaixada, e a evidência indireta, quando o sujeito chega a uma conclusão acerca do evento descrito (CARVALHO, 2011:166).

Com base num estudo feito por Eve Sweetser, a autora comenta que os verbos de percepção, tanto sincrônica como pancronicamente, passam por um processo de

metaforização quanto seu campo semântico, partindo de sentidos mais concretos para mais abstratos (CARVALHO, 2011:167). Ao que diz respeito ao verbo *sentir*, os seguintes usos foram registrados pela autora: “experimental sensação física” (*sentir¹*), “perceber” – quanto ao plano cognitivo – (*sentir²*), um sentido híbrido (um misto de sensação física com o sentido de percepção intelectual, *sentir³*) e um uso aproximado a um modalizador de opinião (*sentir⁴*) (CARVALHO, 2011:196).

3.6 O verbo *achar*

Nesta seção apresentaremos algumas discussões sobre os diferentes sentidos e usos do verbo *achar* segundo Borba (1991), Carvalho (2011) e Barbosa-Santos(2019), respectivamente.

Sendo um verbo que indica processo, em sua forma pronominal com um sujeito experimentador, possui o sentido de “identificar-se consigo mesmo, perceber-se” (BORBA, 1991:29), como em (35).

(35) Armando sem *se achar*, mas sempre dando suas opiniões (BORBA, 1991:29)

Nos contextos em que o complemento é expresso por oração conjuncional ou em discurso direto, nos casos em que se descreve um objeto, evento ou situação, o verbo significa *supor, presumir*, como em (36).

(36) *Acho* que me salvei (BORBA, 1991:29)

Segundo o autor,

se o complemento consta de oração completiva estativa constituída por sujeito expresso por nome/oração conjuncional ou infinitiva + verbo ser + predicativo expresso por adjetivo, nome ou preposição + nome ou pronome, pode-se suprimir o verbo ser e inverter ou não a ordem sujeito-predicativo. (Borba, 1991:29)

Exemplificamos em (37).

(37) Estou *achando* a fada roxa muito esquisita (BORBA, 1991:29)

Em sua dissertação de Mestrado intitulada "O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização", Galvão apresenta o seguinte quadro no intuito de definir *achar*:

Quadro 2 – definições de *achar* segundo Galvão

PROPRIEDADES	<i>ACHAR1</i>	<i>ACHAR2</i> <i>APRECIÇÃO</i>	<i>ACHAR2'</i>	<i>ACHAR3</i> <i>PALPITE</i>	<i>ACHAR4</i>
PARÁFRASE	encontrar/ procurar/ descobrir	considerar/ pensar / afirmar	considerar	supor / é possível	talvez / pro- avelmente
VARIABILIDADE TEMPORAL	presente / perf./impf.	presente / per feito	presente/ perfeito	presente/ perfeito	presente
VARIABILIDADE DE MODO	indic./imp./ subj.	indicativo / subjuntivo/	indicativo/ subjuntivo	indicativo	indicativo
PESSOAS DO VERBO	1a / 2a / 3aS/P	1a/2a/3a S/P	1a, 2a, 3a, SP	1a. S	1a S
PRESENÇA E TIPO DO ARGUMENTO INTERNO	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, com o traço [+concreto]	Oracional	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, é predicado por um qualificador, [+abstrato]	Oracional	perda do argumento interno
TIPO DE SENTENÇA EM QUE APARECE	absoluta / hipotática / núcleo / encaixada	principal	Absoluta / núcleo / principal.	principal	depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa (fora da oração)
CARACTERIZAÇÃO	pressupõe o encontro entre duas entidades do mundo real; [-controle], incerteza	performativo-modalizador, avaliativo depende de fatores inerentes ao falante.	Performativo-modalizador, avaliativo, maior grau de certeza	modalizador, fatores externos ao falante fazem com que a incerteza, passe para o nível das possibilidades	incerteza, dúvida, probabilidade

Fonte: GALVÃO 1999:98

Como pode ser observado, nenhum deles define o sentido de *achar* expresso em casos como *Ela se acha muito só por ser bonita*. Entretanto, há algumas considerações pertinentes em seu estudo para que possamos compreender esse uso que hoje é pouco explorado. A segunda definição de achar (*ACHAR2*) a autora caracteriza como *apreciação*, dizendo que seu uso “exige um traço avaliativo no predicativo do sujeito (da encaixada), seja por um núcleo substantivo modificado.” (BORBA, 1991:79) Um dos exemplos trazidos por ela é (38).

(38) *Eu achava* que era uma vida farta. (BORBA, 1991:79)

Ela afirma que a apreciação se fundamenta naquilo que o sujeito tem conhecimento acerca do objeto em relação à característica que lhe é predicada, em outras palavras, o sujeito já teve uma experiência com aquilo e por isso está em posição de avaliar.

Galvão traz também a possibilidade de redução da oração completiva, uma variação de ACHAR2 apelidada de ACHAR2'. Essa variação possui características de verbo pleno, tendo um sujeito experienciador com traço [+ humano], sendo sempre predicado por um qualificador adjetivo [+ abstrato]. Desse modo, esse adjetivo pode ser o predicativo de uma oração copulativa encaixada reduzida, como em (39).

(39) eu *acho* a vida da gente muito curta. (Rondon, M , 32 a, 2) (BORBA, 1991:81)

(40) eu *acho* (que) a vida da gente (é) muito curta. (BORBA, 1991:81)

(41) Eu *acho* muito legal Rondon ... (RD, F, 3, 1) (BORBA, 1991:82)

(42) Eu *acho* que Rondon *deve ser* muito legal (BORBA, 1991:82)

A diferença principal entre ACHAR2, apreciação, e ACHAR3, palpite – representado em (41) e (42) –, se encontra na intenção do falante, que no segundo caso mantém certa distância do enunciado produzido. ACHAR3, quando utilizado na primeira pessoa do presente do indicativo, possui valor pragmático e diminui o grau de compromisso que o falante possui com o que é dito por ele e, no nosso ponto de vista, esta é uma estratégia de preservação da face do falante – tomando (41) como exemplo, no caso de o falante não ter tido uma experiência direta com Rondon, ele não quer se comprometer dizendo que o lugar é legal, portanto o diz como um palpite.

Já o último, ACHAR4, se manifesta como uma expressão de possibilidade ou probabilidade. De acordo com Galvão, ACHAR4 não varia em modo, tempo, pessoa nem número, sendo sua forma fonológica cristalizada na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Algo característico dessa instância de *achar* trata-se de ele ser utilizado fora da estrutura sentencial, como em (43).

(43) depois :: ... acabaram os BONdes:: ... ainda veio o o os (()) ônibus ehn? que é pior ainda *eu acho* (NURC, F, 3) (BORBA, 1991:91)

Apesar de carregar vestígios de outros usos de *achar*, o escopo de *achar*⁴ está na enunciação. A autora acrescenta que, apesar da esquematização de cada um dos usos de *achar*, tais usos representam um *continuum* e suas mudanças ocorrem de maneira gradual.

Carvalho (2011) avalia os verbos *achar*, *ver*, e *sentir*. Suas impressões apresentadas sobre esse grupo de verbos na referida seção se aplicam também a esta, como a relevância do contexto morfossintático e suas considerações sobre o processo de gramaticalização.

Segundo a autora, *achar* é um parentético epistêmico, o que se manifesta em contextos nos quais tal verbo é empregado na primeira pessoa do singular. Ela pontua que, ao serem utilizados como modalizadores epistêmicos, (*eu*) *acho que* equivale a um advérbio, sofrendo decategorização. Essa mesma forma também pode se apresentar como marcador de opinião ou marcador de dúvida. Entretanto, Carvalho (2011) ressalta que “quando *achar* é usado como advérbio de dúvida, diminui o comprometimento do falante com o que está expresso na completiva, já que há uma dúvida a respeito dos fatos” (CARVALHO, 2011:89). Ademais, chama atenção para o fato de que “um mesmo contexto morfossintático gerou formas gramaticalizadas com comportamentos semântico-discursivos e sintáticos diferentes” (CARVALHO, 2011:89).

Barbosa-Santos (2019), em sua dissertação de mestrado, comenta que, apesar de *achar* ser um verbo cognitivo, sua etimologia não apresenta acepções de significados ligados a atitudes do falante (BARBOSA-SANTOS, 2019:70). Como origem desse verbo, a autora apresenta *encontrar* e *descobrir*, que, por sua vez, originaram-se de *soprar/farejar*, “ações comumente realizadas pelos caçadores em busca do animal” (BARBOSA-SANTOS, 2019:70). Todavia, os primeiros usos de *achar* já não remetem a essas ações apresentadas, estando mais próximo do sentido de *encontrar*, e daí por diante sendo estendido a usos cada vez mais abstratos.

Na forma pronominal, a autora retoma a descrição de Borba (1990), que apresenta um sujeito experienciador que expressa *perceber-se* de determinada maneira. Como exemplo, ele cita (44).

(44) Maria *se acha* a melhor. (BARBOSA-SANTOS, 2019:70)

Nota-se que esse é caso é semelhante ao do nosso objeto de estudo, quando utilizado junto a um qualificador, exemplificado em (45), retirado da rede X.

(45) A menina ta *se achando* a blogueirinha se filmando

Tanto em (44) como em (45) a sentença expressa que o sujeito *se percebe* de uma determinada maneira.

A partir de então, são apresentadas duas matrizes semânticas para o verbo *achar* (BARBOSA-SANTOS, 2019:70-71)

(a) Achar no âmbito da descoberta

descobrir

encontrar (por acaso/por procura)

criar

inventar

deparar-se com dar

de cara com

ter como resultado/consequência

apontar

ser objeto de (ação/reação/procedimento)

receber

ter

poder contar com

esperar ajuda/favor

resolver algo

estar presente

tornar a haver

(b) *Achar* e a expressão de atitude proposicional

atinar (descobrir por indício ou conjectura)

ter impressão/opinião

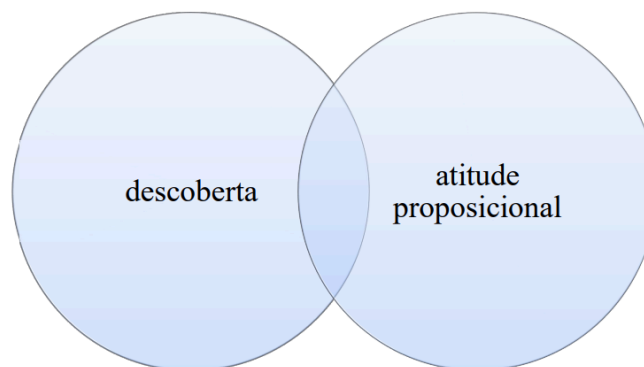
acreditar (se)

considerar (se)

fazer referência a
perceber
reparar
concluir (se)
deduzir (se)
deliberar algo (após consulta ou si mesmo)
decidir
supor
julgar
sentir
experimentar
reputar (se)

Após apresentar essas listagens, Barbosa-Santos (2019) reconhece dois grandes “conjuntos de acepções semânticas”, sendo elas *encontrar* e *descobrir*, alegando haver alguns usos mais fluidos que podem se ligar a ambos. A autora representa essa divisão através da seguinte imagem:

Figura 4 – Conjunto de acepções semânticas *achar*



(BARBOSA-SANTOS, 2019:71)

3.7 O verbo *querer*

Na presente seção, apresentaremos algumas discussões sobre o verbo *querer* que dialogam de alguma forma com a presente pesquisa. Nos baseamos nas publicações de Borba (1991), Sousa (2011) e Ferreira (2018), respectivamente.

Nesta seção serão apresentados alguns usos de *querer* de acordo com o Dicionário Gramatical de Verbos do Português (BORBA, 1991). Constarão os mais comuns e pertinentes para a pesquisa. Segundo o autor, *querer* pode indicar estado ou ação, funcionar como um auxiliar, funcionar como modalizador, entre outros. Os casos que representam estado possuem sujeito experimentador e estão representados a seguir. Quando combinado a um complemento em forma de nome concreto, significando *pretender obter, desejar ter/reter*, como em (47).

(46) Quando casei com Ciana, eu queria muitos filhos. (BORBA,1991:1084)

Ao se combinar com um complemento expresso por nome abstrato, significa *desejar alcançar/ter*.

(47) E você *quer* maior prazer do que ficar na cama? (BORBA,1991:1084)

Quando com um complemento humano, significa *desejar sentimentalmente ou sexualmente*.

(48) Você me *quer*, Rosa, e eu te *quero*. (BORBA,1991:1084)

Quando expresso por dois complementos, sendo um pronome interrogativo ou indefinido e o outro **com** + nome humano, significa *pretender de*.

(49) Seu colega *quer* alguma coisa com você. (BORBA,1991:1085)

No caso de orações negativas, com dois complementos, sendo um pronome indefinido negativo e outro da forma **com** + nome animado ou abstrato significa *(não) desejar relações*.

(50) Não *quer* nada como trabalho? (BORBA,1991:1085)

Sem complemento, significa *ter ou manifestar vontade firme*.

(51) Nas relações passionais não basta *querer*. (BORBA,1991:1085)

Em sua tese de doutorado, Sousa (2011) traça uma evolução semântica do verbo *querer*, desde sua origem latina. De início, temos:

Querer: verbo transitivo – procurar por algo ou alguém, ambicionar possuir alguma coisa, ter a intenção de, desejar, aspirar a, amar, gostar de. Do latim *quaere* por *quaeri*, propriamente, procurar, buscar, por extensão: quem procura alguma coisa ou busca alguma coisa é porque a ambiciona, a deseja para si, ou seja, quer.

“*Quaero*, -is, -ere: verbo transitivo - meio para buscar, procurar, pesquisar ou investigar, encontrar, pedido, pretensão de adquirir, vencer, obter. Em uma derivação de sentido, pode significar: a fim de buscar o dinheiro, relacionado a empresas e a ganhar, a lucro, daí então algo benéfico, rentável; procurar ou fazer lucro. Acrescenta-se: investigar, fazer um inquérito, procurar saber, reclamar, na língua jurídica: demandar, perseguir (SOUSA, 2011:87-88).

Como pode-se perceber, *quaere* precipuamente não se tratava de um verbo volitivo no latim, todavia remetia à ideia de “pretender”, “buscar” ou “perguntar”. Por outro lado, há exemplos do verbo sendo utilizado em contextos nos quais sugere uma projeção de futuridade. Nesse período inicial, Sousa (2011) relata não ter sido encontrado o verbo *quaere* utilizado com V2, apenas como verbo pleno.

Em sua pesquisa, é apresentado o seguinte quadro como proposta do caminho de gramaticalização do verbo *querer*:

Quadro 3 – proposta do caminho de gramaticalização de *querer*

buscar, procurar > introdutor de desejo > introdutor de futuro próximo > introdutor de avaliação/conclusão > marcador discursivo

(SOUSA,2011:90)

Em sequência, a autora apresenta oito significados básicos para *querer*, se baseando nos estudos feitos por Ernout e Meillet (1951), Saraiva (1993), Faria (1967) e Borba (1991) e observando usos que se repetem. Apresentaremos apenas os que se relacionam de alguma maneira com a nossa pesquisa.

Querer 2 é denominado um “introdutor de vontade”, visto que remete à ideia de futuridade, e é encontrado em diferentes fases da língua portuguesa, incluindo a atual. Esse caso é utilizado com substantivos ou orações encaixadas ocupando a posição de complemento.

(52) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (veja entrevista nesta reportagem), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que *queira* evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. (7, texto 4, sec. XXI, Você SA) (SOUSA,2011:93)

Querer 6 trata-se de um marcador de aspecto inceptivo, sugerindo futuro iminente, contudo também não foram encontrados exemplos deste nos corpora utilizados. A autora justifica a ausência de *querer 6* nos corpora trabalhados defendendo ser um uso mais comum à oralidade no período atual.

Todas as significações encontradas acerca do verbo *querer* parecem não explicar ou justificar a construção *se querendo*, estudada no presente trabalho.

Ferreira (2018) faz uma análise do verbo volitivo *querer*, explicando do ponto de vista funcionalista seu processo de gramaticalização e comparando-o a *chegar* e *resolver*. A autora evidencia que cognitivamente é impossível haver uma forma para cada função linguística e, por consequência, acaba-se por atribuir uma forma já existente a uma nova função, o que acarreta em mudanças gramaticais, como a própria gramaticalização. A necessidade comunicativa, sendo externa à língua, é responsável pelos processos cognitivos que atuam nesses processos. Ferreira (2018) enfatiza dois processos cognitivos: a metáfora e a metonímia. Os processos metafóricos, em suas palavras, são “processos de inferência por meio de limites conceituais, e tipicamente referidos em termos de *mapping* ou saltos associativos de um domínio para outro”, operando “como uma transferência de um conceito básico, concreto, para outro mais abstrato” (FERREIRA, 2018:71). Desse modo, primeiramente assimilamos conceitos concretos e em seguida o aplicamos a situações mais abstratas.

Ferreira (2018) defende que *querer* está em processo de gramaticalização, ou seja “os usos de *querer* estão passando de concretos para mais abstratos, pois estão perdendo a concretude semântica de sua característica de volição e passando a adquirir um sentido muitas vezes mais abstrato” (FERREIRA, 2018:72). Quanto à sintaxe, aos poucos o verbo deixa de ocupar a posição de verbo principal e assume a função de verbo auxiliar, perdendo a característica de volição e adquirindo a de aspecto. Nos casos mais prototípicos e concretos do uso de *querer*, este significa “*desejar, julgar, ter vontade*” (FERREIRA, 2018:72), sendo esperado que o sujeito seja ocupado por um argumento [+animado] e [+volição]. Dentre outros exemplos trazidos pela autora, ela compara os dois casos:

(53) “mas eu SOU de lá... eu já *quero* ir me embora pra lá...” (Ωm25-DL)
(FERREIRA, 2018:73)

(54) “ele tá querendo ficar gripado” (CNS1- CE) (FERREIRA, 2018:73)

Enquanto (53) apresenta um uso volitivo, (54) não, “pois ninguém, em sã consciência, desejaria ficar gripado” (FERREIRA, 2018:73), logo, o segundo exemplo representa um uso mais abstrato do verbo.

(55) “a lua ta *querendo* sair...” (CNS-CE). (FERREIRA, 2018:73)

Enquanto em (53) temos um sujeito [+animado] e [+volição], em (54) temos um sujeito apenas [+animado] e em (55) nenhum desses casos. A autora defende que em casos como (54) e (55) o verbo *querer* possui a função de marcar o aspecto inceptivo, expressando o início de uma ação representada pelo verbo que o acompanha – *ficar* no caso de (54) e *sair* no caso de (55).

Quadro 4 – percurso de *querer*

Desejar → ter vontade → julgar → valor iminencial → valor → inceptivo

(FERREIRA, 2018:75)

Para finalizar seu artigo, Ferreira (2018) conclui, parafraseando Bybee, que essas mudanças linguísticas mostram que a “gramática pode ser concebida como a representação cognitiva da experiência de um indivíduo com a língua” (BYBEE, 2005:711 apud FERREIRA, 2018:77).

3.8 *Todo* como intensificador

Nas construções intensivas de atribuição implícita – *Ana tá se achando* e *Marcos tá se sentindo* –, é muito comum encontrar o pronome *todo* cumprindo a função de intensificador sobre o *slot* SE + ACHANDO/SENTINDO, de maneira que julgamos necessário abordá-lo

nesta revisão, ainda que ele não seja parte da construção em si. *Todo*, ao funcionar como um intensificador, demonstra possuir algumas particularidades se comparado a outros intensificadores, como veremos a seguir.

O pronome *todo* é prototipicamente utilizado para quantificar um nome, entretanto, percebe-se que muitas vezes esta palavra é utilizada como intensificador, indicando se encontrar em processo de gramaticalização. Nesta seção traremos algumas reflexões sobre o tema de acordo com os autores Oliveira (2003) e Hummel (2017).

Em seu trabalho *O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB*, Oliveira (2003) trata sobre como o pronome “todo” é amplamente utilizado também como intensificador no Português Brasileiro, além de sua típica função pronominal. O artigo inclui uma reflexão sobre o uso de *todo* em sentenças com sintagma definido singular no PB de grande utilidade para compreendermos usos como *Ela tá toda se querendo*. Segundo a autora, *todo* pode ser utilizado como um determinante ou como um advérbio, em ambos os casos agindo como um quantificador, embora de diferentes espécies – no primeiro caso, como um quantificador-D e no segundo como um quantificador-A, que é o que nos interessa. Nesse âmbito, ela compara duas instâncias de uso:

(56) O menino todo tá machucado. (OLIVEIRA, 2003: 199)

(57) O menino tá todo triste. (OLIVEIRA, 2003: 199)

Em (56), *todo* é um advérbio flutuante, de maneira que ambas as seguintes formas podem produzir o mesmo sentido expresso em (56):

(58) Todo o menino tá machucado.

(59) O menino tá todo machucado.

A interpretação para isso seria a de que todas as partes do menino estão machucadas. O uso do artigo definido indica que se trata de um indivíduo particular e nesse caso esse indivíduo, *o menino*, é compreendido como um reticulado, de modo que o quantificador *todo* relaciona o conjunto de partes do indivíduo ao conjunto *machucado*, indicado pelo predicado. Contudo, essa lógica não pode ser aplicada a (57), visto que não é possível dizer que todas as partes do menino estão tristes, justamente porque *estar triste* não é algo que pode ser aplicado

a partes de um indivíduo, e sim ao estado de um ser. Sendo assim, depreende-se que esse uso trata-se de uma metáfora semântico-cognitiva e apenas pode se referir a um estado psicológico de intensa tristeza. Nesse caso, *todo* não está atuando no sintagma nominal, mas se aproximando mais de um uso adverbial, de maneira que serve de exemplo de uma quantificação-A. Tal tipo de quantificação não atua no sintagma nominal, mas no sintagma verbal, marcando sua intensidade.

Na visão da autora, para interpretar sentenças como (57) é preciso que estabeleçamos um conjunto seccionado de graus de intensidade e situemos o conjunto denotado pelo sintagma nominal na seção de máximo grau de intensidade.

Ademais, ainda que de acordo com a gramática tradicional (BECHARA, 2019) os advérbios não concordam nem em gênero nem em número com seu referente, o *todo* adverbial foge a essa regra, como no tuíte abaixo:

(60) Ludmilla toda fofa vendo o vídeo Brumilla com a canção "Garota Nota 100" em sua voz (retirado do X)

Nesse exemplo, *toda* intensifica o adjetivo *fofa* e concorda em gênero e número com seu referente.

CEZARIO; OLIVEIRA. (2017) traz um capítulo escrito por Hummel (2017) que trata justamente da variação de certos advérbios, principalmente os de intensidade, no PB. Ele compara, em seu estudo, os usos de *bastante*, *muito*, *meio* e *todo* como modificadores de adjetivos e advérbios e afirma que a preferência por uma variante que não faz concordância é fruto da norma linguística prescritiva da função adverbial. De acordo com o autor, na língua portuguesa há uma tendência de se reduzir a flexão, como pode ser observado nas flexões verbais e em casos de concordância nominal onde apenas se flexiona o determinante. Em seu texto, é apresentado que os modificadores *bastante* e *muito* não costumam variar, não sendo por falta de contexto propício à flexão. Já *meio* varia em diversos casos encontrados, sempre no feminino e muito raramente no plural. Por sua vez, *todo* é apresentado como um quantificador diferente dos outros três mencionados por ser polifuncional, funcionando como modificador e determinante, na possibilidade de ser um substantivo, como em (61), um adjetivo, como em (62), ou um advérbio, como em (63), todos exemplos retirados da rede X.

(61) Vc é um grande mau caráter. Quer CALAR aqueles que pensam diferentes de vc. Vc não sabe e não pode colocar a força oq vc ACHA que é melhor para o todo. (retirado do X)

(62) estalei uma heineken, já arrumei a casa toda, agora tô fazendo o almoço que jhennifer pediu, ela só vem aqui em casa pra perturbar! (retirado do X)

(63) câmera toda suja que pesadelo (retirado do X)

No corpus utilizado por Hummel (2017), *corpus* oral do grupo Discurso e Gramática, apenas 11% dos casos encontrados são referentes ao uso do *todo* como modificador de adjetivo, estando seu uso adverbial repartido igualmente entre as flexões referentes ao masculino-neutro e ao feminino, o que comprova que o *todo* advérbio diferencia de *muito* e *bastante* no quesito flexão de gênero. Já em relação à flexão de número, o autor não encontra casos no masculino-neutro plural, mas encontra dois no feminino plural. Em seguida, ele compara o sentido do *todo* adverbial com o sentido de advérbios como *completamente* e *totalmente*, acreditando que “O fato de existir um pronome de natureza substantiva no singular [tudo], mas não no plural, parece ser pertinente para explicar a maior facilidade de usar *todo* e *toda* como modificador adverbial” (HUMMEL et al, 2017:129). Para exemplificar a ideia, o autor traz as seguintes ocorrências:

(64) Luiz Carlos veio para nosso grupo e ficou dançando conosco todo alegre e à vontade. (Yuri, RJ, escrito) (HUMMEL et al, 2017:128)

O autor defende que *todo* em “*todo alegre*” é interpretado como um advérbio modificador de “*alegre*”, ao passo que em exemplos como (65) a ambiguidade se faz presente:

(65) eles entraram ... todo mundo olhando assim pra ela ... porque era uma coisa super diferente ... o povo todo alinhado e ela com casaco daquele jeito assim ... todo por fora ... sabe? aí foram pro apartamento ... chegando lá ... tudo muito chique né? (Rosemeire, Natal, oral) (HUMMEL et al, 2017:129)

Todo pode tanto ser um pronome se referindo a “povo” como um advérbio modificador de “alinhado”. O mesmo ocorre em (66) – A casa estaria arrumadinha por completo, muito arrumadinha ou ambos?

(66) a casa está ((riso)) toda arrumadinha (André, RJ, oral) (HUMMEL et al, 2017:129)

Por fim, Hummel (2017) afirma que existe um possível caminho de gramaticalização “todas (pronome) > todas (advérbio)”, que no momento ainda está na fase da ambiguidade.

No tocante ao nosso objeto de estudo, percebemos que a concordância entre *todo* e seu referente é amplamente feita, tanto em gênero como em número:

(67) Ontem proporcionei pulseira de ara vip pros besties ficaram todos se querendo, cmg e assim, dou um biscoito uma coisa (retirado do X)

(68) Mel e Amora não podem ver um colo e um ventilador que já vem todas se querendo até a gnt dar denço (retirado do X)

(69) é uma brechinha que a vagabunda ja fica toda se querendo kkkkkk ratinha (retirado do X)

O trecho *ja fica toda se querendo*, em (69), poderia sem problemas ser intercambiado para “fica se querendo *muito*”, mas não nos outros casos. Por outro lado, devido a questões semânticas, é possível deslocar o pronome-advérbio em (67) e (68) com pouquíssima alteração de sentido, mas não em (69), como apresentado em (70), (71).

(70) Ontem proporcionei pulseira de ara vip pros besties, todos ficaram se querendo, cmg e assim, dou um biscoito uma coisa

(71) ?é uma brechinha que a vagabunda ja toda fica se querendo kkkkkk ratinha

No exemplo (70) *todos* está em posição de sujeito, enquanto em (67) *todos* permite uma leitura na qual o pronome-advérbio reforça a totalidade do grupo *os besties* por se encontrar antes do verbo, posição prototípica do sujeito na LP, tratando-se então de um

contexto de ambiguidade em que *todos* pode ser interpretado como intensificador ou como sujeito, devido à sua posição na oração. Já em (71) o sujeito é um único ser – *a vagabunda* –, de maneira que o uso de *toda* em posição tipicamente de sujeito não é comum. Diante disso, cabe dizer que o lugar no qual *todos* se encontra na oração é capaz de influenciar no sentido expresso por ele, o que pode ser um indício de que seu uso como advérbio não está consolidado, mas ainda em processo de gramaticalização. A partir disso, podemos compreender que a gramaticalização de *todo* ocorre apenas quando este está imediatamente antes do elemento por ele modificado, casos em que ele funciona como intensificador, não estando imediatamente antes desse elemento, *todo* tende a ser interpretado como pronome.

Além do mencionado, em (67) e (68) a ambiguidade pronome-advérbio é mais nítida devido ao fato de os exemplos estarem no plural, *todos* os indivíduos de um grupo podem estar *se querendo*, mas não é coerente dizer que *todas* as partes de um único indivíduo estão *se querendo*, como seria se (7571 fosse um padrão de fala real e regularmente utilizado no PB. Essa aparente confusão de compreender *todo* como pronome ou advérbio comprova a existência da ambiguidade apresentada por Hummel, porém o autor entende que *todo* como modificador de adjetivo ou advérbio ocorre apenas no singular, o que não é corroborado pela análise do nosso objeto de estudo, uma vez que (67) e (69) não possuem sentidos completamente idênticos a (70) e (71), respectivamente, apesar de bastante semelhantes. Ele afirma que

A adverbialização de *todo* como modificador de um adjetivo, advérbio ou adverbial somente se observa no singular, com plena concordância: *um garoto todo bonito, uma garota toda bonita*. Do ponto de vista genético, a conservação da flexão sistemática é muito provavelmente uma consequência do uso como adjetivo: *o garoto todo, a garota toda*. A ambiguidade nasce na medida em que se introduz um adjetivo ou advérbio, sobretudo quando aumenta a distância sintática ou prosódica: *uma garota toda bonita, uma garota ... toda bonita, uma garota que chegou toda bonita*. A possibilidade de reinterpretação é observada claramente no plural, pelo menos no feminino, só que este caminho de gramaticalização é pouco explorado, sem falar do fato de ele nunca causar ambiguidade. Confirmamos, assim, o que foi dito no início: *Todo* é uma palavra fortemente vinculada a funções nominais, tanto superordenadas (pronome) como subordinadas (determinante, adjetivo). A extensão para funções adverbiais é dominada pela orientação nominal. Este fato distingue *todo* dos quantificadores *bastante, meio e muito*. (HUMMEL et al, 2017:133)

Discordamos, entretanto, no posicionamento do autor no tocante ao plural não causar ambiguidade, pois *todo* nos exemplos apresentados parece efetivamente intensificar o estado do sujeito de estar *se querendo* e não ser um mero pronome, caso contrário, não seria possível dizer que as construções apresentadas em (67), (68) e (69) pertencem ao mesmo esquema.

Ao fim de seu texto, ele comenta sobre a concordância adverbial, afirmando que essa acontece quando um adjetivo ou outro modificador de substantivo, com quantificadores ou determinantes – a exemplo *todo* – desenvolve uma polifuncionalidade e passa a abranger funções que estão fora do âmbito adjetival, explicando que

Neste sentido, a chamada concordância adverbial (Ledgeway, 2011) ou flexão adverbial (Hummel, 2015) é, no fundo, uma concordância nominal, ou uma extensão dela. Dito de outra forma, a concordância marca a persistência da uma temática dada por um substantivo. (HUMMEL et al, 2017:133)

Apesar de na conclusão de seu estudo Hummel dizer que o uso dos advérbios no PB tende à inviabilidade quando a modificação refere-se exclusivamente, ou quase, ao verbo, o autor afirma que há uma persistência no vínculo nominal que é mais forte em relação a *todo*, termo fortemente integrado nas funções nominais, do que com advérbios de intensidade como *muito*, cuja predominância é o masculino-neutro.

3.9 O clítico *se*

No artigo *A rede gramatical das construções com se no português brasileiro* (GODOY; PINHEIRO, 2023), são reconhecidas seis categorias de *se* no PB, sendo elas: recíproca, reflexiva, média dinâmica, média cognitiva, média incoativa e impessoal (GODOY; PINHEIRO, 2023). Essas categorias são divididas em três domínios que representam construções de distintas naturezas, i) o domínio das construções reflexivas e recíprocas, tendo como traço característico a correferencialidade, ii) o domínio das médias, marcado pelo conteúdo dos papéis dos participantes nas subconstruções, e iii) o domínio das construções impessoais, marcado pela impessoalidade, partindo dos pressupostos da LFCU, nos quais “duas construções que compartilham formas semelhantes também compartilham significados semelhantes” (GODOY; PINHEIRO, 2023:129), a seguir o “Princípio da Motivação Maximizada” proposta por Goldberg (1995), o que leva *se* a ser polissêmico.

É de grande importância comentarmos sobre a construção de estrutura argumental, postulada por Goldberg como uma subclasse de construções que fornece o significado básico de cláusulas na língua (GOLDBERG, 1995). Nesse sentido, Godoy afirma que os papéis participantes do verbo *se* diferem dos papéis dos argumentos de uma construção (GODOY, 2009a:129), sendo a integração entre eles feita pelo “Princípio da Coerência”, “que estabelece que deve haver uma compatibilidade semântica entre eles. É possível que a construção de

estrutura argumental contenha um número diferente de argumentos (*slots*) em relação aos argumentos do verbo, para mais ou para menos” (GODOY, 2009a:129). A análise das seis categorias semânticas propostas para o clítico *se* permitiu a postulação da existência de padrões construcionais mais abstratos.

Godoy (2009a) defende que *se* é um clítico não-pronominal, uma vez que não tem status argumental na sentença, assumindo portanto que este trata-se de um afixo marcador de redução valencial, ou seja, um clítico que tem por função alterar a estrutura argumental do verbo, indicando uma “redução de um lugar na transitividade básica de um verbo” (GODOY, 2009a), ideia corroborada por Ilari (1996, apud CAMACHO, 2003) e por CAMACHO (2003). Em casos como *João ama a si próprio* e *João ama ele mesmo*, por exemplo, o sentido reflexivo ocorre de forma composicional, combinando o verbo a seus argumentos e as expressões anafóricas *si próprio* e *ele mesmo*, enquanto em *João se ama* o sentido permanece composicional, mas devido à valência do verbo, reduzida pelo afixo *se*, à sua grade temática e o sentido do afixo *se*, além do argumento (GODOY, 2009a:2610). A autora observa que em todas as construções com *se* o verbo se mostra com o número de argumentos reduzido, apesar de acreditar que ele também possua sentido próprio.

(...) podemos pensar que há uma única operação (cujo nome devemos ainda propor), que anexa o afixo *se* a um verbo, reduzindo a sua valência e alterando o seu sentido. Essa operação pode ser encarada como uma derivação, por suas características: mudança de classe e alteração de sentido. Apesar de não alterar a classe de palavras, pois deriva um verbo de outro, a redução de valência vai alocar o verbo em uma outra classe de transitividade (GODOY, 2009a: 2611).

Posto que se classificam como “médias” todas as construções com sujeitos que são afetados, as que mais nos importam são a reflexiva e a média cognitiva, uma vez que a primeira abrange o caso do *se* na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – e a segunda consiste no caso do *se* na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* .

No caso da construção média-cognitiva, o *se* é anafórico, mas não é referencial nem argumental. Para os autores,

A função do sujeito aqui é a de um experienciador que também é afetado pela eventualidade. A construção ocorre com verbos psicológicos, perceptuais e de emoção (as eventualidades ocorridas em um espaço mental foram reunidas sob o

termo “cognitivas”). Para ser um experienciador, o argumento tem de ser animado (na maioria dos casos, humano), contudo, não se trata de um agente. (GODOY e PINHEIRO, 2023:141)

Casos como *eles se sentem seguros ali, você se decepcionou e eu me inspirei nessa história* são todos classificados pela autora como construções médias cognitivas (GODOY, 2009a :140).

A reflexiva, diferentemente das outras categorias, é compreendida como possuindo um significado reflexivo. Para testar uma construção reflexiva, os autores afirmam verificar se os verbos dos dados “compõem com tais construções outras sentenças cujo significado é similarmente reflexivo” (GODOY e PINHEIRO, 2023:134), além de ser possível “fazer uma pergunta” ao verbo, a partir de uma inferência.

(72) Eu me aceitei.

(73) Carla está se sentindo o máximo.

(74) Pedro está se achando o máximo.

Em (72), por exemplo, pode-se perguntar: *Eu aceitei a mim mesma?* Contudo, o mesmo não pode ocorrer com (73), pois não é possível se perguntar **Carla está sentindo a si própria o máximo?*. Por outro lado, quanto a (74), é possível se perguntar: *Pedro está achando a si mesmo o máximo?* Devido a isso, trataremos a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] como reflexiva e a [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} SENTINDO QUALIF] como média cognitiva.

Ademais, CAMACHO (2003) classifica o clítico *se* reflexivo como anafórico e correferencial, enquanto o médio é apenas anafórico. Porém, tanto o evento reflexivo quanto o médio evocam dois participantes e dois papéis semânticos separados e nos dois casos esses dois papéis “se convergem para uma única entidade referencial” (CAMACHO, 2003:110). Uma diferença crucial abordada pelo autor consiste na compreensão de que no evento reflexivo o Iniciador atua sobre si próprio de maneira análoga a como atuaria sobre uma entidade distinta, sendo papel do clítico *se* marcar que há diferentes papéis exercidos pelo mesmo participante – por isso o valor anafórico e correferencial –, sua função prototípica é marcar correferencialidade; por sua vez, quanto ao médio cognitivo, ele também indica que os

papéis semânticos de Iniciador e de Ponto de Chegada “referem-se a uma entidade holística, destituída desses aspectos parciais e conceitualmente diferenciados” (KEMMER, 1994:207 apud CAMACHO, 2003:110)..

Comparando a média cognitiva com as média dinâmica e média incoativa, também nos deparamos com consideráveis distinções. A média dinâmica descreve situações agentivas que não são reflexivas, visto que há apenas uma função denotada pelo participante representado pelo sujeito na dada eventualidade – o sujeito inicia uma situação e é afetado por esse movimento no exato momento em que ela se inicia, sendo algo que ocorre concomitantemente.

(75) Marcelo se jogou na piscina.

O exemplo (75) trata-se de uma construção média dinâmica, posto que a ação partiu de *Marcelo*, que *Marcelo* se move e que *Marcelo* passa a ser afetado por ela, se movimentando, no exato momento em que ela se inicia.

Há duas características, dentre outras, que diferem a média dinâmica e a reflexiva. A primeira consiste no fato de que na reflexiva o participante denotado pelo sujeito sofre a ação em que ele próprio é agente, enquanto na média dinâmica esse participante não sofre uma ação, apenas é afetado por ela. A segunda é que na média dinâmica o participante representado pelo sujeito sintático é afetado concomitantemente ao início da ação, são coisas que ocorrem de forma simultânea, enquanto na construção reflexiva o participante pode ser afetado – nesse caso sendo necessariamente agente e paciente de uma ação – com uma consequência posterior.

Dentre as médias, mencionaremos, por fim, a incoativa. A construção média incoativa expressa mudança e afetação, como em (76) e (77).

(76) Ele se acidentou com um prego. (GODOY, 2009a:141)

(77) ela se tornou adulta. (GODOY, 2009a:141).

Nesses exemplos, há uma mudança de estado por parte do indivíduo denotado pelo sujeito, que não é agente da ação, mas é paciente.

Segundo CAMACHO (2003), na Língua Portuguesa a voz média pode ser distinguida da voz ativa através da morfologia verbal através do uso do clítico *se* no primeiro caso (CAMACHO, 2003:93), reforçando a fala de Câmara Jr

“que chama *medial* corresponde morfossintaticamente a uma construção em que à forma do verbo na voz ativa se acrescenta um pronome adverbial átono, referente à pessoa do sujeito, e a função semântica que veicula é a de uma integração no estado de coisas que dele parte.” (Câmara Jr, 1972 apud CAMACHO 2003:93)

O autor comenta ainda que por compartilharem a mesma morfologia, as construções médias e reflexivas podem ser potencialmente ambíguas.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os objetivos geral e específicos da pesquisa, bem como as hipóteses a eles relacionadas.

Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é, de um lado, descrever as propriedades da construção anafórica de atribuição explícita, da construção intensiva de atribuição implícita e da construção intensiva de atribuição transitiva, e, de outro, descrever a relação que tais construções possuem entre si, incluindo as relações de herança.

A esse objetivo, assumimos a hipótese geral de que a construção [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, ao ter seu *slot* QUALIF frequentemente ocupado por um qualificador que atribui uma qualidade altamente positiva motiva dadas propriedades de uma outra construção. Essa nova construção é uma construção intensiva de atribuição implícita – [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE ACHANDO], como se vê em *Ana está se achando* –, a qual incorpora, em sua própria semântica, características dos qualificadores tipicamente presentes na construção dominante. Entendemos que essa relação de herança se conforma à definição de link de subparte apresentada por Goldberg (1995).

A construção intensiva de atribuição implícita descrita anteriormente – [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE ACHANDO] – por sua vez, motiva determinadas propriedades de uma terceira construção, denominada construção intensiva de atribuição transitiva, que seleciona um verbo transitivo – *querer* – no gerúndio – *querendo* – para atribuir valor superestimado ao sujeito.

Objetivos Específicos

Para chegar ao objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- (a) Explicar os usos das construções [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF], [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF], [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE ACHANDO] e [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE SENTINDO] e [SUJ_{EXP}(V_{FIN}) SE QUERENDO] em termos semântico-pragmáticos.

- (b) Descrever as construções [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF], [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF], [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] em termos formais.
- (c) Descrever as construções [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF], [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF], [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] em termos dos links estabelecidos entre elas no constructicon.

Ainda:

- (d) Verificar se [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] são mais utilizadas por falantes do gênero feminino ou do gênero masculino. Hipotetiza-se que essas construções sejam utilizadas em quantidades semelhantes por falantes de ambos os gêneros.
- (e) Verificar se [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] são mais utilizadas para se referir a homens ou a mulheres. Hipotetiza-se que essas construções sejam utilizadas para se referir a mulheres na maioria das vezes.
- (f) Verificar se [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] são utilizadas, na maioria dos casos, para se referir a pessoas do mesmo gênero ou do gênero oposto, considerando o critério *simetria*. Hipotetiza-se que essas construções sejam majoritariamente simétricas nos casos em que o falante é do gênero feminino e majoritariamente assimétricas nos casos em que o falante é do gênero masculino.
- (g) Verificar se [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] se associam a atos de fala polidos ou impolidos. Hipotetiza-se que a construção com *se achando* se associa mais com atos de fala impolidos do que a construção com *se sentindo*.
- (h) Verificar se [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] se combinam mais com qualificadores positivos ou negativos. Hipotetiza-se que a construção com *se achando* se combina mais com qualificadores positivos do que a construção com *se sentindo*.
- (i) Verificar se [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] se combinam mais com qualificadores (+) intensivos ou (-)

intensivos. Hipotetiza-se que a construção com *se achando* se combina mais com qualificadores (+) intensivos do que a construção com *se sentindo*.

Para dar conta desses objetivos, foram coletados dados da rede *X*, antigo *Twitter*, que foi escolhida por ser amplamente utilizada na atualidade, possibilitando-nos analisar as construções estudadas em diferentes situações e a partir da produção de uma grande variedade de falantes. Tendo sido projetada para que seus usuários façam contínuas publicações de no máximo 280 caracteres ao longo do dia, com base na pergunta “O que está acontecendo?”, que consta no espaço disponível para a digitação das postagens, este se mostrou um contexto conveniente para que sejam feitos comentários e críticas relativos ao dia a dia, desabafos, avaliações, julgamentos e pensamentos espontâneos, favorecendo o uso da linguagem informal. Desse modo, o *X* se mostrou uma rede social que enriqueceria a presente pesquisa mais do que as outras redes.

Para a coleta de dados, foi utilizado o *Netlytic* (<https://netlytic.org/home/>), ferramenta de análise de textos produzidos em redes sociais, capaz de capturar postagens públicas em diferentes sites. Voltado especificamente para pesquisadores, sua finalidade é facilitar o estudo da linguagem produzida no ambiente virtual.

Inicialmente, foi solicitada uma chave API (*Application Programming Service*, traduzido como Interface de Programação de Aplicação) do *X*, mecanismo que possibilita dois softwares distintos trocarem informações. Uma vez obtida a chave API do *X*, esta foi registrada no *Netlytic*, que a partir de então funciona como uma plataforma de busca de posts públicos do *X*, capturando todos os tuítes publicados nos últimos sete dias produzidos por perfis abertos que contenham as palavras pesquisadas, sendo possível que o usuário opte para que as palavras buscadas estejam em sequência ou não. A ferramenta fornece a possibilidade do pesquisador se utilizar de diferentes filtros de busca, como selecionar apenas tuítes de uma determinada língua, ou postagens que tenham sido publicadas num perfil registrado em dado local – com a possibilidade de filtrar latitude e longitude exatas –, se o resultado deve incluir retuítes (compartilhamento de um tuíte no próprio *X*), respostas a outros tuítes, tuítes que contenham links, vídeos ou imagens, entre outros.

Para a produção deste trabalho, apenas o filtro que nos permite excluir os retuítes do resultado da busca foi o aplicado, pois assim o mesmo dado não surgiria mais de uma vez dentre os resultados, caso contrário, nossa análise quantitativa seria comprometida, pois o mesmo dado poderia ser importado inúmeras vezes como resultado de uma mesma busca, já que cada retuíte constaria como um novo tuíte. Três buscas foram feitas: a primeira tendo a

construção *se querendo* como palavras-chave, outra com *se sentindo* e a terceira com *se achando*.

Nós reconhecemos a existência dessas construções em outras pessoas gramaticais, como *me querendo*, *te querendo* ou *nos querendo*, entretanto, as duas últimas são muito menos frequentes, seja por variação diatópica ou diafásica, enquanto a primeira, apesar de ser frequente, requeria uma análise mais longa e específica, dado o nível de especificidade considerado nesta pesquisa, de maneira que optamos por nos restringir à terceira pessoa gramatical do singular.

Os resultados são primeiramente apresentados numa página própria do site *Netlytic*, juntamente ao tuíte constam o link da postagem, a cidade de onde o conteúdo foi publicado (quando informada pelo usuário), se foi feito por um aplicativo de celular ou pelo site, a quantidade de curtidas, a quantidade de retuítes, a quantidade de seguidores do autor do tuíte, a biografia registrada pelo usuário autor do tuíte (caso possua), a data de publicação, o número de identificação do usuário e outras informações. É possível fazer o download de todas as informações adquiridas diretamente do *Netlytic* em formato *xlsx* ou *csv*. Nós utilizamos o formato *xlsx*, que nos possibilita abrir o arquivo diretamente no Excel. Posteriormente, foi criada uma planilha editável para que fosse possível personalizar os critérios utilizados com o intuito de facilitar o estudo. Desse modo, eliminamos aqueles que não seriam averiguados, como local de publicação, quantidade de retuítes, quantidade de seguidores do usuário autor e outros, além de termos acrescentado alguns que serão explanados mais adiante.

Vale mencionar que o nome de usuário original dos autores dos tuítes apresentados neste trabalho foram preservados por questões éticas, em seu lugar constarão letras do alfabeto latino em caixa alta e sequência arbitrária (ex: @AAAAAA, @BFLJCK), com o propósito de preservar suas identidades e as dos demais autores que participam da conversa em torno do tuíte constante em nossa planilha.

Antes de especificar como foi feita a busca, é importante dizer o que foi considerado um “dado válido”. Ao buscarmos *se querendo* na rede *X*, por exemplo, como resposta da busca aparecem inúmeros resultados, inclusive dados com *se querendo* que não se referem à construção estudada. No exemplo *Ana e João estão se querendo*, *se querendo* não se trata do nosso objeto de estudo, uma vez que casos assim geralmente expressam que *Ana* e *João* desejam um ao outro e não que cada um deseja a si próprio, nesse caso o objeto do desejo está explicitado e não gera estranhamento, visto que *Ana* e *João* são pessoas distintas; em contrapartida, em *Joana está se querendo*, o sujeito supostamente desejaria a si próprio (numa

leitura composicional), causando estranhamento. Casos como *Ana e João estão se querendo* foram considerados inválidos, enquanto casos como *Joana está se querendo* foram considerados válidos. A mesma lógica foi aplicada às buscas com *se achando* e *se sentindo*, de modo que apenas as ocorrências que condizem com o nosso objeto de estudo foram consideradas como válidas.

As buscas através *Netlytic* foram feitas considerando o período de 16 de junho de 2022 a 01 de julho de 2022. A partir disso, foram analisados os primeiros 200 dados válidos da busca de *se achando*, sendo 116 casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – e 84 casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, e os 200 primeiros dados válidos da busca de *se sentindo*, sendo 190 casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo triste*, e 10 casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* –, totalizando 306 dados da construção anafórica de atribuição explícita e 94 dados da construção intensiva de atribuição implícita.

Por fim, foram analisados 168 dados válidos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo*.

Os dados foram analisados a partir dos seguintes fatores de análise: (a) gênero do falante; (b) gênero do sujeito; (c) simetria; (d) ato de fala polido ou impolido; (e) qualificador positivo ou negativo; (f) qualificadores mais ou menos intensivo. Nos casos em que o fator não pôde ser aplicado ao dado, a célula foi preenchida com *na* (não se aplica).

(a) *Gênero do falante* diz respeito ao gênero do autor do tuíte. Essa informação foi averiguada através de uma avaliação feita no perfil do usuário: se o falante se refere a si mesmo no feminino ou no masculino em sua bio ou em seus tuítes, ou como outros falantes se referem a ele. Não foi possível obter essa informação acerca de todos os casos. Esse critério foi inserido como uma tentativa de investigar se a construção é mais utilizada por homens ou por mulheres.

(b) *Gênero do sujeito* se trata do gênero da pessoa a quem o autor do tuíte se refere. Em *se achando a dona da razão como smp kkk*, pode-se perceber que o falante refere-se a alguém do gênero feminino por conta da flexão de gênero em *dona*. Nos casos em que não foi possível captar o gênero do referente através da forma na qual o falante refere-se a ele, buscamos analisar as

postagens de outros tuítes relacionados à conversa à qual o tuíte do nosso corpus se estendia, passível de ser acessada através do link do tuíte disponibilizado pelo *Netlytic*. Não foi possível obter essa informação acerca de todos os dados. Tal critério nos permite investigar se a construção estudada é utilizada para se referir mais vezes a homens ou a mulheres.

- (c) *Simetria*: refere-se ao fato de o falante e o sujeito serem do mesmo gênero – ambos do gênero feminino ou ambos do gênero masculino – ou não – um falante do gênero feminino se referindo a um sujeito do gênero masculino, ou um falante do gênero masculino se referindo a um sujeito do gênero feminino. Esse critério foi inserido combinando os fatores *gênero do falante e referente*, com a finalidade de observar não só se, no geral, a maior parte dos sujeitos dessa construção são homens ou mulheres, mas também quem tende a utilizá-la com maior frequência, além de se as mulheres tendem a ser mais julgadas por homens ou por outras mulheres, se os homens tendem a ser mais avaliados por mulheres ou por outros homens, qual deles mais avalia e qual deles é o mais avaliado.
- (d) *Ato de fala polido ou impolido*: refere-se ao fato de a construção ter sido utilizada pelo falante no intuito de criticar ou não a pessoa a quem se refere, sendo a coluna preenchida com *impolido*, nos casos em que a construção analisada era utilizada com alguma conotação negativa, ou com *polido*, nos casos em que a construção não era utilizada com esse intuito.
- (e) *Qualificador positivo ou negativo*: refere-se ao fato de o qualificador atribuir uma qualidade positiva ou negativa ao sujeito. Enquanto em *Minha mãe falando que tá se sentindo sozinha* é atribuída uma característica negativa ao sujeito, *sozinha*, em *meu pai tá se achando inteligente* temos *inteligente* como qualificador, palavra que atribui uma característica positiva. Apenas se aplica aos casos com qualificador. Tal critério colabora para que descubramos se cada uma dessas construções tendem a se combinar mais com palavras que atribuem qualidade positiva ou com as que atribuem qualidade negativa, e para que possamos apurar se existe um padrão geral.

- (f) *Qualificador mais ou menos intensivo*: foi preenchido com (+) intensivo ou (-) intensivo, referindo-se ao grau de intensividade expresso pelo qualificador da construção. Numa escala de intensividade, os (+) intensivos ocupam as extremidades, enquanto os (-) intensivos não, dado isso, os qualificadores (+) intensivos comumente representam algo exagerado. Em *Essa marra q ele fica nos clubes , se achando o melhor técnico do mundo, o melhor técnico do mundo* é (+) intensivo, pois não se trata apenas de um *bom* técnico, mas de *o melhor do mundo* – expressão que, numa escala de intensividade, ocupa um extremo. Já o qualificador *leve*, em *ele tava se sentindo leve* é (-) intensivo – visto que não possui nenhum intensificador e não é uma palavra intensiva, numa escala de intensividade, *leve* não ocuparia nenhum extremo.

Após a análise qualitativa dos dados, foram feitas as análises quantitativas, de forma a constatar como se distribuem os fatores analisados nas construções selecionadas para estudo. Nesse sentido, foram realizadas análises de frequência simples, bem como análise de regressão logística binomial. A análise de frequência simples foi realizada através de ferramenta de estatística do *google planilhas* e a regressão logística foi realizada no *software R*, a partir da sua interface *R Studio*.

A análise quantitativa foi feita em três etapas: primeiramente, foram analisadas comparativamente as construções anafóricas de atribuição explícita em relação a todos os fatores apresentados anteriormente. A partir daí, aqueles fatores que se mostraram mais significativos para diferenciar as construções foram submetidos a uma regressão logística binomial, com o intuito de verificar se um dado fator aumenta ou diminui as chances de termos como resultado a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo triste*.

Em uma segunda etapa, foi feita a análise qualitativa das construções intensivas de atribuição implícita, de forma a demonstrar a relação de herança e os links existentes entre elas e a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF]. Para tanto, foi realizada análise de frequência simples para as construções intensivas de atribuição implícita, considerando o fator *ato de fala polido ou impolido*.

Na terceira e última etapa, foi feita uma análise qualitativa da construção intensiva de atribuição transitiva [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* –, na qual se

buscou argumentar a favor da relação de motivação por analogia entre essa construção e a construção intensiva de atribuição implícita.

Dados os esclarecimentos acerca de cada etapa da metodologia utilizada na presente pesquisa, na próxima seção constam o desenvolvimento e os resultados da análise de dados.

5. ANÁLISE DE DADOS

Na presente seção se encontra a análise dos dados que compõem o corpus montado para esta pesquisa, analisamos tanto em termos qualitativos como em quantitativos. Após a apreciação inicial dos dados, abordaremos as construções anafóricas de atribuição explícita, em seguida as construções intensivas de atribuição implícita e, por fim, a construção intensiva de atribuição transitiva. As subseções estão divididas por construção e nelas haverá ainda uma comparação entre essas construções. Na subseção 5.5, descrevemos como elas estão relacionadas na rede construcional.

5.1 Apreciação inicial dos dados coletados

O nosso corpus de *se achando* com 200 tuítes nos apresenta o seguinte:

Tabela 1 – Presença de QUALIF para *se achando*

[SUJ _{EXP} (V _{FIN}) SE _{REF} ACHANDO QUALIF]	58% (116)
[SUJ _{EXP} (V _{FIN}) SE ACHANDO]	42% (84)
Total	100% (200)

Em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – como em *Pedro tá se achando o máximo* – há um qualificador explícito, enquanto em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – como em *Ana tá se achando* – o qualificador é dispensado, como será melhor explicado na seção 5.3.1.

Como apresentado na tabela 1, percebe-se que, apesar de a maioria dos dados possuírem qualificador, não há grande discrepância entre essas quantidades, mas um equilíbrio relativo.

Quanto a *se sentindo*, nosso corpus nos apresenta o seguinte:

Tabela 2 – Presença de QUALIF para *se sentindo*

[SUJ _{EXP} (V _{FIN}) SE _{MED-COG} SENTINDO QUALIF]	95% (190)
--------------------------------------------------------------------------------	-----------

[SUJ _{EXP} (V _{FIN}) SE SENTINDO]	5% (10)
Total	100% (200)

Nosso corpus com os 200 primeiros dados coletados de *se sentindo* nos mostra que 190 são casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, no qual o qualificador está explícito, enquanto apenas 10 compõem casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – nos quais o qualificador é dispensado. Tais resultados nos mostram que a construção intensiva de atribuição implícita ocorre com mais frequência com o verbo *achar* do que com o verbo *sentir*, de forma que [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] é mais frequente que [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO].

Nas seções a seguir, 5.2 e 5.3, descreveremos as características formais e semântico-pragmáticas das construções anafóricas de atribuição explícita – tais quais *Pedro está se achando o máximo* e *Maria está se sentindo estranha* –, e os mesmos aspectos das construções intensivas de atribuição implícita – como *Ana está se achando* e *Marcos está se sentindo* –, respectivamente.

5.2 Construções anafóricas de atribuição explícita

Chamaremos de construções anafóricas de atribuição explícita a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – e a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, dado que o clítico *se* de ambas as construções são anafóricos. Além disso, ambas atribuem explicitamente uma característica, expressa através do qualificador, ao sujeito experienciador.

5.2.1 Construção reflexiva de atribuição explícita

Nomeamos construção reflexiva de atribuição explícita a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, visto que tratamos o clítico *se* como um clítico reflexivo, pois reconhecemos que ele é tanto anafórico como correferencial ao sujeito, além de que assim como *Pedro* pode achar *a si mesmo* o máximo, ele pode achar *João o máximo*, o que nos mostra que um desses papéis poderia ser cumprido por outra entidade, e não necessariamente pelo próprio *Pedro*.

Nesta seção descrevemos as características semântico-pragmáticas da construção reflexiva de atribuição explícita: [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo*.

5.2.1.1 Gênero do falante

Quanto ao gênero do falante na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, os dados não nos apresentaram um resultado significativo. Consideramos, para avaliar o gênero do falante, como ele se refere a si e como outras pessoas se referem a ele na rede social de onde os dados foram retirados.

Tabela 3 – Gênero do falante na construção reflexiva de atribuição explícita

gênero do falante	se achando
feminino	46,55% (54)
masculino	40,52% (47)
na	12,93% (15)
Total geral	100,00% (116)

Como apresentado na tabela anterior, não foi possível identificar 12,93% dos falantes como homens nem como mulheres. Dentre os identificados, 46,55% são mulheres e 40,52% são homens. A diferença entre homens e mulheres que se utilizam da construção não se demonstra significativa, como se pode observar, não há grande diferença entre a quantidade entre homens e mulheres que a utilizam, indicando que aparentemente o uso dessa construção não é marcada por gênero.

(78) @KMDFOW @SPDLEOK @OIRELK @SJDKWLK @XLEOSM Lá tô falando de coisas que vc faz ou deixa de fazer, retardada? Tá se achando importante demais.

(79) lembro ate hj do meu primo se achando o rei da internet quando escreveu :poop: no facebook

O exemplo (78) representa uma fala masculina e o exemplo (79) representa uma fala feminina. Como podemos observar, o gênero do falante muitas vezes não pode ser capturado meramente através do conteúdo do tuíte e não foram identificadas diferenças entre os usos de falantes do gênero masculinos e os de falantes do gênero feminino.

5.2.1.2 Gênero do sujeito

Quanto ao gênero do sujeito, obtivemos os resultados apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Gênero do sujeito na construção reflexiva de atribuição explícita

gênero	se achando
ambos	12,07% (14)
feminino	25,86% (30)
genérico	11,21% (13)
masculino	43,10% (50)
na	7,76% (9)
objeto	0,00% (0)
Total geral	100,00% (116)

A tabela apresentada nos mostra que 12,07% dos casos referem-se a pessoas de ambos os gêneros, 25,86% referem-se a mulheres, 43,10% dos casos referem-se a homens e 11,21% referem-se a um sujeito genérico. Em 7,76% dos casos não foi possível reconhecer a quem o falante se referia e não foi encontrado nenhum caso em que um objeto era personificado e colocado em posição de sujeito.

(80) @WOEIKSL o povo de paris se achando donos do kit k

(81) @PSMDPK @CDVFBG @ERTDFG Mas ela justamente não está deixando os outros em paz e se achando a dona da razão/paladina dos bons costumes 😏

(82) @PELSODK @DSDKLO @POELSJ Ele é um nada e está se achando o todo poderoso. Sabe que a mamata vai acabar e está se borrando de medo.

(83) Se vc acha que é melhor ou tem mais valor do que alguém, só pq fez/tem algo, é pq internamente ainda não reconhece nada do seu valor, continua se achando insuficiente. E sempre vai achar enquanto associar seu valor com o externo!

(84) tá se achando a última bolacha do pacote né kkkkkkkkkkkk

No exemplo (80), o falante refere-se a *o povo de paris* de modo geral, o que nos leva a inferir que engloba tanto homens quanto mulheres, pois na cidade de Paris há pessoas de ambos os gêneros. Já em (81), o autor refere-se a *ela*, como explícito na frase, pronome pessoal pertence ao gênero feminino. Em (82), é possível identificar com facilidade que o sujeito trata-se de representar um indivíduo do gênero masculino, devido ao pronome *ele*, explícito na frase. Em (83), o autor do tuíte se refere de maneira genérica a qualquer um que que associe seu valor *com o externo*, e por isso englobamos casos assim na categoria *genérico*. Por fim, (84) é um exemplo de tuíte que não foi possível identificar o gênero do sujeito, visto que o autor não o marca na sua postagem, não menciona seu nome nem outra informação que dê pistas acerca do seu gênero.

Como a tabela demonstra, a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro tá se achando o máximo* – se mostrou ser mais utilizada para se referir a homens do que a mulheres, apesar de, pelo que parece, o gênero do sujeito não influencia seu sentido ou outro aspecto da construção.

5.2.1.3 Simetria

Simetria refere-se a falante e sujeito pertencerem ao mesmo gênero – os casos simétricos – ou não – os casos assimétricos.

Tabela 5 – Simetria na construção reflexiva de atribuição explícita

simetria	se achando
simétrico	37,93% (44)
assimétrico	23,28% (27)
na	38,79% (45)

Total geral	100,00% (116)
--------------------	----------------------

A tabela 5 nos apresenta que em 37,93% dos casos o falante refere-se a alguém do mesmo gênero, enquanto em 23,28% dos casos eles referem-se a pessoas do gênero oposto. Em 38,79% dos casos não foi possível identificar ao menos o gênero do falante ou do sujeito.

(85) @HSJAOSD O Lula sabia de tudo que estava acontecendo desde 2014. Ele não quis ser candidato e reelegeu a Dilmanta, isso pra continuar arquitetando suas falcatruas com empreiteiras em projeto de poder. Ele se achando Deus, ignorou a lava jato e que poderia ser preso. O resto é balela.

(86) menino fez um período de direito e tá se achando o juiz já diabeisso

(87) Tem muita testa oleosa se achando mente brilhante.

Incrível 😬😂

O caso (85) exemplifica uma fala simétrica, pois há um falante do gênero masculino se referindo ao ex-presidente Lula, que também é do gênero masculino. Já (86) representa um exemplo assimétrico, dado que uma autora, do gênero feminino, refere-se a alguém do gênero masculino – *menino*. Por fim, (87) representa um caso em que um homem se refere a pessoas genéricas, portanto, a simetria não se aplica.

Da mesma forma que o gênero do falante e o gênero do sujeito não se demonstraram relevantes, a simetria, sendo a combinação desses dois fatores, também não se demonstrou influente sobre o uso da construção.

5.2.1.4 Atos de fala polido e impolido

Algo que nos chamou a atenção durante a análise dos dados recolhidos é o verbo *achar* parecer ser utilizado para enfatizar que a avaliação expressa por QUALIF na frase trata-se de uma opinião do enunciador sobre o que o sujeito pensa de si mesmo, não uma verdade absoluta – o sujeito avalia o que ele se considera, enquanto o falante julga o comportamento do sujeito. Ainda que a maior parte dos dados de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF}

ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – seja utilizada com um qualificador positivo, estes aparecem em contextos negativos, seja por se tratar de uma crítica que o falante faz sobre o sujeito, um deboche, uma ironia, um desprezo ou outro motivo, o que anula o caráter positivo do qualificador utilizado. Outras características do contexto parecem apontar para o mesmo resultado, como apresentar uma motivação invalidada para que o sujeito se avalie como tal.

Sendo assim, os resultados mostram que [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – é uma construção utilizada majoritariamente em contextos de impolidez, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 6 – Polidez para a construção reflexiva de atribuição explícita

polidez	se achando
impolido	95,69% (111)
polido	4,31% (5)
Total geral	100,00% (116)

Enquanto 95,69% dos casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – ocorrem em contextos impolidos, apenas 4,31% ocorrem em contextos polidos. Tais porcentagens nos levam a compreender que tal construção é frequentemente utilizada para ofender ou menosprezar a pessoa a quem o falante se refere, sendo seu uso negativo.

(88) @SIJND Sim, só da problema e se acha demais. E antes que venha algum defensor, sei que é bom jogador sim, mas não sabe lidar com isso, começa a fazer gol e já fica se achando o melhor do mundo.

(89) @CCC Foda é que tem muito pobre se achando rico

(90) O MANO TA SE ACHANDO FULL DIFERENTE POR ESCUTAR GENTE DO UNDERGROUND TO CHORANDO OOOO

(91) ontem fui pra um aniversário de uma amiga da minha amiga, e lá só tinha os estudantes da adventistas e vsf esse povin me deu ódio pessoal dando um de malokeiro, menina só pq tinha uma tatuagem de uma tica ficou se achando a bandida o povin eca

Em (88), o autor insinua que se achar *o melhor do mundo* é um comportamento inadequado por parte de um determinado jogador, ainda que ele jogue bem, *não sabe lidar com isso*. Já em (89), apesar de não haver uma motivação aparente, o autor discorda de maneira direta da opinião que o sujeito possui acerca de si: ele chama de *pobre* um grupo de pessoas que se considera *rico* e lamenta por isso – *Foda é que*.

Em (91), por exemplo, o motivo que leva *menina* a acreditar ser bandida é diminuído pela autora através do advérbio *só*, a menina se acha bandida *só* por ter tatuagem, levando, assim, seus leitores à interpretação de que isso não seria motivo o suficiente para ela ser, certamente, *bandida*: ela se acha *bandida*, mas não o é. Além disso, é acrescentado um tom de desprezo por meio de expressões como *povin eca*, que expressa o nojo por pessoas com esse comportamento, e *esse povin me deu ódio*, – sendo *povin* o mesmo que “povinho”, um diminutivo indicativo de desprezo para a palavra “povo” – que expressa sua repulsa por esse grupo de pessoas.

Por fim, em (90) a expressão *TO CHORANDO* – na internet comumente utilizada para expressar hiperbolicamente que se está “chorando de rir” – denuncia que o falante julga como um motivo inválido, ou insuficiente, a motivação *escutar gente do underground* para que uma pessoa se considere *full diferente*, já que ele próprio acha o fato engraçado, em tom de deboche. Sendo assim, a ironização do falante expressa sua discordância quanto ao qualificador *full diferente* ser adequado para descrever o sujeito, invalidando tal caracterização, de modo que ainda que tal construção seja combinada a qualificadores positivos, seus usos são negativos, sendo o sujeito colocado pelo falante numa posição em que a autoestima elevada desse sujeito estaria equivocada.

Ainda que feito por diferentes estratégias linguísticas e extralinguísticas – como por emojis de riso, GIFs ou memes em certos casos –, os dados parecem sempre apontar para uma discordância entre o que o sujeito se avalia ser e o que o falante pensa acerca dele. Enquanto o sujeito se avalia de maneira positiva, o falante faz uma manobra para invalidar essa autoavaliação.

5.2.1.5 Qualificadores positivos e negativos

Em relação a esses qualificadores, foi feito um levantamento acerca de quantos atribuem uma qualidade positiva ao sujeito e quantos atribuem uma qualidade negativa. Obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 7 – Qualificadores na construção reflexiva de atribuição explícita

qualificadores	se achando
negativos	6,03% (7)
positivos	93,97% (109)
Total	100% (116)

Através dos dados estatísticos da tabela 7 podemos compreender que 6,03% das vezes a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro tá se achando o máximo* – se combina com qualificadores negativos, enquanto 93,97% das vezes a construção se combina com qualificadores positivos.

(92) @ISDKI Imagina ser uma das maravilhas do mundo e ficar se achando feia

(93) TEM MUITOS IDIOTAS SE ACHANDO RICO. KKKKK

Enquanto em (92), o qualificador *feia* atribui uma qualidade negativa ao sujeito, visto que refere-se a uma aparência ruim, em (93) atribui uma qualidade positiva, pois *rico* é uma posição que muitos almejam alcançar.

Importa comentar que há casos em que um adjetivo ou substantivo comumente atribuído a algo negativo é utilizado como sendo positivo. Retomamos aqui, o exemplo (91) como (94).

(94) ontem fui pra um aniversário de uma amiga da minha amiga, e lá só tinha os estudantes da adventistas e vsf esse povin me deu ódio pessoal dando um de malokeiro, menina só pq tinha uma tatuagem de uma tica ficou se achando a bandida o povin eca

(95) @EEELDK “Tudo 3”. Uma citação do pcc, facção de SP. Aí tem o comando vermelho que usa “td2”

Nesse contexto ali encima é uns boy de balneário se achando traficante kkkkk

Uma bandida pode ser respeitada pelos outros e ter certa autoridade, como consequência de gerar medo. Em (94), ser *bandida* é delineado como algo positivo, visto que parece ser um status almejado pela *menina* que tinha uma tatuagem, e a autora do tuíte demonstra repulsa pela menina que acredita ser algo que não é. É importante lembrar que para que a autora do tuíte julgasse que a *menina* estava *se achando* bandida, o comportamento da *menina* foi avaliado. Em (95), o *boy de balneário* parece pensar ser positivo parecer *traficante*. Nesse caso, o link de publicação disponibilizado pelo *Netlytic* foi acessado, o que nos permitiu analisar o contexto do tuíte. Vejamos:

zombam dos *boy de balneário* por eles gostarem de *se pagar de traficante* na internet, como diz em um dos outros tuítes participantes. Em suma, nesses dois casos um substantivo inerentemente negativo – *bandida* e *traficante* – são considerados positivos por uma das partes envolvidas no ato comunicativo. Isso reforça nossa premissa de que *se achando* tende a se combinar com qualificadores positivos.

Além disso, constatamos que as porcentagens da tabela 7 se assemelham bastante com as porcentagens da tabela 6: em 93,97% dos casos a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro tá se achando o máximo* – se combina a qualificadores positivos, enquanto em 95,65% dos casos ocorrem em contextos de impolidez, enquanto em 6,03% dos casos a construção se combina com um qualificador negativo e em 4,35% dos casos a construção é utilizada em um contexto de polidez. Assim, foi percebido que há uma forte tendência de que a combinação com qualificadores positivos seja feita em contextos de impolidez, e a combinação da construção com qualificadores negativos ocorra em contextos de polidez.

O primeiro caso pode ser explicado pelas frequentes demonstrações de que o falante discorda com a declaração de que o sujeito é aquilo que supostamente pensa ser. Ao afirmar que o sujeito *está se achando* algo, o falante evidencia que esta se trataria de uma opinião do próprio sujeito, não dele próprio. Desse modo, quando o sujeito *está se achando* algo que é positivo e o falante sugere discordar dessa opinião que o sujeito possui sobre si, é sugerido, então, que esse sujeito é algo negativo, o que contribui para um contexto impolido. Por sua vez, quando o falante expressa que o sujeito *está se achando* algo que é negativo e expressa discordar dele, infere-se que esse falante acredita que o sujeito é algo positivo, o que contribui para que o contexto seja polido.

5.2.1.6 Qualificadores mais ou menos intensivos

A intensividade dos qualificadores refere-se ao qualificador utilizado atribuir intensidade ou não. Acerca desse critério, foi contabilizado o seguinte:

Tabela 8 – Intensividade na construção reflexiva de atribuição explícita

Intensividade	se achando
(+) intensivo	82,76% (96)
(-) intensivo	17,24% (20)

Total geral	100,00% (116)
--------------------	----------------------

Foi contabilizado que 82,76% dos qualificadores na construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* – podem ser caracterizados como (+) intensivos, enquanto 17,24% classificam-se como (-) intensivos.

(96) @HCKDLO ai bicha é fodakkkkkkk só homem comentando as coisas se achando os salvadores do mundo pela a fé preguiça até de explicar as coisas

(97) @KODMPK Imagina ser uma das maravilhas do mundo e ficar se achando feia

Em (10096 há um exemplo de qualificador intensivo. *Os salvadores do mundo* não descreve um grupo de pessoas que fizeram um bem qualquer, mas pessoas capazes de salvar o mundo – e o ato de *salvar* por si só já representa uma ação altamente positiva. Portanto, numa escala dos que possuem bondade, *os salvadores do mundo* ocupa um dos extremos, sendo assim considerado um qualificador (+) intensivo. Em (97), *feia* agrega uma característica ruim, entretanto genérica e sem nada que intensifique essa qualidade. Numa escala de feiura, *feia* não ocupa nenhum extremo e por isso trata-se de um qualificador (-) intensivo.

5.2.1.7 Qualificadores positivos ou negativos X Intensividade

Ainda sobre [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, cabe comentar que os seus usos com qualificadores negativos possuem uma distribuição mais equilibrada quanto à intensividade, se comparados aos qualificadores positivos.

Tabela 9 – Intensividade-positividade na construção reflexiva de atribuição explícita

	QUALIF negativo	QUALIF positivo	total geral
(+) intensivo	42,86% (3)	85,32% (93)	82,76% (96)
(-) intensivo	57,14% (4)	14,68% (16)	17,24% (20)
Total geral	100,00% (7)	100,00% (109)	100,00% (116)

Como mostrado na tabela 9, os qualificadores negativos são majoritariamente (-) intensivos, mas não há uma grande diferença entre a quantidade de (+) intensivos e de (-) intensivos. Por sua vez, os qualificadores positivos são quase sempre (+) intensivos – 85,32% das vezes.

Quando dizemos que a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* – tende a se combinar com qualificadores (+) intensivos, sugere-se que sejam qualificadores (+) intensivos de qualquer natureza, tanto positivos como negativos. Porém, com esses dados quantitativos percebemos que apenas os qualificadores positivos que se combinam com a construção reflexiva de atribuição explícita tendem a ser (+) intensivos, compondo seu uso prototípico, como os casos a seguir:

(98) Tadeu tá a um trisco de descer a mão no Joventino kkkkkkk chegou já se achando maior peão do mundo, vai pentear esses cabelo homi deixe de coisa.

(99) @LPCMS Não sei como ele não saiu ainda, pela Adriana poderiam chegar até a final, mas por ele, tem que sair na proxima DR, ele tá se achando o campeão já é ele é chato

(100) @GHJKL @POIUU @MNJUI Estatismo é delírio de político se achando um deus iluminado que consegue cuidar do mundo

Em (98), Tadeu não se acha um peão simplesmente, mas sim o *maior peão do mundo* – a palavra *maior* atribui intensidade a *peão*, de modo que, numa escala de bom peão, *o maior peão do mundo* ocupa um dos extremos. Em (99) o participante do reality se acha *o campeão*. A palavra *campeão* indica alguém que ganhou enquanto as outras perderam, assim, *campeão* naturalmente ocupa uma posição de destaque, além de que o uso do advérbio *já* aponta que *ele* não é um *campeão* ainda e caracterizar a si próprio como tal é algo exagerado. Tais fatores levam *o campeão* a ser caracterizado como um qualificador (+) intensivo. Por fim, em (100) temos *políticos* que se acham *um deus iluminado que consegue cuidar do mundo*. Sendo *deus* uma entidade que intrinsecamente está acima de todos os outros seres, isso por si só é o suficiente para que essa descrição seja considerada hiperbólica, mas ainda há o exagero de que esse *deus iluminado* (na verdade *políticos*) seria capaz de *cuidar do mundo*, algo humanamente impossível de ser feito. Há, então, em (100), dois exageros: o de que o político

está *se achando* (1) *um deus iluminado* e (2) que é capaz de *cuidar do mundo*. Consequentemente, classificamos o qualificador *um deus iluminado que consegue cuidar do mundo* como (+) intensivo. Dessa maneira, todos os exemplos de (98) a (100) são de qualificadores positivos e (+) intensivos, pois indicam um sujeito caracterizado por algo intensivamente positivo.

5.2.2 Construção média-cognitiva de atribuição explícita

Nesta seção descrevemos as características semântico-pragmáticas da construção média-cognitiva de atribuição explícita: [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo*.

Chamamos a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – de construção média-cognitiva de atribuição explícita, uma vez que aqui reconhecemos o clítico *se* como um clítico médio-cognitivo. Podemos dizer que nesse contexto ele é apenas anafórico, mas não correferencial. Temos *Maria* como um sujeito experienciador, *sentindo* como um verbo cognitivo/ de percepção, e um qualificador, não sendo possível que outra pessoa, a não ser o próprio sujeito, cumpra a função de Iniciador ou de Ponto de Chegada, *Maria* é o centro da ação.

5.2.2.1 Gênero do falante

Quanto ao gênero do falante na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{med-cog} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, os dados nos mostraram os resultados apresentados na Tabela 10.

Tabela 10 – Gênero do falante na construção média-cognitiva de atribuição explícita

gênero do falante	se sentindo
feminino	55,26% (105)
masculino	33,68% (64)
na	11,05% (21)
Total geral	100,00% (190)

A tabela 10 demonstra que a maioria dos falantes da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – presente nos tuítes que compõem o nosso *corpus* tratam-se de falantes do gênero feminino, sendo 55,26% dos casos, enquanto 33,68% dos casos tratam-se de falantes do gênero masculino e em apenas 11,05% dos casos não foi possível descobrir o gênero do falante. Observemos os seguintes exemplos:

(101) Fico tão feliz de ver ELE mesmo postando que tá se divertindo, se sentindo confortável com isso e sendo ele mesmo

(102) Uma pá de gente se sentindo triste ou mal, e eu tentando entender como eu não fiquei nem um pouco afetado com isso pq tipo como assim ??????????????????

O exemplo (101) representa um tuíte de autoria feminina, enquanto o exemplo (102) é de autoria masculina. Nota-se que no primeiro não é possível saber o gênero do falante somente através da postagem, enquanto no segundo é possível, devido ao uso da palavra *afetado*, flexionado no gênero masculino, para se referir a si mesmo.

5.2.2.2 Gênero do sujeito

Quanto ao gênero do sujeito, observamos os seguintes resultados.

Tabela 11 – Gênero do sujeito na construção média-cognitiva de atribuição explícita

gênero	se sentindo
ambos	13,68% (26)
feminino	27,89% (53)
genérico	23,68% (45)
masculino	29,47% (56)
na	4,74% (9)
objeto	0,53% (1)
Total geral	100,00% (190)

Apesar de a maioria dos casos possuir um sujeito relativo ao gênero masculino, em 29,47% dos casos, a diferença em relação ao gênero feminino é de menos de 2%, visto que este representa o sujeito sintático em 27,89% dos casos. 23,68% dos casos não se referiam a pessoas específicas, sendo considerado um sujeito genérico, em 4,74% dos casos não foi possível apurar o gênero do sujeito e em uma única ocorrência o sujeito é um objeto, que sofre personificação.

(103) @LSKEKSM O melhor é o povo aqui nos comentários se sentindo bastante ofendido com essa declaração dele kkkkkkk'

(104) @PPOSKD Tá se sentindo Só?

(105) Jaja aoarece alguém se sentindo pessoalmente atacado como sempre

(106) @HSKELS É que eles ta se Sentindo o NIVERA

(107) cala a boca adolescente emo de 14 anos ninguem liga se vc ta se sentindo sad logo depois de ter usado duas pessoas pra um dia aleatoriamente vc chegar a conclusão que nao sente nada

(108) @QWASXC Minha playlist de drag music se sentindo traída

O exemplo (103) refere-se a um grupo de pessoas – *povo* – que está comentando sobre uma determinada situação na rede *X* – composto por falantes de ambos os gêneros, sendo assim classificado como *ambos*. Já o exemplo (104) trata-se de um sujeito do gênero feminino, o que não é possível perceber somente com a leitura da frase, mas sabendo que a autora do tuíte refere-se à sua interlocutora, que é uma mulher, podemos classificar o sujeito como pertencente ao feminino, ainda que esse não esteja explícito na frase. Em (105), o sujeito *alguém* representa uma pessoa genérica, e por isso o classificamos como tal. Em (106) há um exemplo de sujeito no masculino, manifestado pelo pronome *ele*, que está no masculino. Em (107) não foi possível identificar o gênero do sujeito – *adolescente de 14 anos* –, de modo que tal classificação não foi aplicada, para o critério *gênero do sujeito* apenas classificamos como *na* os casos em que de fato não foi possível identificar quem era o sujeito ou, se tratando de uma pessoa, qual era o gênero do sujeito. Por fim, a classificação *objeto*,

exemplificada em (108), diz respeito a um único caso encontrado, no qual uma playlist sofre personificação.

5.2.2.3 Simetria

Quanto à simetria, os resultados apresentam que quase a metade dos casos são simétricos.

Tabela 12 – Simetria na construção média-cognitiva de atribuição explícita

simetria	se sentindo
simétrico	49,47% (94)
assimétrico	16,84% (32)
na	33,68% (64)
Total geral	100,00% (190)

Se não levarmos em consideração os resultados nos quais não foi possível identificar ao menos o gênero do falante ou o gênero do sujeito, 33,68% dos casos, observamos que a maioria dos dados seriam simétricos, posto que estes representam 49,47% dos dados totais, enquanto os assimétricos representam apenas 16,84%.

(109) @OSDNOS Linda assim não se sentindo importante ah para né

(110) Tae ta transmitindo uma vibe de "Como posso enlouquecer a Coréia hj?".

(111) Você está no mundo dos pensamentos se sentindo insegura(o) e duvidando de si mesma(o) enquanto tem pessoas olhando para você desejando ter sua vida.

O caso (109) exemplifica um dado simétrico, pois trata-se de uma falante do gênero feminino se referindo a um sujeito do gênero feminino, o gênero do sujeito foi depreendido devido à flexão de gênero de *Linda*, que está no feminino. O tuíte apresentado em (110) exemplifica um caso assimétrico, já que o falante pertence ao gênero feminino e o sujeito ao

gênero masculino. O último exemplo, apresentado em (111), foi classificado como *na* devido a impossibilidade de se descobrir o gênero do falante.

5.2.2.4 Atos de fala polido e impolido

A respeito da construção com o verbo *sentir*, é possível constatar que a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – tende a ser utilizada em contextos polidos.

Tabela 13 – Polidez para a construção média-cognitiva de atribuição implícita

polidez	se sentindo
impolido	27,89% (53)
polido	72,11% (137)
Total	100,00% (190)

Como a tabela 13 nos mostra, apenas 27,89% dos usos da construção média-cognitiva de atribuição explícita são utilizadas em contexto impolidos, enquanto 72,11% se apresentam em contexto polidos. Observemos os casos a seguir:

(112) ela tá finalmente vendo o retorno bater e se sentindo mais segura

(113) muita gente infeliz por metro quadrado se sentindo incomodada porque você é feliz! 😊

(114) @WERTL Já te vejo se sentindo um dos dançarinos

(115) @HFKDLS voce se sentindo feia evil vontade d t dar uns tapas voce eh uma gostosa

(116) deixou de me seguir, eu deixo também uai, tá se sentindo o neymar é?

Os casos (112)-(114) compõem o uso prototípico de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, no qual há um sujeito que possui

uma sensação expressada pelo *slot* QUALIF – nos quais há acolhimento ou incentivo ao indivíduo representado pelo sujeito. Em (115), a invalidação de *feia* feita pelo falante, através de expressões como *vontade d t dar uns tapas* e a manifestação de que o sujeito é *uma gostosa*, apesar de se achar *feia*, tem a finalidade de melhorar sua autoestima, de maneira que não há caráter crítico e não se trata de um contexto negativo. Já (116) se comporta de maneira análoga ao uso prototípico da construção reflexiva de atribuição explícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se sentindo o máximo* –, já que o falante questiona se o sujeito estaria *se sentindo o neymar*, que por ser uma grande celebridade não possui o “compromisso” de seguir de volta aqueles que o seguem na rede social. Nesse último exemplo, o falante aponta que o sujeito pensa ser algo melhor do que ele realmente é, num caráter de crítica e invalidando o qualificador, uma vez que se trata de um questionamento.

Assim, percebemos que a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – em geral é muito mais comum em contextos de desabafo, como em (117), de acolhimento, como em (118) e de conselho, como em (119).

(117) O ruim de ser a pessoa que sempre faz questão de estar perto, que se desdobra pra fazer tudo por todo mundo, que quando não fazem questão de você, você fica se sentindo uma merda!

Mas é isso, ninguém é obrigado fazer o que você faz!!

(118) @XCZVB Feliz em ler que vc está se sentindo animado hehe

(119) Tá se sentindo inútil? Larga o cllr e vc vai se sentir bem melhor!! Parece que não... Mas vai por mim! Tenta ficar um dia apenas sem essa praga de aparelho!

Como nos exemplos apresentados, são poucos os casos em que a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – é utilizada em contextos de impolidez.

5.2.2.5 Qualificadores positivos e negativos

Os qualificadores em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] — *Maria está se sentindo estranha* – são majoritariamente negativos, embora a quantidade de qualificadores positivos seja expressiva.

Tabela 14 – Qualificadores na construção média-cognitiva de atribuição explícita

qualificadores	se sentindo
negativos	67,37% (128)
positivos	32,63% (62)
Total	100% (190)

Foi constatado que 32,63% dos dados apresentam qualificadores positivos, enquanto 67,37% apresentam qualificadores negativos.

(120) @SADSFD @JHKLOI Sim, mais agora o Capitão Patria ta se sentindo traído kkkkkk

(121) Essas fotos diz o quanto ela estava feliz e se sentindo realizada cantando para 100mil pessoas ♥

Em (120) temos o adjetivo *traído*, algo ruim e desagradável, sendo classificado como um qualificador negativo. No segundo exemplo, em (121), há o exemplo de alguém que possui o sentimento de *realização*, representado pelo adjetivo *realizada*, um qualificador positivo.

A análise da polidez e dos qualificadores positivos e negativos da construção média-cognitiva de atribuição explícita – *Maria está se sentindo estranha* – corrobora a análise feita na seção 5.2.1.5, na qual se aborda sobre os qualificadores positivos e negativos da construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo*. Enquanto a construção reflexiva de atribuição explícita se combina mais com qualificadores positivos e é mais frequentemente utilizada em contextos impolidos, a construção média-cognitiva de atribuição explícita se combina mais vezes com qualificadores negativos e ocorre mais vezes em contextos polidos, indicando existir uma correlação entre esses dois fatores.

5.2.2.6 Qualificadores mais ou menos intensivos

A intensividade dos qualificadores não se demonstrou um aspecto determinante na construção média-cognitiva de atribuição explícita.

Tabela 15 – Intensividade na construção média-cognitiva de atribuição explícita

intensividade	se sentindo
(+) intensivo	46,32% (88)
(-) intensivo	53,58% (102)
Total geral	100,00% (190)

Consta-se que 46,32% dos adjetivos combinados a [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – são (+) intensivos, enquanto 53,58% são (-) intensivos. Como se observa, existindo uma diferença de 7,26% entre os (+) intensivos e os (-) intensivos, a intensividade dos qualificadores nesta construção se apresenta menos relevante, se comparamos tais resultados com os obtidos em relação à construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo*. Aqui, retomamos o exemplo (107) como (123).

(122) @Helder_81RN @AlexEscobar_ Os caras tão se sentindo tão incomodados..tô adorando ver flamenguista se doer, a maior torcida de mudos do mundo, o cara tão incomodado que pegou uma foto de 2008, na época que ainda bem tinha trocado as grades pelos vidros nos arredores da arquibancada..que fase da "nassaum"

(123) cala a boca adolescente emo de 14 anos ninguem liga se vc ta se sentindo sad logo depois de ter usado duas pessoas pra um dia aleatoriamente vc chegar a conclusão que nao sente nada

Em (122), o qualificador pode ser identificado como (+) intensivo pelo uso intensificador *tão*, numa escala de incômodo, estar *tão incomodados* ocupa um extremo, enquanto em (123) temos *sad, triste* em inglês, em que o qualificador não representa algo

intenso nem possui um intensificador o acompanhando, sendo assim classificado como (-) intensivo, pois, numa escala de tristeza, *sad* não ocupa nenhum dos extremos.

5.2.3 Relações entre as construções anafóricas de atribuição explícita

Nesta seção comparamos as construções anafóricas de atribuição explícita, considerando apenas os três critérios de análise que se mostraram mais relevantes: polidez, positividade e intensividade.

Diferentemente de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, o qualificador presente em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – não costuma sofrer nenhum tipo de invalidação por parte do falante, o que está diretamente ligado ao fato de o primeiro ser frequentemente utilizado em contextos de impolidez, enquanto o segundo não, como é possível observar na tabela apresentada.

Tabela 16 – Polidez na construção anafórica de atribuição explícita

polidez	se achando	se sentindo	Total Geral
impolidez	95,69% (111)	27,89% (53)	53,44% (164)
polidez	4,31% (5)	72,11% (137)	46,56% (142)
Total Geral	100,00% (116)	100,00% (190)	100,00% (306)

Desse modo, o falante, no intuito de expressar que alguém pensa algo bom acerca de si próprio, pretere [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – em contextos impolidos e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – em contextos polidos.

Por sua vez, a distribuição entre a quantidade de qualificadores positivos e qualificadores negativos também se demonstra bastante distinta se comparamos [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, como apresentado na tabela 17.

Tabela 17 – Qualificador na construção anafórica de atribuição explícita

<i>positivo</i>	se achando	se sentindo	Total geral
negativo	6,03% (7)	67,37% (128)	43,46% (135)
positivo	93,97% (109)	32,63% (62)	55,23% (171)
Total geral	100,00% (116)	100,00% (190)	100,00% (306)

Como se vê, a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – se combina mais com qualificadores negativos que positivos. Não coincidentemente, esta construção raramente é utilizada em contextos de impolidez, representando crítica ou deboche, uma vez que o tom crítico tende a ocorrer quando essas construções se combinam com qualificadores positivos. Sendo assim, a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] sugere se comportar de modo bastante distinto de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro tá se achando o máximo*. Essas estatísticas confirmam nossa hipótese de que [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] se combina mais frequentemente com qualificadores positivos em relação à [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF].

Ao comparar os qualificadores que se combinam com cada uma das duas construções, percebe-se que o *slot* QUALIF em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – costuma ser ocupado por expressões que indicam superioridade como *muito gostosa(o), o(s) fodão(ões), Deus*, ou referências em determinada área, como *Real Madrid*, considerado um dos melhores times de futebol, *o Neymar*, maior referência atual do futebol brasileiro ou *o Toretto*, ator referência em filmes de ação, sendo por isso classificados como (+) intensivos. Por sua vez, o *slot* QUALIF na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* – é geralmente ocupado por palavras que se relacionem a sentimentos, como *culpado*, aparência física, como *bonita(o), linda(o), horrorosa(a), feia(o)* ou valor pessoal, como *um lixo, (in)seguro(a), inútil, uma merda*.

A intensividade dos qualificadores se demonstra mais equilibrada na construção média-cognitiva de atribuição explícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, se a comparamos à construção reflexiva de atribuição explícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* como demonstrado na seguinte tabela comparativa:

Tabela 18 – Intensividade na construção anafórica de atribuição explícita

<i>intensividade</i>	se achando	se sentindo	Total geral
(+) intensivo	83,05% (96)	46,32% (88)	60,13% (184)
(-) intensivo	16,95% (20)	53,58% (102)	39,87% (122)
Total geral	100,00% (116)	100,00% (190)	100,00% (306)

Como observado, a construção reflexiva de atribuição explícita possui o traço (+) intensivo marcado – 83,05% dos casos –, enquanto para a construção média-cognitiva de atribuição explícita o traço de intensividade não é marcado, posto que a diferença entre a porcentagem de qualificadores (+) intensivos e (-) intensivos é de 7,26%.

5.2.3.1 Regressão logística binominal

A regressão logística binomial nos mostra, estatisticamente, se um dado fator favorece ou desfavorece a escolha de um falante em relação a uma das construções em questão. Considerando a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* – e a construção média-cognitiva de atribuição explícita – *Maria está se sentindo estranha* –, ela nos trouxe os seguintes resultados:

Tabela 19 – Regressão logística binomial

<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratio</i>	<i>CX</i> <i>CI</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0.00	0.00-0.01	<0.001
polneg[sim]	44.59	17.22-141.38	<0.001
qualifpos [sim]	20.16	8.45-53.64	<0.001
intensiv[sim]	2.03	0.89-4.72	0.100
Observations	307		
R ² Tjur	0.667		

No Quadro 5 observamos que em contextos negativos a construção utilizada tem 44,59 vezes mais chances de ser [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – em vez de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* e 20,16 vezes mais chances se o qualificador for positivo. A intensividade não se demonstrou um fator tão pertinente em termos estatísticos.

5.3 Construções intensivas de atribuição implícita

Chamaremos de construção intensiva de atribuição implícita a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], em que há um sujeito experienciador, um verbo na forma finita (que pode aparecer ou não) e um verbo no gerúndio. Dado o escopo deste trabalho, o *slot* de gerúndio pode ser ocupado pelos verbos *achar* e *sentir*. Essa construção mais esquemática desdobra-se, então, nas construções [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*.

Aqui, *SE* é interpretado como um vestígio formal herdado da construção dominante, a saber, qual seja, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF], e não é, portanto, marcado quanto à categoria gramatical. Nesse contexto, o sentido de *intensiva* dá conta do fato de que a construção incorpora em sua semântica um adjetivo positivo intensivo, tal como se observou ser a preferência de combinação da construção dominante. Ainda, o termo *implícita* refere-se ao fato de que a ideia expressa geralmente por um qualificador expresso é incorporada na semântica da nova construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] e interdita quanto à sua forma. Complementarmente, vale dizer que essa atribuição especifica implicitamente uma qualificação positiva e (+) intensiva.

Vale acrescentar que as construções intensivas de atribuição implícita – *Ana está se achando* e *Marcos está se sentindo* – possuem um grau de idiomaticidade maior em relação às construções anafóricas de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* e *Maria está se sentindo estranha* –, posto que seus significado e forma não são totalmente previsíveis com base na soma do significado do dicionário de cada uma de suas partes ou apenas a partir das regras sintáticas provenientes da gramática. Reconhecemos o padrão [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] como um esquema cognitivo que representa os traços gerais de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*.

Quanto aos fatores analisados, os que se referem ao qualificador – como positivo ou negativo e (+) ou (-) intensivo – não foram aplicáveis, visto que as construções intensivas de atribuição implícita não possuem qualificador. Como os fatores gênero do sujeito, gênero do falante e simetria não se demonstraram significativos durante a análise das construções anafóricas de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* e *Maria está se sentindo estranha* –, esses serão deixados para uma pesquisa futura. Assim, nas subseções seguintes, o único fator abordado a respeito das construções intensivas de atribuição implícita – *Ana está se achando* e *Marcos está se sentindo* – é o que se refere à polidez do ato de fala.

5.3.1 [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO]

A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* – herda, como mencionado anteriormente, características da construção dominante [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – como os traços (+) intensivo e (+) positivo e, através do link de subparte, herda sua forma.

Vejamos os exemplos (124)-(126).

(124) Meu pai tá se achando nesse Rock in Rio Lisboa. O preto tá um nojo 😊

(125) Alguém precisa acabar com a autoestima do macho feio que tu fica e dps ele fica se achando e te tratando como se vc fosse a feia. Pelo amor de Deusssss!!!!!!

(126) @DDDVG ela reclamando e a Bel'Vet igual um encosto se achando

Os casos (124), (125) e (126) não apresentam qualificador, porém é possível compreender que aos sujeitos é atribuída a ideia de que eles se vêm em alta conta. No caso (124), reforçado pelo comentário de que *o preto tá um nojo* seguido de um emoji de riso, em (125) pela insinuação de que a autoestima do *macho feio* está mais elevada do que deveria, e em (126) por inferência. O uso dessa construção expressa prototipicamente uma crítica, seja em tom de ironia, deboche, ou outro, mas casos como (124), no qual uma filha parece estar feliz com uma conquista do pai, também ocorrem. Isso nos leva a associar a ideia de atribuição positiva intensiva implícita à forma [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando*. A tabela a seguir nos mostra a relação entre essa construção intensiva de atribuição implícita e contextos de im/polidez.

Tabela 20 – Polidez para a construção intensiva de atribuição implícita (*achar*)

polidez	se achando
polido	11,90% (10)
impolido	88,10% (74)
Total geral	100,00% (84)

A tabela anterior nos mostra que 88,10% dos casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* – são utilizados em contextos de impolidez, tratando-se de usos negativos, e apenas 11,90% são usados em contextos de polidez.

(127) Que preguiça desses rolês c/ o mesmo público de sempre, mesma vibe, aleatórios se achando, um monte de coisas rotineiras e mórbidas

(128) Fui elogia a franja da Valéria, agr a mina tá aq se achando 🤔🤔🤔🤔🤔

Em (127) a construção intensiva de atribuição implícita é utilizada em um contexto impolido, visto que o autor do tuíte está criticando uma situação e para reforçar seu incômodo afirma que há *aleatórios se achando*. Já em (128), a autora do tuíte não se demonstra incomodada com a *mina* que está *se achando*, o que pode ser depreendido a partir da utilização do emoji de rosto com corações, assim, esse segundo caso é utilizado em um contexto de polidez.

5.3.2 [SUJ_{EXP} V_{FIN} SE SENTINDO]

Revisitando a revisão da literatura do presente trabalho, é possível reconhecer certos pontos em comum entre o valor semântico dos verbos *sentir* e *achar*. Como exemplo, temos o verbo *achar*, que em sua forma pronominal expressa um sujeito que *percebe-se* de determinada maneira (KANTHACK; SANTOS, 2020), enquanto o verbo *sentir* expressa uma percepção. Além disso, *sentir* pode expressar a consequência de um estímulo psíquico, enquanto *achar* pode expressar o fruto de uma introspecção, estando, neste segundo caso, ambos os verbos relacionados ao ato de raciocinar. Tais pontos em comum permitiram a expansão da classe hospedeira quanto ao *slot* V_{GER}, de modo que a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN})

SE V_{GER}] passa a funcionar não apenas com o verbo *achar* em posição de V2, como em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, mas também com o verbo *sentir*, como em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo*.

A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – passa a se relacionar horizontalmente na rede construcional com [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, uma vez que o verbo *achar*, no gerúndio, começa a ser recrutado para a construção intensiva de atribuição implícita, via expansão de classe hospedeira. Da mesma forma como ocorreu em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO], na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] há um qualificador interdito positivo e intensivo.

Diferentemente da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, em que a maior parte dos casos se apresentam em contextos impolidos, o uso mais comum de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – parece estar muito mais intimamente ligado a um sentimento muito bom, como à ideia de alegria, felicidade ou empolgação, revelando que essas construções apresentam distribuição distinta no uso da língua.

Tabela 21 – Polidez para a construção intensiva de atribuição implícita (*sentir*)

polidez	se sentindo
impolido	20,00% (2)
polido	80,00% (8)
Total geral	100,00% (1)

A tabela anterior nos mostra que apenas 20% dos casos de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – são utilizados em contextos de impolidez, tratando-se de usos negativos, e um total de 80% são usados em contextos de polidez.

Vejamos os exemplos:

(129) Fico feliz que ele tá se sentindo 😊💜

(130) Minha mãe pegou a duquesa e levou lá pra rua kkkkkkkkkkkkk tá se sentindo com minha filha 🐶❤

(131) Kleiton se sentindo pq tô elogiando ele kkkkk

(132) ta se sentindo e mal sabe q tá é passando vergonha

Os casos de (129)-(131) compõem casos de contextos polidos. Em (129) está explícito que *ele* estar *se sentindo* não é algo negativo, pois isso agrada o falante – que expressa estar *feliz* com isso e utiliza um emoji com coração. Em (130), de igual forma, *se sentindo* não é utilizado com conotação negativa, o que pode ser facilmente capturado através do emoji de coração ao fim da frase. Já em (131), *Kleiton* estar *se sentindo* também não é algo negativo, visto que a motivação disso é proveniente do próprio falante, que o elogiou. Por outro lado, em (132) o autor se utiliza da construção intensiva de atribuição implícita para um sujeito que ele diz estar *passando vergonha*, sendo uma crítica direta e explícita, gerando um contexto de impolidez.

5.4 Construção intensiva de atribuição transitiva

Chamamos a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) QUERENDO] – *Joana está se querendo* – de construção intensiva de atribuição transitiva. Esta é motivada por uma analogia de forma às construções intensivas de atribuição implícita – *Ana está se achando* e *Marcos está se sentindo* –, herdando propriedades da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], como o traço (+) intensivo e positivo. Enquanto as primeiras funcionam com um verbo cognitivo, na segunda temos um verbo volitivo, demonstrando uma semântica bastante distinta. Somado isso às demais peculiaridades da construção intensiva de atribuição transitiva, ela será aqui tratada como uma outra construção.

A relação entre a construção intensiva de atribuição implícita e a construção intensiva de atribuição transitiva está representada na figura 5.

Figura 5 – Herança da construção intensiva de atribuição transitiva

Construção intensiva de atribuição implícita

[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}]



Construção intensiva de atribuição transitiva

[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO]

Como observado, a construção intensiva de atribuição transitiva – [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] herda a forma da construção intensiva de atribuição implícita – [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}].

Ademais, sendo a natureza dos verbos licenciados para ocupar o lugar de V_{GER} nas construções intensivas de atribuição implícita – [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] – diferente da natureza do verbo querer, que é volitivo, o uso da construção intensiva de atribuição transitiva – *Joana está se querendo* – se difere, quanto à semântica, principalmente por poder apresentar conotação sexual.

(133) a irma é mto boba isso sim o trindade todo se querendo pra ela e a bicha querendo o outro

(134) minha gatinha entrou no cio pela primeira vez (nem deu tempo da gente castrar) e agora ela fica o tempo todo levantando a bundinha pro meu gato mas ele é castrado então ela tá toda se querendo e ele tá tipo SAI DAQUI MONAAAAAA vou morrer

(135) @KOASDMFI todo gostoso todo se querendo

(136) @ALEPOM to errado? tu fica toda se querendo mó putona bonita se esfregando em mim

O exemplo (133) diz respeito aos personagens da novela Pantanal. Nesse tuíte o falante expressa que o personagem *trindade* está disposto a despertar desejo na *irma*, enquanto ela tem interesse em outra pessoa – *a bicha querendo o outro*. Em (134), a conotação sexual está mais explícita, uma vez que a autora do tuíte afirma que sua gata está

no cio e o tempo todo levanta a bundinha, disposta a despertar o desejo sexual do gato castrado. Já em (135), a conotação sexual é reforçada pelo comentário *todo gostoso* que o falante faz a respeito do sujeito, enquanto *se querendo* afirma a capacidade desse sujeito de despertar o desejo alheio. Por último, em (136) além da construção estudada vir acompanhada de um elogio à beleza física, *bonita*, o autor comenta que a pessoa a quem o tuíte é dirigido fica *se esfregando* nele, reafirmando a conotação sexual de sua fala.

Tais tuítes nos servem de exemplo para mostrar que através de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* – o falante expressa que o sujeito experienciador se comporta de maneira a despertar desejo sexual em outra pessoa, ao passo que isso se torna algo perceptível àqueles que observam. São muito comuns os casos em que o sujeito experienciador busca despertar desejo numa pessoa em específico, como em (133), no qual *trindade* quer despertar o desejo especificamente de *irma*, e em (137), no qual *suná* busca despertar o desejo de um *homem casado*.

(137) a seyran casada com um homem que namora, a suna toda se querendo pra um homem casado eita sisters de escolhas boas #YalıÇapkını

Em outros casos, a construção é utilizada para se referir a pessoas que, no ponto de vista do falante, intencionalmente se comportam de maneira a despertar o desejo dos outros, mas sem se voltar a uma pessoa em específico, como em (135) e (138).

(138) 12 faixas explícitas, tá toda putona toda se querendo hein Beyoncé

Quanto aos contextos de uso, este geralmente se apresenta como *crítico-pejorativo* (contexto negativo) ou como *incentivo/admiração* (contexto positivo).

Vejamos os seguintes usos:

(139) O cosplay insuportável da Juliette toda se querendo ali

(140) a Naiara azevedo já chegou toda se querendo e ninguém nem tchum pra ela kkkkk

(141) A Juma tá toda se querendo, n tô curtindo n #Pantanal

Nos três casos apresentados a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] é utilizada para avaliar um estado a partir do comportamento de uma terceira pessoa. Em (139), num primeiro momento já é possível perceber que a autora do tuíte não gosta de quem ela se refere como *cosplay insuportável da Juliette*, visto o uso não irônico do adjetivo *insuportável*. Posteriormente, a expressão *toda se querendo* é usada de forma negativa para criticar seu comportamento, expressando que ela “pensa de si mais do que se é” – sua autoestima está mais elevada do que deveria, na perspectiva do falante –, que ela se porta de modo que os outros percebem que ela gosta muito de si mesma, o que foi mal visto pela autora. A conotação negativa do tuíte (139) apresenta uma crítica não só a esse comportamento, mas a esse pensamento que *a cosplay insuportável da Juliette* possui acerca de si.

O tuíte (140) faz a mesma crítica à participante do *reality show* televisivo *Big Brother Brasil* Naiara Azevedo, o que é reforçado pela contraposição entre seu comportamento e a maneira que os outros se comportam em relação a ela: enquanto a Naiara chega *toda se querendo*, com uma atitude de autoconfiança, os outros nem se interessam por ela, segundo à avaliação da autora do tuíte.

Nos dois próximos exemplos, já não há mais uma crítica ao estado em que o sujeito experienciador se encontra.

(142) Comprei um vestido da labella p minha mãe, ela vai ficar toda se querendo.. kkk

(143) Laura tá toda se querendo na rua com a minha mãe, babo muito na minha princesa tá tão linda e esperta

Apesar de o sujeito permanecer sendo avaliado nos casos (142) e (143), isso se dá não mais de forma negativa. Em (142), ao acreditar que a mãe vai ficar *toda se querendo*, o sujeito expressa que ela vai ficar feliz com o vestido novo, que vai gostar dele e isso se repercutirá na sua autoestima de forma positiva, o que traz uma conotação positiva para esse outro uso da expressão. Já em (143), essa conotação pode ser apreendida principalmente pela fala de que a autora *baba muito na princesa dela*, *Laura está toda se querendo*, mas aqui isso é visto novamente como algo bom, porque ela tá *linda e esperta*, portanto, não se trata de uma crítica, a autora a admira.

De fato, quanto à ameaça a face, percebemos que contextos impolidos são despreferidos pela construção com *querer*:

Tabela 22 – Polidez para a construção intensiva de atribuição transitiva

Polidez	se querendo
impolido	25% (42)
polido	75% (126)
Total geral	100,00% (168)

Como visto, apenas 25% dos dados da construção intensiva de atribuição transitiva – *Joana está se querendo* – se demonstrou ser utilizada em contextos de impolidez, enquanto 75% se apresenta em contextos de polidez.

(144) @OSOIDIS Essa descaracterização da Juma toda se querendo pro lado do cunhado assediador só podia ser obra do capeta mesmo...

(145) essa naiara ta se querendo TANTO hoje, como é bom ver ela assim

No exemplo (144) temos um exemplo de contexto de impolidez, uma vez que o falante afirma que o fato de *Juma* estar *se querendo* é consequente a uma *obra do capeta*, algo intrinsecamente negativo no contexto sociocultural brasileiro. Já em (145), temos um exemplo do uso da construção intensiva de atribuição transitiva – *naiara ta se querendo* – em um contexto polido, o que pode ser captado pelo comentário do falante acerca desse estado do sujeito: *como é bom ver ela assim*, portanto, esse estado de *naiara* agrada o falante.

5.5 A rede construcional: links entre as construções estudadas

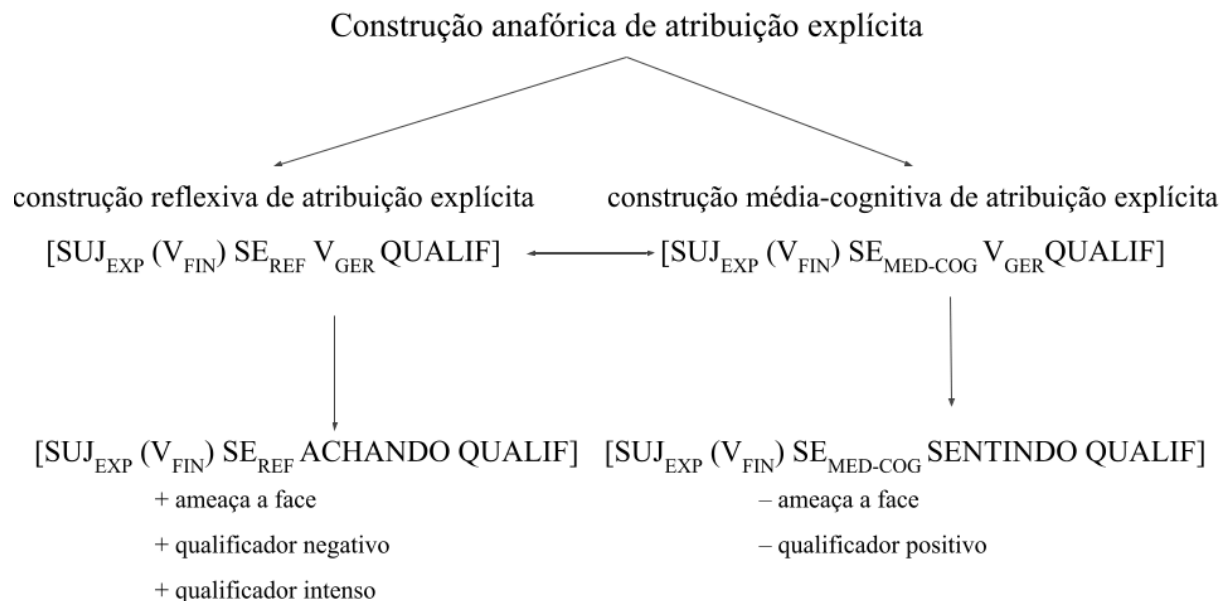
Nesta seção propomos que a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – estabelece um link horizontal com a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha*. Essas construções estão ligadas por serem instâncias da construção mais esquemática [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{ANAF} V_{GER} QUALIF].

A construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* –, por sua vez, liga-se por subparte à construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana se acha*. Esta última se expande para a possibilidade de novos verbos poderem ser recrutados para o *slot* do verbo no gerúndio ao licenciar o uso de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Pedro está se sentindo* –, com o verbo *sentir*. Daí, emerge um padrão mais geral, qual seja, o da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}].

Por fim, a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] motiva o surgimento de uma outra construção, com o verbo *querer*. A construção intensiva de atribuição transitiva é notada como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo*. Nessa construção, como se vê, o *slot* do verbo é lexicalmente especificado. Diferentemente da construção intensiva de atribuição implícita com *sentir* e *achar*, com verbos cognitivos e qualificador positivo e intensivo implícito, a construção com *querer* herda as propriedades formais da construção dominante, porém não prevê um qualificador implícito, mas uma relação transitiva, de transferência de energia, no caso, volitiva, que reverte para atribuir positividade intensiva ao SUJ; em outras palavras, alguém desejar o sujeito faz dele um ser desejável.

Dito isso, passemos a olhar a rede construcional:

Figura 6 – Rede construcional (construção anafórica de atribuição explícita)



As construções anafóricas de atribuição explícita se relacionam horizontalmente entre si e são mais composicionais do que as construções intensivas de atribuição implícita, como será demonstrado.

(146) tá se achando a última bolacha do pacote né kkkkkkkkkkkk

Em (146), temos o verbo *achar*, que, como já apresentado, pode expressar *supor* ou *presumir*, sendo utilizado para expressar uma opinião. Pode-se dizer que em (146) afirma-se que o sujeito, não explícito na oração, supõe, presume, que seja a última bolacha do pacote. Juntando o sentido de cada parte da construção, é possível interpretar seu sentido mais global. Comparemos com o exemplo a seguir:

(147) Eu tô desconfiado que Gabriel gol faça uns dois gols hoje, pq ele faze sai se achando

Em (147), não é possível compreender a construção somando o sentido de cada uma de suas partes. O que *Gabriel Gol* supõe ou presume? Não está sintaticamente especificado. Porém, comparando-a com (146), é possível perceber que seus significados são muito semelhantes: nos dois casos existe um sujeito que *supõe* algo muito bom acerca de si mesmo e um teor crítico por parte do falante.

Feita essa diferença, retomamos a ideia de que construções mais abstratas que estão no topo da rede construcional motivam propriedades de construções mais específicas conectadas a ela que ocupam uma posição mais abaixo. A construção dominante pode licenciar inúmeras construções mais específicas, menos esquemáticas, enquanto essas construções específicas podem se interinfluenciar, ainda que não interajam diretamente entre si.

Havendo expansão da classe hospedeira na construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Maria está se achando* –, esta passa a aceitar também o verbo *sentir*, licenciando o uso de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Pedro está se sentindo* –, como exemplificado em (152). Representamos essa construção, de maneira mais abstrata, como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], podendo tanto *achando* como *sentindo* preencherem o slot V_{GER}.

(148) Joyce se sentindo de carona hoje com meu pai, mereço! ❤️ 😊

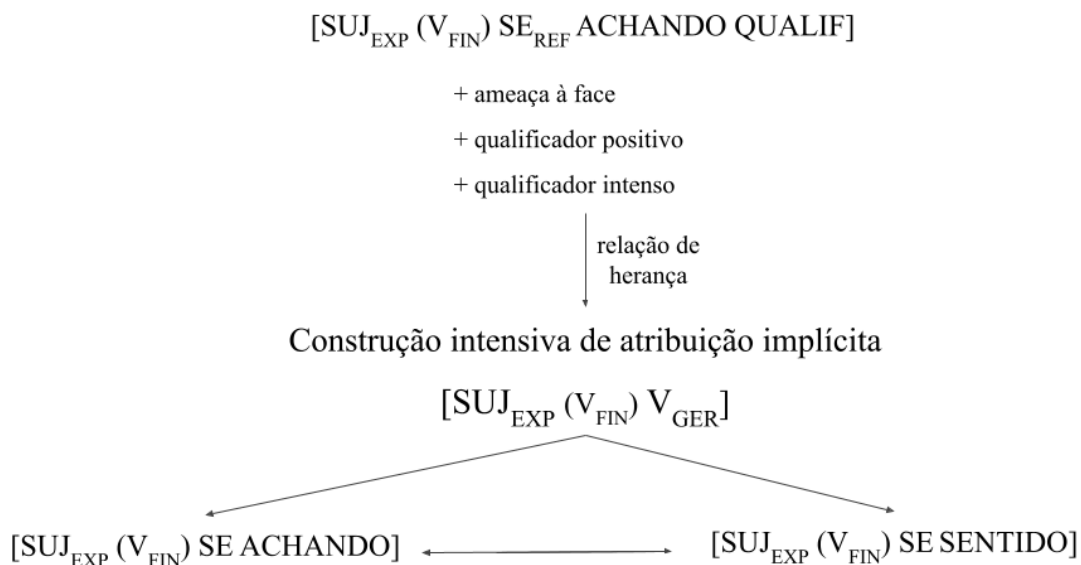
Em (148) o verbo utilizado é *sentir* e o mais comum é que esse verbo não seja o escolhido para preencher o *slot* V_{GER} em contextos de crítica. Isso se dá por uma herança dos traços da construção $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF]$ – *Maria está se sentindo estranha*. Sendo assim, $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO]$ – *Marcos está se sentindo* – herda traços tanto de $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF]$ como de $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO]$.

Com base nisso, temos $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO]$ – *Ana está se achando* – e $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO]$ – *Marcos está se sentindo* – como construções que se relacionam horizontalmente entre si e verticalmente com $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF]$ e $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF]$, possuindo, como principal característica semântica um sujeito experienciador de autoestima elevada e estando abaixo das últimas na rede construcional.

(149) ta se sentindo e mal sabe q tá é passando vergonha

O exemplo em (149) nos mostra que o uso de $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO]$ – *Pedro está se sentindo* – em contextos negativos – reforçado por *tá é passando vergonha* – é permitido, ainda que não seja o mais frequente, sendo esta uma característica herdada da construção $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}]$, nas quais predominam os traços de $[SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF]$ – *Pedro está se achando o máximo*. Tais relações podem ser representadas da seguinte forma:

Figura 7 – Relações de herança (construções intensivas de atribuição implícita)



Como podemos ver, a construção mais esquemática [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] se relaciona verticalmente com as construções [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* –, enquanto as duas últimas se relacionam horizontalmente entre si.

Por fim, em relação à construção – [SUJ_{EXP} [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* –, argumentamos que esta herda formalmente o padrão [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] da construção intensiva de atribuição implícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], entretanto, como já dito, apresenta propriedades idiossincráticas, tais como a especificidade lexical, o tipo semântico do verbo e a atribuição via transferência de energia associada a volição. O teor volitivo, embora opacificado, é recuperável na construção de forma mais ou menos evidenciada:

(150) Ari já tá todo se querendo pra chiara enquanto a mulher dele tá lá no Maranhão trabalhando pra sustentar ele. É um embuste mesmo #Travessia

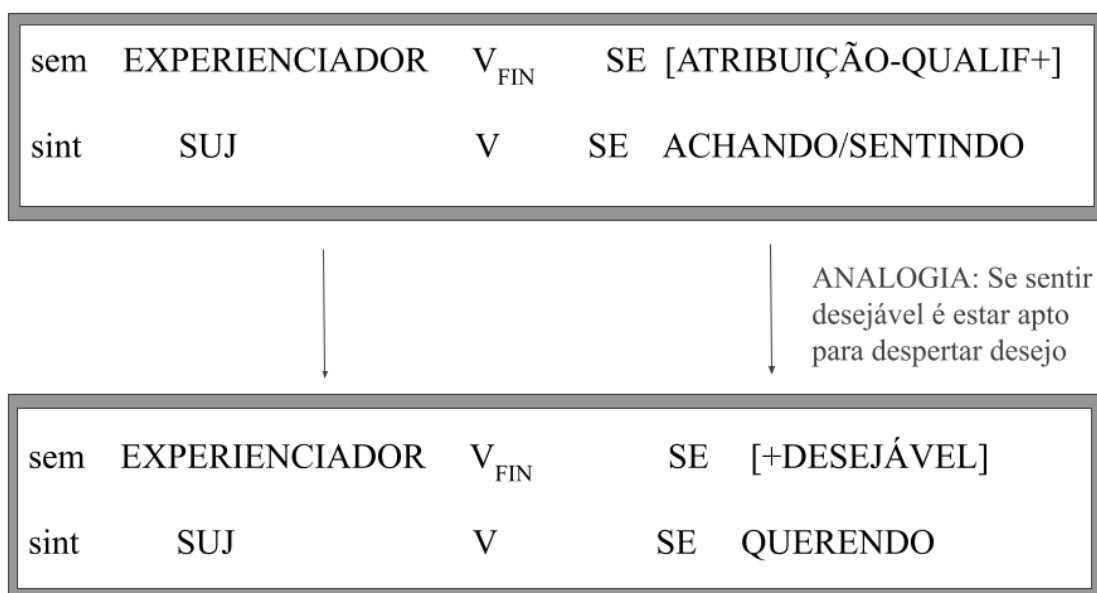
Em (150) *Ari*, personagem da novela *Travessia*, está *se querendo pra Chiara*. O vestígio do caráter volitivo do verbo *querer* aqui se manifesta na expressão de desejo sexual que ele projeta em *Chiara*: ele a deseja, ele a *quer* e espera despertar esse desejo nela. O uso da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Ari já tá todo se querendo* – em vez de *Ari quer Chiara* enfatiza não só a potencial capacidade que *Ari* acredita possuir de despertar desejo em *Chiara*, mas seu comportamento intencional de atraí-la e levá-la a desejá-lo

também. Ele se sente atraente – e por isso está *se querendo* – e espelha seu desejo na personagem.

Argumentamos que a gramaticalidade da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* – é a de que as instâncias menos esquemáticas da construção com o qualificador implícito no gerúndio resultaram na construção com o verbo *querer*, que exhibe propriedades idiossincráticas. Postulamos que a construção intensiva de atribuição transitiva [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] se conecta com a construção intensiva de atribuição implícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] por um processo no qual o falante associa a experiência de pressupor algo extremamente positivo acerca de si próprio – surgida em *se achando* e estendida a *se sentindo* – com a ideia de ser potencialmente capaz de despertar desejo no outro.

Sendo assim, é possível questionar-se de que maneira explicar a analogia que licencia o uso de [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* – no português brasileiro. Para solucionar essa questão, propomos que as construções intensivas de atribuição implícita [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Ana está se achando* e *Marcos está se sentindo*, respectivamente – estão ligadas à construção intensiva de atribuição transitiva [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] por um processo no qual o falante associa a experiência de se autoavaliar de maneira altamente positiva (intrínseco a *se achando* e *se sentindo*) com sua aptidão para potencialmente despertar o desejo do outro. Desse modo, numa escala de desejo *se sentir* desejável seria potencialmente *despertar o desejo no outro*.

Figura 8 – Analogia entre as construções



O gerúndio parece ser a forma motivadora da construção para que um verbo transitivo e não-avaliativo incorpore em sua semântica a interpretação de *se sentir desejável* e a assunção de sua potencialidade para despertar o desejo alheio. Em outras palavras, é através do verbo *querer*, que expressa desejo, que a semântica *se sentir desejável é estar disponível para despertar desejo no outro* é incorporada na construção, assumindo sua potencialidade para ser desejado (objeto de desejo) pelo outro (desejante). Nas construções intensivas de atribuição implícita – *Ana está se achando* e *Marcos está se sentindo* – o outro não é considerado, apenas na construção intensiva de atribuição transitiva – *Joana está se querendo*. Ademais, a forma do verbo no gerúndio parece ser a motivação para que a analogia ocorra entre as construções intensivas de atribuição implícita e a construção intensiva de atribuição transitiva, o traço +durativo do verbo atribuído pelo gerúndio leva à interpretação de um estado psicológico do sujeito que se faz válido durante um período de tempo determinado e não uma característica intrínseca ao sujeito.

Por fim, cabe observar que posto que a semântica da construção intensiva de atribuição transitiva – *Joana está se querendo* – considera o outro, ela é facilmente combinável com uma estrutura bitransitiva como a apresentada em (151).

(151) @HIJKUL @ISKKEPL Acho que tu tá se querendo pra ele...

Essa bitransitividade se limita à construção intensiva de atribuição transitiva, não ocorrendo com as intensivas de atribuição implícita.

(152) *Acho que tu tá se achando pra ele

(153) *Acho que tu tá se sentindo pra ele

Como apresentado, as construções intensivas de atribuição implícita são bloqueadas pela transitividade.

6. CONCLUSÃO

Esta dissertação buscou descrever as construções anafóricas de atribuição explícita – tais como *Pedro tá se achando o máximo* e *Maria tá se sentindo estranha* –, as construções intensivas de atribuição implícita – como *Marcos tá se sentindo* e *Ana tá se achando* – e a construção intensiva de atribuição transitiva – como *Joana tá se querendo* –, bem como compreender suas relações de herança e descrever seus aspectos semântico-pragmáticos. A fim de atingir tais objetivos, foram analisados 568 dados integralmente retirados da rede *X*, antigo *Twitter*, e foram utilizados critérios previamente estabelecidos para investigar as construções, tais como gênero do falante, gênero do sujeito, simetria, se estas eram utilizadas em atos de fala polidos ou impolidos, se as construções se combinam mais com qualificadores positivos ou negativos e se esses qualificadores são (+) intensivos ou (-) intensivos, os três últimos se demonstraram os de maior relevância para a nossa pesquisa. Importa comentar que a todo tempo foram tomados em consideração os contextos de uso de cada dado.

Com base em tais análises, constatamos que as construções anafórica de atribuição explícita e intensiva de atribuição implícita, ao serem utilizadas com o verbo *achar*, como em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{REF} ACHANDO QUALIF] – *Pedro está se achando o máximo* – e em [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, respectivamente, enfatizam o processo reflexivo, uma pressuposição que o sujeito experienciador possui acerca de si, o que influencia para que tal construção seja mais comumente utilizada nos casos em que a motivação para que o sujeito esteja *se achando* seja descredibilizada. Utilizando-se da construção reflexiva de atribuição explícita, o falante sugere que o qualificador expressa um pensamento que o referente possui acerca de si próprio com o qual o falante não necessariamente concorda.

Entretanto, a escolha pelo verbo *sentir*, tanto na construção anafórica de atribuição explícita como na intensiva de atribuição implícita, respectivamente [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] – *Maria está se sentindo estranha* –, enfatiza o processo perceptivo. Não por acaso, nos casos em que [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE_{MED-COG} SENTINDO QUALIF] são utilizadas para se referir a uma terceira pessoa, a motivação para que o sujeito experienciador se encontre nesse estado na maioria dos casos não é invalidada, visto que *sentir* trata-se de uma experiência individual ligada a *sensação*, diferentemente de uma opinião – expressa por *achar* –, que é passível de discordância.

O uso das construções que herdaram a forma [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO] – *Marcos está se sentindo* – e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE QUERENDO] – *Joana está se querendo* –, o falante expressa que esse é um estado no qual o sujeito experienciador se encontra.

Ao que diz respeito à descrição da construção, quanto ao *gênero do falante* comprovamos que de fato há um equilíbrio no gênero dos falantes da construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* –, enquanto no caso da construção média-cognitiva de atribuição explícita – *Maria está se sentindo estranha* – os falantes são majoritariamente do gênero feminino, confirmando nossa hipótese de que não haveria diferença significativa entre um gênero e outro.

O critério *gênero do sujeito* não se mostrou uma questão relevante no uso das construções. Constatamos que construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* – é mais utilizada para se referir a homens do que a mulheres, enquanto a construção média-cognitiva de atribuição explícita – *Maria está se sentindo estranha* – se refere a mulheres e a homens quase que na mesma medida, havendo uma diferença de menos de 2% a mais para homens, diferente do que supomos na nossa hipótese.

O fator *simetria*, embora também tenha se demonstrado irrelevante, nos mostrou que, dentre os casos em que foi possível reconhecer o gênero tanto do falante como do sujeito, a maioria é simétrica, mas para as duas construções isso representa menos da metade dos casos totais, não sendo possível chegar a uma conclusão definida devido à impossibilidade de averiguar o gênero de todos os falantes e sujeitos dos dados analisados.

Ao avaliar os contextos em que cada uma delas ocorre, percebemos que tanto a construção reflexiva de atribuição implícita como a construção intensiva de atribuição implícita com o verbo *achar* – respectivamente *Pedro está se achando o máximo* e *Ana está se achando* – são muito mais utilizadas em contextos impolidos, nos quais o falante se dirige indiretamente ao sujeito experienciador – ou fala sobre ele de forma a menosprezá-lo, criticá-lo ou debochar desse sujeito. Apesar de isso poder ser feito também através da construção média-cognitiva de atribuição explícita e com a construção intensiva de atribuição implícita com o verbo *sentir*, esse não se trata do seu uso comum, posto que a construção [SUJ_{EXP} V_{FIN} SE SENTINDO] é utilizada majoritariamente em contextos polidos, comprovando a nossa hipótese relacionada à polidez.

Quanto à hipótese referente à natureza dos qualificadores, comprovamos que a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* – efetivamente se combina mais com qualificadores positivos, especialmente ao se referir a outra pessoa; e

que a construção média-cognitiva de atribuição implícita – *Maria está se sentindo estranha* – se combina mais vezes com qualificadores negativos, também comprovando a nossa hipótese.

No que tange à intensividade dos qualificadores, apuramos que a construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* – se combina mais com qualificadores intensivos, principalmente se esse qualificador for positivo, já que os qualificadores negativos se demonstraram quantitativamente equilibrados entre (+) intensivos e (-) intensivos. Quanto à construção média-cognitiva de atribuição implícita – *Maria está se sentindo estranha* –, a intensividade não se mostrou relevante, pois apesar de a maioria ser (-) intensiva, a diferença entre eles é de menos de 7%.

Já sobre a organização das construções estudadas na rede construcional, podemos afirmar que a construção intensiva de atribuição implícita com o verbo *achar*, representada formalmente como [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] – *Ana está se achando* –, foi formada a partir de um link de subparte da construção reflexiva de atribuição explícita – *Pedro está se achando o máximo* –, herdando sua forma e os traços (+) intensivo e o teor positivo do qualificador, sendo também majoritariamente utilizada em contextos de impolidez.

Havendo os verbos *achar* e *sentir* um ponto em comum – no qual o *sentir* pronominal seria consequência de uma sensação ou estímulo psíquico (BARROS, 2013), e *achar* fruto de reflexão, além de o *achar* pronominal expressar um sujeito que *percebe-se* de determinada forma (KANTHACK; SANTOS, 2020), enquanto *sentir* está diretamente relacionado a *perceber* –, a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] se estende ao verbo *sentir*, ocorrendo expansão da classe hospedeira, de modo que o uso da construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}] com o verbo *sentir* passa a ser licenciado. A partir disso, no topo da construção temos [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], que se relaciona verticalmente com [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE ACHANDO] e [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE SENTINDO], que, por sua vez, se relacionam horizontalmente entre si.

Já a construção intensiva de atribuição transitiva – *Joana está se querendo* –, motivada pela analogia de forma às construções intensivas de atribuição implícita, herda as propriedades positivo e (+) intensivo. Acerca de sua semântica, expressa um sujeito que se sente atraente e está disposto a despertar desejo nos outros. Na rede construcional, ela se relaciona horizontalmente com a construção [SUJ_{EXP} (V_{FIN}) SE V_{GER}], que está no topo.

Ainda há muito que poderia ser dito sobre o tema, tanto no âmbito da LC quanto na sua relação com os discursos que permeiam a sociedade, e diversos outros aspectos merecem ser explorados acerca das construções aqui abordadas, como um aprofundamento na temática de como as relações de gênero no contexto sociocultural do Brasil interferem no uso de cada uma dessas construções, posto que essa questão se demonstra muito mais complexa do que o

recorte que foi possível apresentar neste trabalho. Vale ainda, num momento futuro, avaliar usos em que o clítico utilizado é *me* em vez de *se*, casos em que o falante se refere a si próprio.

Em resumo, esta dissertação trouxe reflexões acerca de construções não antes abordadas na literatura linguística, contribuindo para a descrição da Língua Portuguesa e para os estudos sobre construções idiomáticas.

8. REFERÊNCIAS:

ALONSO, Karen Sampaio Braga; SANTOS, Débora Cristina Ribeiro. Análise qualitativa da construção de autoavaliação superestimada no português brasileiro. Rio de Janeiro: Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.13, Número 2, julho-dezembro, 2022.

BARBOSA-SANTOS, Leticia de Almeida. O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização. Tese (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 110 p. 2019.

BARDDAL, Jóhanna. Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic. University of Bergen, 2008.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). Usage based models of language. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BARROS, Fernanda Martins. Variação Semântica e Identidade: Um estudo dos verbos sentir e perceber. Teresina, Piauí: Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Piauí, 2013.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa, 39ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira/ Editora Lucerna, 2019.

BORBA, Francisco da Silva. Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo, 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

BRAGA, M. L.; CORIOLANO, J. Construções Gerundivas no Português Brasileiro. Alfa, São Paulo, v.51, n.1, p.175-187, 2007

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Politeness: some universals in language use. New York/ Melbourne: University of Cambridge, 1978, *reissued* 1987 with corrections.

BYBEE, Joan. *Language, Use and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da categoria de voz média no português. Universidade Estadual de São Paulo, São José do Rio Preto, Revista D.E.L.T.A 19:1 (p. 91-122), 2003.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista. Campinas: Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. São Paulo: Revista Estudos Linguísticos, 40 (1): p. 82-91, jan-abr 2011.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. Vitória da Conquista: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*. 1. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2019. 306 p.

FERRARI, Lilian. Introdução à Linguística Cognitiva. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 171 p.

FERRARI, Valéria Vendrame. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivo-funcional. Rio de Janeiro: Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, número 1, junho de 2012.

FERREIRA, Ediene Pena. Gramática e cognição: uma análise dos verbos chegar, querer e resolver. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 63-78, set. 2018.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. O *achar* no português do Brasil: um caso de gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

GARCIA, Guilherme D. *Data visualization and analysis in second language research*. Nova Iorque: Routledge, 2021.

GODOY, L. O status argumental do clítico reflexivo *se* em português. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009a, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Idéia, 2009a. p. 2607-2613.

GODOY, Luisa; PINHEIRO, Diogo. A rede gramatical das construções com *se* no português brasileiro. Rio de Janeiro: SOLETRAS, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, Editora UERJ, n. 45, p. 123-150, jan.-abr. 2023.

GOLDBERG, Adele. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Construction: A new theoretical approach to language*. TRENDS in cognitive science, vol. 7. Urbana: University of Illinois, 2003.

GOLDBERG, Adele. *Explain Me This*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HABLER, Gerda. Marcadores de evidencialidade no português do Brasil. Rio de Janeiro: Confluência Linceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 148-177, junho de 2021.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgo: University Press Ltd, 2014.

KANTHACK, Gessilene Silveira; SANTOS, Iolanda Ferreira dos. Deslizamentos funcionais do verbo *achar*: gramaticalização em evidência. Feira de Santana, Bahia: Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 21, n. 1, p. 273-284, janeiro-abril de 2020.

LANGACKER, Ronald W. Subjetification. *Cognitive linguistics*, Nijmegen, n.1, p.5-37, 1990.

LANGACKER, Ronald W. *Grammar and conceptualization*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2000.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Nova Iorque: Oxford, 2008.

MATOS, Vanessa Cristina Santos. Um Estudo Histórico das Relações de Gênero e Classe. *Revista Multidisciplinar da UNIEP, Saber Acadêmico nº7*. São Paulo, Junho de 2009.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. São Paulo, *Revista Alfa* 60 (2): 233-259, 2016.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de Oliveira; CEZARIO, Maria Maura; FURTADO, Maria Angélica; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha; MACKENZIE, J. Lachlan; FERRARI, Lilian; PINHEIRO, Diogo; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito; HUMMEL, Martin; BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Tânia Cristina; PEZATTI, Erotilde Goreti; CAMANHO, Roberto Gomes; OLIVEIRA, Taísa Peres de; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes; BRAGA, Maria Luiza; DIAS, Nilza Barroso. *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017.

OLIVEIRA, R. P. de. O Menino Tá Todo Triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. Curitiba: *Revista Letras*, Editora UFPR, n. 61, especial, p. 191-210, 2003.

PARREIRA, Ana Caroline de Lima. Gramaticalização de orações avaliativas completivas do verbo achar. Tese (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 162 f. 2014.

PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

SILVA, J. A. C. A Exploração das Máximas Conversacionais de Grice com estratégia argumentativa em charges e comentários no Instagram. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos - Faculdade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

SOUSA, Fernanda Cunha. Volição, Futuridade, *Irrealis*: gramaticalização nas construções com o verbo *querer*. Tese de doutorado em Linguística - Faculdade de Letras da Universidade de Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2011.

TOMASELLO, Michael. Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Constructionalization and Constructional Changes, Oxford: Oxford University, 2013.